



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOSÉ EDUARDO RODRIGUES

A SANTIDADE DO POVO DE DEUS
NOTAS TEOLÓGICAS DO CONCÍLIO VATICANO II E SEUS DESDOBRAMENTOS
NA GAUDETE ET EXSULTATE

SÃO PAULO

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

JOSÉ EDUARDO RODRIGUES

A SANTIDADE DO POVO DE DEUS
NOTAS TEOLÓGICAS DO CONCÍLIO VATICANO II E SEUS DESDOBRAMENTOS
NA GAUDETE ET EXSULTATE

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia sob a orientação do Professor Doutor Ney de Souza.

SÃO PAULO

2022

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data São Paulo, 18 de julho de 2022.

e-mail professorjer@gmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

RODRIGUES, JOSÉ EDUARDO
A SANTIDADE DO POVO DE DEUS, NOTAS TEOLÓGICAS DO
CONCÍLIO VATICANO II E SEUS DESDOBRAMENTOS NA
GAUDETE ET EXSULTATE / JOSÉ EDUARDO RODRIGUES. --
São Paulo: [s.n.], 2022.
163p ; 21x29,7 cm.

Orientador: NEY DE SOUZA.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Teologia.

1. Santidade. 2. Concílio Vaticano II. 3. Lumen
Gentium. 4. Gaudete et Exsultate. I. SOUZA, NEY DE.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia. III.
Título.

CDD

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ney de Souza – PUC-SP

Prof. Dr. Edécio Serafin Ottaviani – PUC-SP

Prof. Dr. Luís Corrêa Lima – PUC-RJ

AGRADECIMENTO A CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NÚMERO DE PROCESSO: 8888.662131/2022-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à **Adveniat** e a **FUNDASP- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)**, pelo apoio financeiro concedido,

ao professor **Dr. Ney de Souza**, por me orientar com competência e paciência, aos professores **Dr. Edelcio Ottaviani** e **Dr Antonio Genivaldo** por suas preciosas observações na Banca de Qualificação,

ao professor Prof. **Dr. Luís Corrêa Lima**, por ter aceitado o convite de participar da banca avaliadora,

aos **amigos Sacerdotes**, que contribuíram com materiais e ensinamentos para esta pesquisa,

aos colegas alunos e membros professores do **Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP**, por me terem feito participar de suas pesquisas avançadas,

aos colaboradores da secretaria, informática e biblioteca, pela preciosa ajuda durante minhas pesquisas,

à minha esposa **Áurea Prates Rodrigues**, que sempre esteve ao meu lado, sendo carne da minha carne, nas alegrias e tristezas durante esta trajetória, ouvindo, discernindo e aconselhando.

aos meus pais, **Frederico Rodrigues Oliver** (in memoriam) e **Antonia Gomes Rodrigues**, pela formação na vida cristã.

a **Dario Chaves** e **Fernanda Matsiko Inoue**, pela revisão do português deste estudo.

a **Mariana Barros Ferreira Chaves** e **Geofrei Boriga**, pela revisão e versão do Abstract deste estudo.

LISTA DE SIGLAS

Documentos do Concílio Vaticano II

AA	<i>Apostolicam actuositatem</i> . Decreto sobre o Apostolado dos Leigos
AG	<i>Ad gentes</i> . Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja
CD	<i>Christus Dominus</i> . Decreto sobre o <i>Múnus</i> Pastoral dos Bispos
DH	<i>Dignitatis humanae</i> . Declaração sobre a Liberdade Humana
DV	<i>Dei verbum</i> . Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina
GE	<i>Gravissimum educationis</i> . Declaração sobre a Educação Cristã
GS	<i>Gaudium et spes</i> . Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual
IM	<i>Inter mirifica</i> . Decreto sobre os Meios de Comunicação Social
LG	<i>Lumen gentium</i> . Constituição Dogmática sobre a Igreja
NA	<i>Nostra aetate</i> . Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não Cristãs
OE	<i>Orientalium ecclesiarum</i> . Decreto sobre as Igrejas Orientais Católicas.
OT	<i>Optatam totius</i> . Decreto sobre a Formação Sacerdotal
PC	<i>Perfectae caritatis</i> . Decreto sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa
PO	<i>Presbyterorum ordinis</i> . Decreto sobre o Ministério e Vida dos Presbíteros
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> . Constituição sobre a Sagrada Liturgia
UR	<i>Unitatis redintegratio</i> . Decreto sobre o Ecumenismo

Documentos do Papa e da Santa Sé

ADS	<i>Aeterna Dei Sapientia</i> . Carta Encíclica
AN	<i>Aetatis Novae</i> . Instrução Pastoral Sobre as Comunicações Sociais
AS	<i>Apostolica Sollicitudo</i> . Carta Apostólica emitida motu próprio, P.P. VI.
CA	<i>Centesimus annus</i> . Encíclica social de J.P.II (1991), no centenário da RN
CEC/CIC	<i>Catechisme de l'Église Catholique</i> . Catecismo da Igreja Católica
CL	<i>Christifideles laici</i> . Exortação apostólica Pós-sinodal de J.P. II (1988) sobre os Leigos
CT	<i>Catechesi tradendae</i> . Exortação apostólica Pós-sinodal de J.P. II (1978) sobre Catequese
DC	<i>Dominicae cenae</i> . Carta aos Bispos de J.P. II (1980) sobre a Eucaristia

DD	<i>Dies Domini</i> . Carta apostólica de J.P. II (1998) sobre o Domingo
DM	<i>Dives in misericordia</i> . Encíclica de J. P. II (1980) sobre Deus- Pai misericordioso
DV	<i>Dominum et vivificantem</i> . Encíclica de J.P. II (1986) sobre o Espírito Santo.
DV	<i>Donum vitae</i> . Instr. da Congr. da Doutr. da Fé (1987) sobre a Vida Humana
EAF	<i>Ecclesia in Africa</i> . Exortação ap. Pós- sinodal de J. P. II (1995)
EAm	<i>Ecclesia in America</i> . Exortação apostólica Pós- sinodal de J. P. II (1999)
EAs	<i>Ecclesia in Asia</i> . Exortação apostólica Pós- sinodal de J. P. II (1999)
EE	<i>Ecclesia de Eucharistia</i> . Encíclica de J.P. II (2003) no seu Jubileu de Pontífice
EE	<i>Ecclesia in Europa</i> . Exortação apostólica Pós- sinodal de J. P. II (2003)
EG	<i>Evangelii Gaudium</i> , Exortação apostólica do Papa Francisco: A Alegria do Evangelho
EN	<i>Evangelii nuntiandi</i> . Exortação apostólica de Paulo VI (1975) sobre a Evangelização
EO	<i>Ecclesia in Oceania</i> . Exortação apostólica Pós- sinodal de J. P. II (2001)
ES	<i>Ecclesiam suam</i> . Encíclica programática de Paulo VI (1964) sobre o Diálogo
FC	<i>Familiaris consortio</i> . Exortação apostólica Pós- sinodal de J.P. II (1980).
FR	<i>Fides et ratio</i> . Encíclica de J.P. II (1998) sobre a Fé e o Pensamento Moderno.
GE	<i>Gaudete Et Exsultate</i> . Exortação Apostólica do Papa Francisco: Sobre A Chamada À Santidade no Mundo Atual
HS	<i>Humanae Salutis</i> . Constituição Apostólica do Sumo Pontífice João XXIII Para a Convocação do Concílio Vaticano II
LE	<i>Laborem exercens</i> . Encíclica social de J.P. II (1980) sobre o Trabalho Humano.
MM	<i>Mater et Magistra</i> . Encíclica social de João XXIII (1961).
NMI	<i>Novo millennio ineunte</i> . Carta programática. de J. P. II (2001) para o 3º Milénio.
OA	<i>Octagesima adveniens</i> . Carta apostólica social de Paulo VI (1971).
PDV	<i>Pastores dabo vobis</i> . Exortação. apostólica Pós- sinodal de J.P. II (1992) sobre o Clero.

PG	<i>Pastores gregis</i> . Exortação, apostólica Pós- sinodal de J.P. II (2003) sobre os Bispos.
PP	<i>Populorum progressio</i> . Encíclica de Paulo VI (1967) sobre o Desenvolvimento.
PT	<i>Pacem in Terris</i> . Encíclica social de João XXIII (1963) sobre a Paz no Mundo.
QA	<i>Quadragesimo anno</i> . Encíclica social de Pio XI (1931) sobre a Questão social.
RH	<i>Redemptor hominis</i> . 1ª Encíclica de J.P. II (1979) sobre Jesus Cristo.
RM	<i>Redemptoris Mater</i> . Encíclica de J.P. II (1987) sobre Maria.
RM	<i>Redemptoris Missio</i> . Carta encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário
RM.	<i>Redemptoris missio</i> . Encíclica missionária de J.P. II (1990).
RN	<i>Rerum novarum</i> . Encíclica social de Leão XIII (1891) sobre a Questão Operária.
RP	<i>Reconciliatio et Paenitentia</i> . Exortação apostólica de J. P. II (1984).
SD	<i>Salvifici Dolores</i> . Carta de J. P. II (1984) sobre o Sentido do Sofrimento.
SRS	<i>Sollicitudo rei socialis</i> . Encíclica social de J.P. II (1987)
VC	<i>Vita consecrata</i> . Exortação apostólica pós-sinodal de J.P. II (1996) sobre os Religiosos.
VS	<i>Veritatis splendor</i> . Encíclica de J.P. II (1993) sobre o Pensamento Moderno.

Outras siglas e abreviaturas

A.C.	Ação Católica
a.C.	antes de Cristo
A.L.	Ano Litúrgico
AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i> , publicação oficial da Santa Sé
ant.	antífona
Ap. ap.	Apostólico/a
aram.	aramaico, arameu
arc.	arcebispo
Ass.	Assembleia
AT	Antigo Testamento

C. de J.	Companhia de Jesus (Jesuítas)
cap., caps.	capítulo, capítulos
CB	Cerimonial dos Bispos
CCD	Congregação do Culto Divino
CDF	Congregação da doutrina da Fé
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CEI	Conselho Ecuménico das Igrejas
CELAM	Conselho dos Episcopados Latino- Americanos
CF	Campanha da Fraternidade
Cf., cf.,	Confira (compare, conforme, consulte)
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Conc.	Concílio
Congr.	Congregação
Const.	Constituição (apostólica)
Covid-19	Doença causada pelo novo coronavírus conhecido como SARS-CoV-2
d.C.	depois de Cristo
DDDS	Congregação da Disciplina dos Sacramentos
Decl.	Declaração
Decr.	Decreto
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
Dom.	Domingo
Doutr.	Doutrina
DPPL	Diretório da Piedade Popular e Liturgia (2001), ed. A.O. e Paulinas
DSI	Doutrina Social da Igreja
E. S.	Espírito Santo
Ed. , ed.	Edição, editorial
Enc.	Encíclica
Ev.	Evangelho
Exort.	Exortação (apostólica)
gr.	grego/a

hebr.	hebraico, hebreu
i.e.	lat., id est = isto é
Instr.	Instrução
J.C.	Jesus Cristo
lat.	latim, latino
Lit., lit.	Liturgia, liturgia
NT	Novo Testamento
OR	L'Osservatore Romano
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
SD	Santo Domingo, Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano
séc., sécs.	Século, séculos
SS.	Santíssimo/a, Sagrado, Santíssimo Sacramento
V.	Ver
Vat II	Concílio Vaticano II
Vat.	Vaticano
vers.	versículo

Abreviaturas dos Livros da Bíblia

Antigo testamento

Pentateuco

Gn	Gênesis
Ex	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio

Livros Históricos

Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1º de Samuel
2Sm	2º de Samuel
1Rs	1º dos Reis
2RS	2º dos Reis
1Cr	1º das Crônicas
2Cr	2º das Crônicas

Esd	Esdras
Ne	Neemias
Tb	Tobite
Jdt	Judite
Est	Ester
1Mac	1º dos Macabeus
2Mac	2º dos Macabeus

Livros Sapienciais

Jb	Job
Sl	Salmos
Pr	Provérbios
Ecl	Eclesiastes (ou Qohélet)
Ct	Cântico dos Cânticos
Sb	Sabedoria
Sir	Ben Sirá (ou Eclesiástico)

Livros Proféticos

Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações
Br	Baruc
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias
Jl	Joel
Am	Amós
Abd	Abdias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias

Novo Testamento

Evangelhos e Atos dos apóstolos

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos dos apóstolos

Cartas de São Paulo

Rm	Romanos
1Cor	1ª aos Coríntios
2Cor	2ª aos Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fl	Filipenses
Cl	Colossenses
1Ts	1ª aos Tessalonicenses
2Ts	2ª aos Tessalonicenses
1Tm	1ª a Timóteo
2Tm	2ª a Timóteo
Tt	Tito
Flm	Filémon
Heb	Hebreus

Cartas Católicas e Apocalipse

Tg	Tiago
1Pe	1ª de Pedro
2Pe	2ª de Pedro
1Jo	1ª de João
2Jo	2ª de João
3Jo	3ª de João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Na	Naum
Hab	Habacuc
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

RESUMO

Mais de sessenta anos se passaram desde que o Papa João XXIII escreveu a bula papal “*Humanae Salutis*” (25 de dezembro de 1961), surgindo assim a convocação do Concílio Vaticano II. Em ritmo extraordinário, as seções começaram os trabalhos em 11 de outubro do ano seguinte. Este concílio foi um marco de reflexão global da Igreja Católica sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo contemporâneo. Um dos temas abordados neste Concílio foi a santificação dos cristãos. Ao falar em santificação ou canonização dos leigos, do clero e de religiosos em toda a sua estrutura, nesta pesquisa, pode-se correr o risco de acreditar que os cristãos são meros receptores dos dados da fé e não exercem autêntico protagonismo discipular em busca da santidade. Outro aspecto abordado aponta para um caminho voltado ao interior, conduzindo a um novo significado e uma repaginação às estruturas existentes da Igreja. De certo, somente é possível descobrir o que as fontes estabelecidas permitem ver. O que extrapola estes parâmetros somente seriam suposições inferidas ao estudo. A fonte principal estudada nesta pesquisa é documentária. Trata-se das *Acta Apostolicae Sedis* (AAS), publicação oficial da Santa Sé. Além disso, o eixo central que norteia a pesquisa sobre os Aspectos de Santidade se encontra na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, capítulo V - A vocação de todos à Santidade na Igreja (1964) e na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre a Chamada à Santidade no mundo atual (2018), publicada pelo Papa Francisco.

Palavras-chave: Santidade, Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium*, *Gaudete et Exsultate*

ABSTRACT

Over sixty years have passed since Pope John XXIII wrote the papal leaflet “*Humanae Salutis*” (December 25, 1961), thus arising the summons of the II Vatican Council. At an extraordinary rate, the partitions began their work on October 11 of the following year. This council was a milestone of global reflection of the Catholic Church about herself and about her relations with the modern world. One of the themes of this council was the sanctification of the Cristian’s. When talking about sanctification or canonization of the laity, clergy and religious in all her structure, in this study, one might run the risk of believing that Christians are mere recipients of the data of faith and don’t exercise authentic discipline – making leadership in the search for holiness. Another aspect addressed points to an inward – looking path, leading to a new meaning and refurbishment to the existent structures of the Church. Certainly, it is only possible to discover what the established sources allow you to see. What extrapolates this indicator only would be assumptions inferred to the study. The main source studied in this research is documentary. These are the *Acta Apostolicae Sedis* (AAS), the official publication of the Holy See. Furthermore, the central axis that guides the research about the Aspects of Holiness is found in the Dogmatic Constitution *Lumen Gentium*, chapter V. The mission of all to holiness in the Church (1964) and the Apostolic Exhortation *Gaudete et Exsultate*, on the call to holiness in today’s world (2018), published by Pope Francis.

Key words: Santity, II Vatican Council, *Lumen Gentium*, *Gaudete et Exsultate*.

Keywords: Holiness, Second Vatican Council, *Lumen Gentium*, *Gaudete et Exsultate*.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO A CAPES	3
AGRADECIMENTOS	4
LISTA DE SIGLAS	5
Documentos do Concílio Vaticano II	5
Documentos do Papa e da Santa Sé	5
Outras siglas e abreviaturas	7
Abreviaturas dos Livros da Bíblia	10
Antigo testamento	10
Novo Testamento	10
Evangelhos e Atos dos apóstolos	10
RESUMO	11
ABSTRACT	12
SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO	16
Capítulo 1	22
JESUS, MESTRE E MODELO DE SANTIDADE	22
1 Introdução	22
1.1 A Jesus o pilar de sustentação e modelo para toda a santidade	22
1.1.1 A Santidade vida e missão de amor ao Pai	23
1.1.2 O transbordamento de Deus, missão de Jesus	26
1.1.3 A mudança de atitude, perpetuidade da missão	27
1.2 A santidade reflexo do amor de Deus na humanidade	30
1.2.1 O que é Santidade diante da missão?	30
1.2.2 O Discipulado como santidade missionária	31
1.2.3 A discípula Maria Madalena	33
1.2.4 O Discípulo Pedro	36
1.2.5 O discípulo e apóstolo Paulo	37
1.2.6 Os Discípulos André e Simão	38
1.2.7 O Discipulado dos Doze	39
1.3 Um discipulado missionário	39
1.3.1 Maria e José um discipulado missionário em família	41
1.4 O caminho para a santidade	43
1.4.1 O santo já nasce escolhido?	44

1.4.2	O amor-caridade, eixo central da fé e da santidade	47
1.4.3	A esperança, a afirmação central da fé cristã	48
1.4.4	A fé, o verdadeiro amor manifestado pelo filho	50
1.4.5	A conversão, mudança de rumo, de convicção e de ação	51
1.4.6	A liberdade, vitória que abre caminho para a vocação	52
Conclusão		55
Capítulo 2		57
O CRISTÃO E O CHAMAMENTO UNIVERSAL À SANTIDADE		57
2.	Introdução	57
2.1	Os Santos Mártires	57
2.2	A santidade no estado de graça no Brasil	62
2.3	Santo Antônio de Sant' Ana Galvão – Frei Galvão	65
2.4	A credence popular em Santo Antônio de Sant' Ana Galvão – Frei Galvão	73
2.5	Irmã Dulce dos Pobres	75
2.5.1	Irmã Dulce e o afastamento da Igreja	82
2.5.2	Irmã Dulce e a Igreja por perto	83
2.6	A voluntaria Irmã Dulce na construção da Santidade	84
Conclusão		85
Capítulo 3		87
UMA NOVA ATITUDE PASTORAL PARA A VIDA EM SANTIDADE		87
3.	Introdução	87
3.1	Um olhar para a Santidade na luz do Concílio Vaticano II	88
3.2	A santidade nas Constituições do Concílio Vaticano II	90
3.2.1	<i>Dei Verbum</i>	90
3.2.2	<i>Lumen Gentium</i>	92
3.2.3	<i>Sacrosanctum Concilium</i>	96
3.2.4	<i>Gaudium et Spes</i>	98
3.3	A santidade nas Declarações do Concílio Vaticano II	99
3.3.1	<i>Gravissimum Educationis</i>	99
3.3.2	<i>Nostra Aetate</i>	101
3.3.3	<i>Dignitatis Humanae</i>	101
3.4	A santidade nos Decretos do Concílio Vaticano II	103
3.4.1	<i>Ad Gentes</i>	103
3.4.2	<i>Presbyterorum Ordinis</i>	105
3.4.3	<i>Apostolicam Actuositatem</i>	106

3.4.4	<i>Optatam Totius</i>	108
3.4.5	<i>Perfectae Caritatis</i>	109
3.4.6	<i>Christus Dominus</i>	110
3.4.7	<i>Unitatis Redintegratio</i>	111
3.4.8	<i>Orientalium Ecclesiarum</i>	112
3.4.9	<i>Inter Mirifica</i>	113
3.5	Aspectos de santidade Papa Francisco	115
3.6	Aspectos de santidade nas Encíclicas Papa Francisco	116
3.6.1	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> (29 de junho de 2013)	116
3.6.2	Carta Encíclica <i>Fratelli tutti</i> (3 de outubro de 2020)	119
3.6.3	Carta Encíclica <i>Laudato si</i> (24 de maio de 2015)	122
3.7	Aspectos de santidade nas Exortações Apostólicas do Papa Francisco	126
3.7.1	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> : sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013)	126
3.8	Cartas apostólicas, homilias e discursos	127
3.9	Exortações apostólicas	128
3.9.1	Querida Amazônia	128
3.9.2	Christus vivit	129
3.9.3	<i>Gaudete et exsultate</i>	129
3.9.4	<i>Amoris laetitia</i>	130
3.9.5	Francisco e a Santidade no mundo	131
	Conclusão	138
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
	DOCUMENTOS DA IGREJA	148
	TESES E DISSERTAÇÕES	152
	OUTRAS OBRAS CONSULTADAS	153
	DOCUMENTOS ELETRÔNICOS	155

INTRODUÇÃO

Uma primeira aproximação e contextualização ao objeto de pesquisa aqui proposto, a santidade é uma ação unilateral do amor de Deus para com a humanidade. Para que isto fosse possível ser compreendido como o agente iluminador, Aquele que é luz, desde a criação e na história, transcende do Pai e se faz carne (*Sarx*). “A História tem sido [...] dividida, tradicionalmente, de acordo com ‘espacialidades’ e ‘temporalidades’”¹ (GRENZER, 2013). A partir da definição de Deus como Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, e a ação de cada uma dessas pessoas, pode-se corresponder a um sentido específico de “Santidade Divina”. Este sentido de santidade é analisado diante das ações de Jesus de Nazaré. Trazendo nesta primeira parte a concepção teológica da santidade pelos caminhos da justiça e do amor-caridade inseridos nos textos sagrados como seu lugar teológico.

O local teológico que se encontra na historicidade é construído e fundamentado na antropologia de Jesus o filho de Deus, o Cristo diante de um triângulo dogmático onde em cada um dos lados encontram-se a sua divindade e a sua humanidade, e no vértice deste triângulo centraliza-se a sua unidade como pessoa² (cf. CANTALAMESSA, 2021). Em uma perspectiva catequética “Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adotivos”³ (cf. Gl 4, 4-5; CIC 422).

Desde os primeiros padres da Igreja, a fé no Cristo morto e ressuscitado, o qual doa aos homens o Espírito, é a verdadeira luz para que possam ser exercidas as vocações *em busca da santidade do povo de Deus*. Portanto, uma única possibilidade de se chegar à salvação eterna e, com a centralidade de toda história cristológica em Jesus Cristo, Senhor e mestre, que permanece para sempre na doutrina da Igreja como tronco imutável mesmo diante de todas as transformações científicas e tecnológicas que porventura venham existir em suas ramificações. Assim sendo, o Concílio Vaticano II e a sua recepção devem ser compreendidos como sendo, à luz de Cristo, a imagem de Deus invisível que se dirige à

¹ GRENZER, Mattias. *Chico Mendes como Vereador Xapuriense (1977-1982)*. Dissertação Mestrado, PUC-SP, 2013, apud. José D’ Assunção Barros, Teoria da história, p. 214”.

² CANTALAMESSA, Raniero. “*quem de vós pode acusar-me de pecado?*” *Jesus Cristo, “verdadeiro homem”*, Segunda Pregação da Quaresma de 2021, Capuchinhos, Ordem dos Frades Menores, Provincia Portuguesa, Igreja Católica 05.03.2021.

³ CIC 422.

humanidade na sua natureza, para iluminar o mistério da humanidade e cooperar na solução das principais questões dos tempos atuais⁴ (cf. GS 10).

A “Boa-Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Deus visitou o seu povo e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência, fê-lo para além de toda a expectativa e enviou o seu “Filho muito-amado” (cf. CIC 422). Desde o princípio Deus se faz presente como um artista com um pincel em mãos, criando e conservando a beleza da sua criação pela vinda do verbo na terra (cf. Jo, 1,3). Deus dá testemunho de si mesmo para abrir o caminho (cf. Rom. 1, 1-20) e a esperança da salvação (cf. Gn. 3,15).

Pensa-se que a santidade é como o fruto do cuidado de um jardineiro que cuida continuamente da humanidade, seguindo a promessa da vida eterna a todas e todos os que preservam durante a vida a prática das boas obras (cf. Rm 2, 6-7). O único e verdadeiro Deus vivo, pai de misericórdia e justiça⁵ (cf. DV 3). “O envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna”⁶(cf. DV 4).

É possível buscar um Jesus histórico? Jonas Silva Faria entende que sim e existem muitas considerações que podem conciliar os conhecimentos acadêmicos com a vida e ministério de Jesus.

A busca pelo Jesus da história tem mais de 200 anos. No final do século XVIII, um pequeno número de bravos europeus começou a aplicar crítica literária a livros históricos do Novo Testamento. Segundo E. P. Sanders, a pesquisa sobre Jesus escrita durante esse período de 200 anos por estudiosos sérios e determinados trouxe resultados bastante diversificados sobre o assunto, o que levou muitos a pensar que, na realidade, não sabemos nada sobre o Jesus da história. No entanto, essa é uma reação exagerada, uma vez que sabemos muitas coisas. O problema consiste em saber conciliar os nossos conhecimentos com as nossas esperanças e aspirações a respeito da vida e ministério de Jesus⁷ (In. Sanders, 2005, p.21).

Nesta pesquisa o espaço de tempo se refere ao período do Concílio Vaticano II como fonte dos aspectos de Santidades sendo remetidos ao papado de Francisco. Um fator importante para esta pesquisa foram fontes alternativas em decorrência de dificuldades em consultar as atas do Concílio Vaticano II. No mais as experiências aqui apresentadas

⁴ GS 10, CONSTITUIÇÃO PASTORAL. *Gaudium et Spes. Jesus Cristo, resposta e solução da problemática humana.*

⁵ DV 3 CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA. *Dei Verbum, sobre a revelação divina. Preparação da revelação evangélica.*

⁶ DV 4 *Ibidem. Consumação e plenitude da revelação em Cristo.*

⁷ FARIA, Jonas Silva. *Jesus de Nazaré: Sua relação com Deus Pai em Joachim Jeremias e seus desdobramentos*, Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Teologia, Curitiba, 2012, p. 214.

procuram remeter a alternativas de santidade diante das políticas públicas onde o dia a dia nos grandes centros impõe à humanidade o seu ritmo que deve ser respeitado.

Os aspectos de santidade aqui estudados levam em consideração uma relação antropológica no cotidiano. Neste sentido, pode-se indagar que não existe na humanidade alguém que consiga viver em tempo integral no cotidiano sem que tenha períodos de afastamento, concentração, meditação e repouso.

A busca da santidade deve ter a premissa do engajamento pelo seguimento de Cristo. Para Jorge Costadoat⁸ a espiritualidade deve fazer parte de um primeiro desdobramento da espiritualidade cristã na América Latina e tem a ver com deixar de concebê-la como caminho de santidade e começar a fazê-lo como seguimento de Cristo⁹, ou seja, deve ser associada à própria vocação e à missão de Jesus e suas consequências.

A santidade no tempo e lugar se definem no seguimento de Jesus Cristo em sua forma e maneira de viver na participação do seu ministério, isto é possível a todos os seres humanos bem como em toda casa comum e sua criação. A salvação e santidade poderia ser interpretada como um desejo de Deus em sua plena realização pela salvação da humanidade em percursos diversos e formas em que a Igreja pode até ignorar, “na realidade, o mistério do homem só é esclarecido no mistério da Palavra encarnada” (GS 22). Cristãos ou não, a humanidade é convidada por Jesus para conhecer e compartilhar a fé em seu Pai todo amoroso e a viver como irmãos a sua misericórdia. Para os Cristãos a realidade de Cristo faz com que o comprometimento e a doação sejam ainda maiores na forma de ser e na busca pelo reino de Deus.

⁸ COSTADOAT, Jorge. *Despliegue Social de La Espiritualidad en América Latina Desdoblamiento Social da Espiritualidade na América Latina Social Deployment of Spirituality in Latin America*, Teocomunicação, Revista de Teologia da PUCRS Programa de Pós-Graduação em Teologia Escola de Humanidades. Porto Alegre, v. 49, n. 2, julho-dezembro 2019 e34861, p.2-3. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/34861/19374>. Último acesso em:10/08/2021.

⁹COSTADOAT, Jorge. *Seguimiento de Cristo*, 2016. “Por cierto, no discuto que en la historia del cristianismo la categoría de santidad haya dado frutos extraordinarios. Ella hunde sus raíces en el Antiguo y el Nuevo Testamento. La santidad es, en última instancia, una propiedad de Dios mismo. Pero en la Biblia la confesión de la santidad de Dios dice estricta relación COSTADOAT, J. Seguimiento de Cristo. con el cuidado de los pobres y el apartarse de los ídolos . Él, que es trascendente, es capaz de darse y se ha dado al ser humano máximamente en Jesús. Y, por extensión, la santidad cristiana auténtica tiene que ver con el abajarse solidario a los demás para liberarlos de sus males y manifestarles el amor incondicional de Dios. En esta praxis de Jesús radica el monacato y la vida religiosa hasta nuestros días. La vida contemplativa y caritativa de los monjes y las monjas ha incidido hondamente en la forja de un cristianismo occidental que, no obstante sus límites, tiene grandes logros humanizadores. La búsqueda de la santidad produjo grandes santos y por siglos ha inspirado la unión con Dios, su descubrimiento en la belleza de la creación y en la misericordia con los pobres (COSTADOAT, 2019)”. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Último acceso em: 10/08/2021. p. 2.

Como objeto de pesquisa historiográfica a formulação do tema - A Santidade do Povo de Deus: Contribuições Teológicas do Concílio Vaticano II e Seus Desdobramentos Práticos na *Gaudete et Exsultate* – indicaria de modo bastante direto alguns campos históricos presentes nos documentos da Igreja principalmente trazendo a centralidade a santidade abordada em artigos e pesquisas. Pela abordagem, a presença histórica e teológica caminham juntas diante das particularidades locais nos processos de santidade.

Sair do anonimato humilde de um santo para ser conhecido entre aqueles que mais tiveram contato com suas obras e ações inclui a participação dentro de processos formativos e de debates, sendo que estes em geral resultaram em clamores e lutas pela justiça social e exigências em defesa do bem comum da humanidade¹⁰.

A santidade surge em meio a ações realizadas dentro de um meio social. A palavra social em sua origem grega é construída do verbo (*sôzein*) que possui o significado de “salvar, libertar, preservar, curar ou livrar de um dano”¹¹. É neste sentido que ser santo é estar durante a vida buscando todas estas qualidades de “ser social” apresentadas de forma organizada, constante e perseverante.

Ao referir-se à santidade tem-se que Jesus é o tudo, o real e o imaginário do quociente humano, pois só Deus é Santo. Olhando para esta santidade e fundamentada no caráter e no comportamento do mestre, indaga-se que os santos de Deus são constituídos por obras de caridade e fé. Para Paulo, a santidade ou santificação inclui uma perfeição ética, soteriológica¹² e escatológica¹³. Entre as comunidades paulinas os crentes membros das comunidades eram frequentemente denominados “santos¹⁴” no sentido de uma ligação com a palavra “chamados” levando a uma referência com o povo de Deus¹⁵.

Jesus histórico possui um acento catequético diante do processo de missão e santificação dos crentes, sendo Ele no mínimo interpretado como modelo de vida a ser seguido, “sede santos, porque Eu sou santo” (cf. Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16) por todos os fiéis

¹⁰ *Ibidem*, cf. GRENZER, Mattias, 2013, p. 16.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Soteriologia* - tem na sua etimologia a origem da palavra no grego: *sotérion* + *logo* + *ia*. Portanto, pode-se compreender na teologia como o estudo da salvação da humanidade. Para o cristianismo, ela é a doutrina da salvação realizada por Jesus Cristo em favor da humanidade.

¹³ *Escatologia* - no âmbito religioso é considerada uma doutrina que estuda todas as coisas que acontecerão antes e depois do Juízo Final. Portanto ela é uma "teoria acerca das últimas coisas que vão acontecer no fim da humanidade", oriunda do grego *éskhatos* = "extremo" ou "último", agregado ao sufixo *logia* (estudo). De forma literal poderia ser compreendida como: "estudo das últimas coisas".

¹⁴ Santo - origem Hebraica קדוש “*Qadash*” ou “*Kadosh*”, ambas possuem o significado: consagrado separado, sagrado. No Grego ἅγιοι.; *Ágioi*; *hagios*, com o significado: separado. Santo pode ser “compreendido” como aquele que é escolhido, chamado entre os demais. “Como derivação do Latim “*Sanctus*” com o significado de sagrado, aquele que é dedicado ao serviço de Deus” LANCEY, 2003, p.7 In: cf. BULHOSA, 2009, p. 87.

¹⁵ *Ibidem*, p. 1136.

na Igreja. A busca pela santidade missionária portanto, faz parte da história tendo como paradigma a vida de Jesus Cristo, Ele segue ao deserto e permanece caminhando e jejuando. Para uma compreensão e aproximação dos aspectos de santidade indaga-se sobre esse caminho pelo deserto.

Uma pergunta a ser feita a humanidade é: “como viver os exemplos do Cristo mestre Senhor”? e, complementando-a “como viver seguindo os tantos outros exemplos de santidade que morreram em função dessa fé que lhes davam esperanças de viverem no Reino de Deus”? Homens e mulheres martirizados ou que dedicaram sua vida em amor ao Pai, tinham como raiz a ação iniciada com o “batista”. Este fato é notado em todo o Israel e começa um processo de conversão e caminho de salvação em Cristo.

A santidade como seguimento é preenchida pela marca do Amor no batismo. Assim, a humanidade é criada e redimida por meio deste Amor livre e ao mesmo tempo exigente de Deus que deseja uma resposta nos mesmos termos. O Deus trinitário é um Deus ciumento e ao mesmo tempo que ama deseja ser amado. A humanidade, no entanto, para atingir a plenitude desse amor precisa estar aberta e doar-se gratuitamente a si mesma e a toda criação da casa comum.

Papa Francisco no seu chamado à santidade exorta o povo de Deus a ser santo¹⁶. Esta santidade não deve ser pensada exclusivamente em beatificados ou canonizados, mas sim observada nos lares dentro de casa, na santidade dos pais e avós que embalam seus filhos nos braços e os criando com tanto amor, passam noites em claro ao lado do berço ou esperando-os chegarem da escola, do trabalho, das festas de finais de semana¹⁷.

O Espírito Santo espalha a santidade em casa, no trabalho, na escola, na Igreja e em todos os lugares onde se encontre o santo povo fiel de Deus. Esta santidade é encontrada em especial nas mulheres que lutam diariamente enfrentando grandes jornadas de trabalho a fim de trazer o pão para casa e quando chegam nos seus lares tem uma outra que não é remunerada, mas que também é dedicada e oferece muito amor à sua família, esposo, filhos e pais. Mulheres enfermas e as cuidadoras de doentes, além das consagradas idosas que continuam a sorrir mesmo diante de tanto sofrimento¹⁸.

O Senhor se manifesta e deseja a santificação da humanidade na história da salvação. Ela não é exclusiva de um povo, mas possui a necessidade da existência de uma identificação

¹⁶ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Gaudete Et Exultate, Sobre A Chamada À Santidade no Mundo Atual*, FRANCISCO, Papa. © Copyright - Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2018, editora Paulus, cf. n° 6.

¹⁷ *Ibidem*, cf. n° 7.

¹⁸ *Ibidem*, cf. n° 6-7.

plena e, neste sentido, a santidade não é conquistada por atos isolados e egocêntricos, mas pela construção comunitária estabelecida nas relações interpessoais¹⁹.

A santidade deve ser estimulada na vida do cristão: ela se apresenta na humildade do povo que dá o seu testemunho sobretudo pela vida de fé e de caridade. Em relação ao testemunho faz-se necessário conhecer a Deus para poder a partir deste encontro passar a agir conforme os seus projetos.

É pelo desejo de Deus que a humanidade passa a conhecê-Lo, sua revelação no Concílio Vaticano II é objeto de pesquisas bíblicas, principalmente as encontradas nos textos paulinos como mistério sacramental. Deus se revela a si mesmo e permite conhecer o mistério da sua veidade (cf. Ef 1,8; DV2). Ao se revelar, Deus se doa e se manifesta e pelo “desígnio divino, expresso em termos de relação interpessoal, inclui os três principais mistérios do cristianismo: a Trindade, a encarnação e a graça. A revelação é essencialmente revelação das Pessoas divinas, a revelação do mistério da pessoa de Cristo, a revelação de nossa vida de filhos adotivos inseridos no seio do Pai”²⁰.

A fonte principal a ser utilizada neste estudo se encontra nos documentos pré e pós conciliares do Concílio Vaticano II em busca da sua preparação e a recepção. Procurou-se traçar os aspectos de santidade deste período em relação a *Gaudete Et Exsultate* do Papa Francisco percorrendo as suas exaltações, encíclicas, homílias e outros escritos que abordam direta e indiretamente o tema.

A busca pelos aspectos de santidade passa pelos lugares em que se habita a humanidade, percorrendo os propósitos de caridade no mundo e apresentando sinais de que em cada região, localização geográfica e em cada cultura existem aspectos teológicos próprios de acordo com a nomenclatura e costumes, os quais permitem novos caminhos e formas de seguir o Mestre no caminho da salvação.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ XAVIER, Donizete José. *O caráter sacramental da revelação na Constituição Dogmática Dei Verbum e suas implicações teológicas*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXII N° 83 Jan/Jun 2014, p. 180. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19262/15087>, último acesso em: 10/08/2021.

Capítulo 1

JESUS, MESTRE E MODELO DE SANTIDADE

1 Introdução

A humanidade no século XXI vive uma mudança na sua história. As transformações habituais são realizadas no cotidiano. Compreende-se progressivamente o avanço de um vírus mortal e mutante ingressando na sociedade, trazendo uma nova doença, a Covid-19. Ela provoca a ciência, desperta a inteligência e ataca a raça humana e o poder econômico. Sua potência destrutiva muda as atitudes e obriga o isolamento das pessoas em seus lares. Por outro lado, a humanidade se volta para Deus e para o seu interior com orações, atitudes, gestos. Tudo é novo, nada é igual e não voltará a ser, mesmo após a passagem desta pandemia. Como dizem, irrompe “um novo normal”.

A história nos revela momentos semelhantes a esta realidade tão atual. Ainda no primeiro testamento, a ganância, o orgulho e a desigualdade levaram o faraó, que oprimia e escravizava os israelitas, a passar por diversos sinais “pragas”. Até que, por fim, com o sangue do cordeiro identificando o povo escolhido, leva o bem mais precioso do faraó: o seu primogênito (cf. Ex 11, 1-10). Nos dias atuais, quantos estão sendo levados? Até mesmo os mais religiosos, dentre eles o clero e os leigos dentro e fora da Igreja. Jesus ensina nesses momentos de dor, a sermos santos, a enfrentar os desafios e a não ter medo apesar da tristeza. “Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria” (cf. Jo 16, 22). O santo sabe que irá passar pela cruz, porém ciente de que estará em sua glória. Para a humanidade cabe ainda interpretar esses sinais dos tempos.

1.1 A Jesus o pilar de sustentação e modelo para toda a santidade

Toda pessoa batizada é chamada a viver em comunhão. A vida fraterna permite o conhecimento pessoal e da comunidade. A santidade é conquistada por este conhecimento e experiência pessoal. O próprio filho de Deus como homem quis estabelecer a comunhão com a humanidade, primeiramente com Seus apóstolos e discípulos para que o elo de vida em santidade fosse praticado.

Diante de relatos na história cristã é possível inferir que Jesus Cristo era para o povo da comunidade judaica um “exorcista” como muitos que existiam na região, dando a Ele uma característica totalmente humana, sendo mais um profeta que realizava curas para os

tormentos. Muitas dessas comunidades atribuíam esses tormentos ao pecado. Contudo, Jesus não só operava o “exorcismo” como fazia outras curas que para eles não tinham explicações. Também Se revelou como sendo o Filho de Deus que veio para anunciar o Seu Reino e isto fascinava os judeus de sua época.

O homem Jesus Cristo passou a ser acompanhado por multidões, operou a cura, escutou as pessoas e buscou os excluídos. A sua santidade é repassada para todos os que até hoje acreditam e vivem com Cristo e em Cristo, premissa para o discipulado-missionário. A morte com ele é fato, também é evidente que com ele viveremos. Pela revelação na cruz e em seguida a ressurreição, a comunidade carrega o testemunho da presença do Filho e do Espírito neste mundo. O Cristo, o ressuscitado dos mortos, cuja morte já não o domina, e não domina também todos que nele crê, pois, morrendo para o pecado de uma vez por todas vivem agora para Deus (cf. Fl 2, 8-9).

1.1.1 A Santidade vida e missão de amor ao Pai

Por um desejo próprio de Deus Pai, ele decide se revelar à humanidade pela autocomunicação e para isto, comunica-se pela própria natureza humana na pessoa de Jesus de Nazaré. A sua revelação é inserida por uma comunhão Trinitária – Pai, Filho e Espírito Santo –, pela qual ocorre a sua autocomunicação por meio do filho, designada diretamente à humanidade e seguindo as etapas naturais da vida humana. Ao inserir o seu primogênito na história da salvação em um parto natural, o Pai convida a humanidade a viver em comunhão com ele. O Cristo da fé é apresentado ao mundo a partir de fontes e diálogos dentro da perspectiva da história da salvação na Igreja. Por séculos, desde os primeiros padres da Igreja e pela Tradição, ocorreram as atualizações temporais passando por diversos Concílios até as portas do Concílio Ecumênico Vaticano II, em particular através da Constituição Dogmática *Dei Verbum*. A revelação de Deus na história da humanidade passa a ser atualizada na luz dos novos tempos e promulgada na última sessão do Vaticano II, em 18 de novembro de 1965.

A novidade apresentada pela *Dei Verbum* passa a concepção de uma nova linguagem para apresentar Deus ao mundo. O desejo é de que sua mensagem, numa perspectiva ecumênica, apresente-se cheia de sentido ao homem e mulher contemporâneos. A ideia de que é pelos atos e palavras de Jesus que essa mensagem se revela, superando a tensão entre as teorias das duas fontes: a da Tradição (católica) e da *Sola Scriptura* (protestante).

Jesus Cristo é o Filho enviado pelo Pai. Ele é nosso irmão desde a criação, pois Deus Pai nos elegeu como seus filhos antes de criar o mundo e nos predestinou para sermos seus

filhos “adotivos”, como diz São Paulo na Carta aos Efésios (cf. Ef. 1, 4-5). Em Jesus Cristo, o Pai reuniu todas as coisas (cf. Ef. 1,10). Desta forma, o Filho tem a missão²¹ e o desejo de cumprir a vontade do Pai, iniciando na terra o Reino dos Céus, obedecendo e revelando o amor e o mistério de Deus (LG, 3).

Jesus em sua missão traz a alegria com seus gestos e ações. Faz da enfermidade a cura pela fé. Muda os que lhe escutam, passando de pessoas tristes para alegres, enfermas para curadas e cheias de vida. Esta escolha é feita não para se vangloriar diante da humanidade e ter fama, mas para anunciar o Reino de Deus, revelando o desígnio que Deus tem para cada um de nós, ensinando-nos a viver movidos pelo Espírito Santo.

A alegria em Seus ensinamentos é obtida em pequenas atitudes na vida quotidiana, como resposta ao Deus todo amoroso, remetendo à prática da justiça²² e da caridade²³. Sendo assim, um convite de Deus, nosso Pai, é para que vivamos felizes (LG 1-4). E este convite é respeitado por Jesus Cristo, deixando que a humanidade faça a escolha em seguir o Seu chamado por meio do Filho do Pai encarnado, que tem acesso ao Pai no Espírito Santo (cf. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). A partir dessa revelação, o Deus invisível fala a humanidade através do seu amor em Jesus Cristo para a comunhão com eles (DV 2).

Abre-se um caminho para a salvação natural, Deus oferta à humanidade um testemunho visível de Si mesmo, reconciliando-Se com Seu povo depois que este quebrou a promessa feita aos seus pais. Em Cristo, Deus Pai deixou a esperança da salvação colocando-se como um juiz justo e verdadeiro para toda a descendência, através dos tempos pelo

²¹ Missão - se relaciona diretamente com o futuro da humanidade. Ela não existe em si, porém é um movimento contextualizado, podendo ainda ser uma concentração e realização de um determinado trabalho, elementos utilizados na Igreja primitiva são descritos nos textos paulinos relatando os caminhos de Paulo e a sua pregação do Evangelho, suas viagens contém atividades e pensamentos missionários. O conceito de missão está principalmente relacionado ao entrelaçamento da gênese histórica com o futuro da humanidade. Para o pensamento antropológico, a missão pode prejudicar a integridade moral de uma determinada cultura, imputando novos costumes e tradições oriundos da cultura do missionário que, no caso da Igreja, é o evangelizador com a sua característica de formação doutrinal. (cf. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. p. 627-634; cf. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*, p. 827-841).

²² Justiça - tanto nas origens hebraicas como nas gregas traduz-se por uma retidão, um padrão ou norma determinante. Na origem hebraica a justiça possui a grafia קִדְשׁ - tsédheq e נֶאֱדָר - tsedhaq, sendo que na origem grega é Δικαιοσύνη - dikaiosýne, possuindo o sentido de uma conduta justa e correta realizada pelos homens em sua vida diária, isto também, poderia ser uma relação moral, em ‘atitudes corretas’, ou ‘retidão’, indicando um padrão ou norma que determina o que é reto. A palavra “justiça” é frequentemente usada na língua portuguesa como referência a um juiz, ou a um julgamento. (cf. *Dicionário de Paulo e suas Cartas*, p. 757-768; cf. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. p. 507-510);

²³ Caridade - na origem hebraica – חַסְדִּים - Tsedacá muitas vezes confundida como caridade, possui significado de “atitude”: “um ato de justiça”, assim, é algo que devemos concretizar não como uma ação de bondade, mas como uma obrigação e responsabilidade. Na origem grega **φιλανθρωπία** a caridade tem um significado de filantropia, porém, ao aplicá-la no sentido religioso e acrescida o termo **αγάπη** (Ágape), remete ao “afeto” e ao “amor incondicional”, Do latim caritas.ãtis, ternura, amor. (cf. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/caridade/>).

caminho do Evangelho (DV 3). A Sua consumação é obtida pela pessoa de Jesus Cristo, o Verbo eterno que vem para manifestar a vida íntima e o desejo do Pai. Portanto, Ele é enviado como homem para que a humanidade o conheça, por meio de palavras, gestos, obras, sinais e milagres e, sobretudo, o ponto principal de sua revelação divina: a sua morte na cruz e a ressurreição para a vida eterna (DV 4).

No Antigo Testamento (AT) o povo de Deus, ao esquecer que o Senhor se encontra ao seu lado, rompe a aliança, comete erros e injustiças até que, por amor e desejo desse Deus *absconditus*²⁴ Ihe é apresentado o seu verbo que se faz carne. Assim, o Desejo e a ação criadora do Pai, com o Espírito Santo, se completa na Criação humana passando a ser um Deus *revelatio*²⁵ perante a humanidade.

O desejo de Deus Pai revelar-se faz com que ele comunique o seu projeto de salvação, contido na vida inteira de Jesus Cristo, prevalecendo em seus ensinamentos a justiça e a caridade. Jesus deixa o deserto, este gesto possui a característica de um profeta itinerante em Sua caminhada missionária, transita próximo ao rio Jordão e entra na terra prometida por Deus para o povo de Israel. Nesse período, o Filho do Deus encarnado não se dirige à Jerusalém e nem mesmo permanece na Judeia. Percebe-se nas Sagradas Escrituras Novo Testamento (NT) que sua estratégia não está relacionada ao “seguir pelas grandes cidades da sua época”²⁶. Sua missão está focada nas periferias das grandes cidades, dos grandes centros, lugares onde se concentravam os mais humildes e necessitados.

Todos os trajetos missionários, percorridos por Jesus e seus discípulos, são realizados em longas e dificultosas caminhadas, chegando em pequenos vilarejos, buscando os que estão mais debilitados e realizando várias curas. O Mestre se utiliza da casa de Simão e André, em Cafarnaum, como ponto de repouso e partida para as suas diversas missões, das quais se tem poucas informações a respeito. Trata-se de uma escolha planejada por Deus Pai e executada por Jesus Cristo, geograficamente o local possuía ligação com o restante da Galileia e com todos os povoados vizinhos.

O fato principal nos relatos é de que entre um local e outro Jesus sempre é abordado pelos que precisam de ajuda e os cura com imposição das mãos e oração, inserindo sempre

²⁴ Abscôndito - é um adjetivo que significa: mantido em segredo; oculto, encoberto: dinheiro abscondito. Cujas identidade ou procedência não se quer mostrar; escondido. [Gramática] Forma mais usada: abscônso. Etimologia (origem da palavra abscondito). Do latim *absconditus*.a.um, "escondido, oculto, que não se pode ver". (cf. *Dicionário Online de Português*). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/abscondito/>.

²⁵ Revelar - tem a sua origem no latim “*revelatio*”, que significa ‘destapar, desnudar, descobrir, o ato de mostrar’. Por sua vez, o vocábulo latino veio de “*revelare*”, esse formado pelo prefixo RE-, indicando oposição, mais o radical – *velare* = ‘tapar, cobrir’, de “*VELUM*” (‘véu’) (cf. *Dicionário Online de Português*.) Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-revelar/>. Último acesso em 09/10/2021.

²⁶ cf. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Vozes: Petrópolis, RJ, 2014. pp. 109-110.

durante a sua missão o mistério salvífico em locais em que se encontram as pessoas mais necessitadas. Sobretudo os pecadores, os publicanos e as prostitutas, estão inseridas neste percurso.

O Filho de Deus sempre agradece ao Pai pela ação realizada²⁷. É pela sua humanidade que Jesus sempre implora ao Pai e ao Espírito a sua intercessão, sinal de sua submissão como homem cumpridor da missão designada pelo Pai²⁸ mesmo diante da sua Divindade. Sob a luz dos textos sagrados no Evangelho segundo João, são apresentadas na centralidade da missão de Jesus percebendo-se que:

- Há em Jesus certa intimidade com o divino que vai ser revelada em sua atividade missionária. O evangelista João coloca de forma mais enérgica na boca de Cristo: “Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou” (cf. Jo 6, 29).
- Dessa intimidade surge um anúncio: a chegada do Reino de Deus (catequese). Aponta o caminho para a vida eterna para aquele que crê e a esperança da ressurreição no último dia (cf. Jo 6, 38-40).
- Quando os sinais da chegada do Reino irrompem por meio das ações de Jesus, há a ligação de Sua pessoa e a aceitação de Sua filiação, que é revelada gradualmente a ele e, por ele próprio, aos homens. “Eu e o Pai somos um” (cf. Jo 10, 30).
- Ao lançar luzes sobre a ressurreição, pode-se observar todo o percurso de santidade que Jesus de Nazaré realizou dando ênfase à Sua missão.

1.1.2 O transbordamento de Deus, missão de Jesus

A missão de Jesus pode ser considerada como um transbordamento de Deus para a humanidade, e deste para toda a criação (cf. Rm 8, 19-22). Nela está contida uma operação transformadora pela qual o Filho e o Espírito se colocam a serviço e agindo para a realização da obra do Pai. Esta doação do Filho revela a resposta ao desejo de Deus e a doação à humanidade por toda a vida, especialmente destacada na vida pública. O Espírito Santo opera como provedor da graça em abundância e do papel apostólico da Igreja. O apóstolo Paulo fala sobre o exemplo de Cristo na caridade e no amor, pois ele se entregou a Deus como sacrifício, um verdadeiro holocausto (*ὁλόκαυστος* de *ὅλος* "todo" + *καυστός* "queimado").

²⁷ *Ibidem*, 2014. p. 109-110.

²⁸ Quanto à submissão de Jesus vide o diálogo no monte das Oliveiras: “Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (cf. Lc 22, 42). Afinal, na humanidade de Jesus se encontra também a divindade, pois, o Filho é o enviado do Pai.

Cristo não é queimado na cruz, porém ele é o cordeiro que acende a chama da vida eterna com o odor suave que chega aos céus (cf. Ef 5,2).

O evangelista João revela o amor de Cristo na doação da vida pelos Seus amigos (cf. Jo 25, 13). O próprio Cristo, segundo João, diz que ele busca suas ovelhas em todos os lugares, porque Deus o ama e ele ama aos seus. “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu- Pai” (cf. Jo 10, 17-18).

Jesus, o nazareno, recebe o carinho divino do Pai e é chamado a ensinar em suas catequeses o verdadeiro Amor, entre tantos aspectos apresentados nas Sagradas Escrituras. Este amor pode ser traduzido no cuidado e na capacidade, compadecer e cuidar de todos os que lhe procuravam. Os seus gestos de compaixão serviram para apresentar a humanidade à beleza de Deus pela ação humana.

1.1.3 A mudança de atitude, perpetuidade da missão

Jesus Cristo era um judeu e, como tal, não tinha a intenção de criar uma religião e nem mesmo revogar as leis e os profetas (cf. Mt 5, 17-18). Diante da sua revelação se observa que ele tinha uma identidade característica marcante e forte, Jesus não ficava “em cima do muro”, tinha sim uma posição em relação à estrutura do templo e do partido dos saduceus e fariseus. Observa-se nos Evangelhos sinóticos que seu principal objetivo era exclusivamente cumprir a missão que Deus lhe preparou. Tomou partido em função da defesa da dignidade dos mais necessitados. Parte da missão foi se revelar como o messias, o filho de Deus, e para isto contava com o Espírito de Deus. Ao contrário do judaísmo na sua época, Jesus Cristo repetiu que Deus era o seu “Pai” por 170 vezes nos Evangelhos. Portanto, um grande contraste para uma religião que tinha, como uma de suas tradições, sequer nomear a Deus.

A referência à paternidade divina (Mc 13, 32; 14, 36; Mt 11, 27; 26, 39.42) expressa uma relação especial com o pai, assim como a distinção joânica entre seu pai e o pai de seus discípulos (Jo 20, 17). Nos evangelhos Jesus chama Deus de “Pai” 170 vezes, em contraste com a raridade do termo no judaísmo de sua época. [...] O judaísmo é muito reservado ao falar da paternidade divina, velando sempre por sua transcendência, o que impedia inclusive de nomear a Deus²⁹(ESTRADA,2016, p. 85).

Sua missão ocorreu após uma grande mudança de atitudes, principalmente quando Ele volta do deserto, no Jordão, e dirige-se a Nazaré. Os que o conheciam como o filho do carpinteiro, agora o escutam dizer que é o filho de Deus, e isto os incomodava, pois viam

²⁹ cf. ESTRADA, Juan Antonio. *Da salvação a um projeto de sentido: Como entender a vida de Jesus*, tradução: TITON, Gentil Avelino, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2016. p.85.

agora um homem transformado, pretendendo até curar e expulsar os demônios, movido pelo Espírito Santo³⁰. Jesus passa a atuar com autoridade segundo os textos sagrados, surpreendendo todos os que o seguiam. Porém, dúvidas surgiam o tempo todo: “Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê” (cf. Jo 1,46). Assim como Natanael, muitos discípulos tinham razões para gerir dúvidas da origem de Jesus, pois não o compreendiam, nem mesmo conheceriam uma pequena cidade dentro do grande “mundo Romano”.

Jesus, obra de justiça enviada aos pobres trazendo a libertação anunciada pelos profetas e dando a “Boa Nova” para todos aqueles que ainda esperavam a justiça. Carrega em si a recuperação da dignidade humana e dos direitos dos pobres, pois ele é obra da Justiça Divina para a humanidade.

A busca pelos pobres e o chamado à santidade são fundados nas raízes teológicas, principalmente nos textos sagrados e na patrística. Recordam-se as palavras citadas no livro do profeta Isaias sobre o anúncio da libertação. O profeta cita uma voz que clama, convidando a preparar um caminho para o Senhor: “No deserto, abri um caminho para o Senhor na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus” (cf. Is 40,3). Jesus, como modelo de santidade para os discípulos, vislumbra-se em Seu magistério como um buscador de Deus.

Neste sentido, o mestre Jesus deixa o seu cotidiano e afasta-se de toda a terra em que se possa haver habitação e caminha em direção ao deserto. É esse mesmo deserto que, para todo o povo judeu, tem o significado de nascimento das suas origens. Assim, se faz necessário voltar em suas épocas de crise para recomeçar a história rompida. Os lugares percorridos por Jesus são os mesmos lugares onde os pobres gritavam e não se ouviam suas vozes, às quais eram muitas vezes abafadas pelo poder do imperador de Roma, bem como se calavam diante dos diversos discursos dominantes dos mestres da lei.

Jesus continua a Sua missão entre os homens tendo a justiça, o amor e a caridade presentes durante a sua vida pública. Ele é vida e não morte. Todas as ações são voltadas para a manifestação de Deus, para a vida humana. Portanto, Jesus constrói a santidade e transfere aos discípulos. Com a catequese construída em ações durante a vida, Jesus coloca em prática e pelo exemplo as Escrituras e as Leis dos antepassados. Pede aos Seus discípulos por várias vezes que realizem os milagres em nome de Deus Pai. Faz isto para que tenham fé e acreditem no poder de Deus.

³⁰ *Ibidem*, cf. PAGOLA, 2014. p. 334-335.

Jesus caminha e apresenta o Pai diante das autoridades de Israel, questiona os sacerdotes sobre suas atitudes, separa o Reino dos céus e o da terra deixando ao mundo o que é do mundo e dando a Deus o que é de Deus. Enfrenta os fariseus e Pilatos com coragem e fé sabendo que tudo o levaria à condenação e à morte. Mas é na cruz o ponto mais baixo que um homem pode chegar. Chega também como o Deus humilde e salva o ladrão arrependido. É a sua justiça sendo realizada ainda na Terra.

Diante de toda a humilhação, ele se faz presente aos crentes que abrem o coração para Deus, que se arrependem das atitudes pecaminosas e pedem perdão antes da morte. Também mostra aos discípulos uma outra justiça, que também é cumprida e aplicada à justiça dos homens. Neste caso, é feita para os que fecham o coração e acreditam que não dependem de Deus para nada (cf. Lc 23, 39-43). De um lado se encontra o poder e do outro as suas vítimas oriundas da desigualdade social.

A oração é a forma pela qual os demônios são expulsos, realizada em grande profundidade por aqueles que realmente tomam a cruz e seguem o seu exemplo. Demonstra para os discípulos que pela oração conseguiu expulsar o demônio do jovem epilético (cf. Mc 9, 14-29; Mt 17, 14-20; Lc 9, 37-43a). É, portanto, pela oração que a santidade é sustentada mesmo que o discipulado não tenha a compreensão.

O Mestre Jesus supera todas as tentações humanas, sendo paradigma para a santidade. Ele possui um dom especial que lhe permite lutar pela justiça, enfrentar os opressores que controlavam o povo pela fome e causava a insegurança pessoal. Estas mesmas tentações feitas a Jesus despertam no ser humano o sentimento da necessidade de acumular para garantir a sua sobrevivência e a dos seus dependentes.

Com isso, o filho de Deus passa a ensinar sobre o cuidado com os famintos, aleijados, surdos e cegos. Estendem-se esses cuidados para toda a natureza, pois sem ela não existe a vida humana. Jesus não queria excluir os ricos, onde todos são convidados a seguir o caminho proposto por ele. Ao jovem rico recomenda colocar as suas riquezas a serviço da vida dos oprimidos e excluídos. “Eu não vim abolir a Lei, mas dar-lhe pleno cumprimento” (cf. Mt 5,17). Esse cumprimento da Lei estava atrelado à prática da justiça, um dos pilares apontados como o caminho para a santidade.

Partindo da missão recebida pelo Pai, Jesus Cristo, após a ressurreição, vai ao encontro dos discípulos e passa para eles a responsabilidade de perpetuá-la. Dessa forma ele também envia a todos. “Disse-lhes, pois, Jesus [...] assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (cf. Jo 20, 21). Aqui estava o propósito da transmissão do conteúdo aprendido e a delegação da missão. Nas cartas paulinas e em atos dos apóstolos, é possível identificar

como eles acolheram e realizaram as obras de Deus, colocando, cada um de acordo com o seu aprendizado e instruídos pelo Espírito Santo, o modo operante de suas comunidades. Portanto, por trás desse envio está a vida da Igreja e o modo de vida dos discípulos de Jesus Cristo, não deixando de lado o Primeiro Testamento e as Leis do acordo com os seus antepassados, mas também colocando o Segundo Testamento, toda a vivência e experiência de Deus na missão.

Jesus Cristo agora não é mais a presença física entre os discípulos, porém, se faz presente entre aqueles que enviou. Sua missão é continuada pelos seus discípulos, utiliza-se deles para que o projeto de salvação tenha uma perpetuidade. A santidade é ou deveria ser um reflexo do Amor de Deus na continuidade desta missão, tendo como paradigma o próprio Filho de Deus, pois é dirigida ao crente e ao não crente, ao batizado e ao não batizado e, portanto, a missão é coletiva e não mais personalizada.

1.2 A santidade reflexo do amor de Deus na humanidade

No dia 19 de março de 2018, o Papa Francisco, no sexto ano de seu pontificado, apresenta ao mundo sua exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, um chamado à santidade. Seu objetivo principal é de chamar o povo de Deus à busca pela santidade, procurando dar pistas que possam ser incorporadas no contexto atual da sociedade diante dos desafios e oportunidades em uma nova linguagem que visa trazer de volta os católicos e agregar novos membros para a Igreja. Em suas palavras, Francisco diz que “para cada um o Senhor acolhe e escolhe para ser santo e irrepreensíveis por amor, revelando que o documento não é um tratado e sim um apelo a santidade” (GE 2).

Para um melhor esclarecimento o verbete santidade à luz do Concílio Vaticano II e da *Gaudete et Exsultate* indagou-se o que seria essa santidade perante uma nova linguagem diante dos novos tempos, a sua relação com a santidade no Antigo Testamento (AT) e no Novo Testamento (NT).

1.2.1 O que é Santidade diante da missão?

A santidade é caridade e amor, dois pilares decisivos para a salvação da humanidade. Uma pessoa que não ama e não faz caridade também não sabe nada de Jesus Cristo, ou não acredita que ele veio ao mundo para anunciar o Reino de Deus e cumprir o seu plano de salvação. O único mediador e caminho de salvação e santidade é Cristo, presente em cada membro do seu Corpo “a Igreja”. Jesus ensina e convida claramente a necessidade de fé e do batismo (cf. Mc 16, 16). Esta confirmação ao mesmo tempo precede da necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo batismo como através de uma porta (LG 14).

A santidade envolve a imitação e o seguimento de Cristo, sendo ela dependente das fontes do Evangelho, a exegese crítica na história e na fé em Jesus histórico. Tudo isto só é possível pelo trabalho e ação do Espírito que age na Igreja aperfeiçoando a vida humana pela memória do mistério pascal. Todos os cristãos são chamados à santidade e, portanto, devem estar aptos a contribuir pela construção do Reino de Deus de forma criativa e humanitária. Santidade é crescer humanamente e seguir o Cristo desta forma é aprender a encontrar a graça nos sinais dados por Deus, crescer e fortalecer-se com sabedoria assim como a graça de Deus estava sobre o menino (cf. Lc 2, 39-40).

O conceito da “justiça de Deus” apresenta a santidade possuindo uma estreita ligação semântica entre os termos justificação (*dikaiōsis*) e justiça (*dikaiosynē*) encontrados no pensamento paulino. Outro aspecto é o amor-caridade. Paulo usa comumente em suas cartas a palavra (*agapē*) como referência ao amor baseado em alto respeito ou apreço, tanto para o divino como para o humano. No sentido da santidade aplicado à caridade pode-se utilizar a palavra (*eleēō*) demonstrando-se a compaixão e a misericórdia. A santidade também pode ser caracterizada por (*philagatos*), amante da bondade ou (*philadelphia*) como uma afeição fraterna ou familiar do amor³¹.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, abordou no capítulo V a vocação universal para a santidade na Igreja que, diante do mistério exposto ao Conselho Sagrado, tem-se a fé de ser infalivelmente santa pela união do corpo de Cristo o único Santo de Deus enriquecido pelos Dons do Espírito Santo. “Essa santidade da Igreja se manifesta e deve se manifestar incessantemente nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis” (LG 39).

A humanidade é chamada a viver em comunhão. A vida em comunhão permite o conhecimento pessoal e da comunidade. A santidade é conquistada por este conhecimento e experiência pessoal no meio em que vive. O próprio filho de Deus como homem quis estabelecer a comunhão com a humanidade, primeiro com seus apóstolos e discípulos, para que o elo de vida em santidade fosse praticado.

1.2.2 O Discipulado como santidade missionária

A maturidade vem do reconhecimento daquele que Ama e dá a sua vida pelos seus amigos (cf. Jo, 15,13). Jesus Cristo convida ao Amor extremo e deixa o discípulo concentrado na sua missão, na entrega para a evangelização, prática e inculturação da palavra de Deus e de Jesus, o Evangelho vivo. Ele exige dos discípulos a fidelidade e um esforço

³¹ PORTER, S. E. *Santidade/Santificação*, p. 1136. In cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs. Dicionário de Paulo e suas Cartas, organizador associado REID, Daniel G., tradução LAMBERT, Barbara Theoto, editoras, Paulus, Vida Nova e Loyola, 2ª edição Edições Loyola, São Paulo, 2008.

grande para não reter o conhecimento, e sim dividir com todas as culturas e todos os povos o anúncio do Evangelho (cf. Mt 6, 28-32). Jesus é presente aos seus discípulos e os encoraja a partir e fazer o mesmo que Ele os ensinou. A ação do discípulo deve ser perseverante e responsável observando a vontade de Deus sobre todas as criaturas. Ser discípulo é enfrentar todas as destruições que a humanidade promove independente da época e ao longo dos anos e séculos.

A luz da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a humanidade recebe um chamado universal à santidade pela comunhão com Cristo que, pela ética da revelação, carrega antropologicamente na Sua ressurreição a misericórdia do Pai, para que se cumpra a justiça de Deus para com o Seu povo amado, onde:

Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo. 4,16). Ora, Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações, por meio do Espírito Santo, que nos foi dado (cfr. Rom. 5,5). Sendo assim, o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele. Para que esta caridade, como boa semente, cresça e frutifique na alma, cada fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus, e cumprir, com a ajuda da graça, a Sua vontade, participar frequentemente nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, e nas funções sagradas, dando-se continuamente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço efetivo de seus irmãos e a toda a espécie de virtude; pois a caridade, vínculo da perfeição e plenitude da lei (cfr. Col. 3,14; Rom. 13,10), é que dirige todos os meios de santificação, os informa e leva a seu fim (131). E, pois, pela caridade para com Deus e ao próximo que se caracteriza o verdadeiro discípulo de Cristo (LG 42).

A caridade é o primeiro dom concedido por Deus, pois com ela a humanidade tem a possibilidade de crescer no Amor do Pai todo misericordioso. Aquele que escuta a palavra pode até chegar ao martírio como consequência desse amor-caridade. Os “conselhos evangélicos” traduzem essa forma de santidade em seu próprio estado, como um vínculo da perfeição e plenitude do verdadeiro sentido do discipulado que olha e ama o seu irmão e, por meio deles, ama a Deus. Jesus Cristo olhou para o seu próximo, o amou e amou o Pai até o martírio da cruz.

Ismael Souza coloca a criação como transbordamento de Deus na busca da espiritualidade. A santidade também é um “transbordamento de Deus” no ser humano. A Trindade derrama a sua santidade à humanidade não importando qual seja a sua condição e situação em que se encontre³² (cf. SHELDRAKE, 2015, p.78).

³² SHELDRAKE, Philip. *Sendo a criação “o transbordamento da vida desse Deus”*, São Paulo, Paulinas, 2005. p.33. In: cf. SOUZA, Ismael. Reflexão cristológico-trinitária: Contribuições para a compreensão da experiência religiosa e da espiritualidade como aproximações para o diálogo inter-religioso, Revista Brasil Atualidade Teológica, Departamento de Teologia da PUC-Rio, Ano XVI nº 40, janeiro a abril/2012. p.78.” O referencial Deus-Trindade deve ser a realidade para todos os cristãos que desejam realmente buscar uma

Portanto, para que o cristão se complete até o transbordamento do amor, ele deve possuir um relacionamento íntimo com o Deus-Trindade, tornando-se discípulo de Jesus Cristo na terra. Pois, sendo ele humano e divino, em condições de natureza inviolável, interagindo com as realidades em sua redondeza, concluiu a missão designada pelo Deus Pai. Seu caráter humano estava em relação hierárquica ao Pai; porém sendo Deus, ele está em condição de igualdade em relação ao Pai e ao Espírito Santo. O Papa João XXIII, na Carta Encíclica *Aeterna Dei Sapientia*, descreve as naturezas de Jesus Cristo destacando a integridade e propriedade encontradas³³.

O relacionamento íntimo com Deus é característica de uma pessoa santa, que deveria ser aquela que, desde o nascimento, levou uma vida reta. No entanto, há muitos casos conhecidos na história da Igreja, como o de santo Agostinho – que se converteu com quase quarenta anos de idade – ou mesmo o apóstolo Paulo: antes da conversão, ambos levavam uma vida completamente “reprovada” pela comunidade e pela “Igreja”. O fato é que, para ser santo, existe a necessidade de ser uma pessoa que se supera, que faz o que mais ninguém em seu meio faria. Acima de tudo, o santo tem que estar em comunhão com o povo, possuindo um laço direto com a pobreza humana, suas dores e suas angústias³⁴, sendo um intercessor, um elo entre a humanidade e Deus.

1.2.3 A discípula Maria Madalena

A humanidade tem, para cada etapa na sua vida, uma forma de se colocar no encontro do caminho para Deus. Sabe-se, pelas Sagradas Escrituras, que existem as mais diversas maneiras pelas quais o Senhor vem ao seu encontro. Também existiu, no início das primeiras comunidades e pelos primeiros padres da Igreja, histórias de grande preconceito contra as ações oriundas de uma mulher. A reputação feminina as vezes distorcida para que a comunidade não as considerasse dignas de santidade, como é o caso de Maria de Magdala, ou mais conhecida como Maria Madalena³⁵.

espiritualidade global e integradora do homem com Deus, com a criação e com o próximo. E “o modo como os cristãos designam esse Deus, cuja própria vida é dar e revelar, é Trindade”.

³³ CARTA ENCÍCLICA. *Aeterna Dei Sapientia*, “Permanecendo, portanto, íntegras as propriedades de uma e de outra natureza, confluentes na pessoa única, pela majestade divina foi assumida a pouquidão humana, pelo poder a fraqueza, pela eternidade a mortalidade; e, com o fim de satisfazer a dívida da nossa condição, a natureza inviolável uniu-se a uma natureza passível, de maneira tal que, como justamente convinha à nossa salvação, o único e insubstituível mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, pudesse, sim, morrer segundo uma natureza, mas não segundo a outra. Portanto, o Verbo, mesmo assumindo a natureza íntegra e perfeita de verdadeiro homem, nasceu verdadeiro Deus, completo nas suas divinas propriedades, completo outrossim nas nossas” (ADS 7).

³⁴ *Ibidem*, p. 6-7.

³⁵ *Ibidem*, p. 11.

Maria Madalena as vezes confundida como sendo outra Maria, foi a primeira discípula-missionária teve uma imagem ocultada nas primeiras comunidades. A partir disso, foi construída uma nova imagem mediante um olhar androcêntrico e machista, não permitindo uma imagem de liderança feminina. Ela, que andava com o Senhor, está em todos os grandes momentos da vida pública de Jesus, relatados pelos autores sagrados. Sua fidelidade no discipulado foi recompensada, sendo ela a primeira a testemunhar o Ressuscitado³⁶ e uma discípula eminente, por ter estado mais próxima de Jesus do que qualquer outro discípulo. O Papa Francisco fala sobre a sua fidelidade:

E no Evangelho, o ícone da fidelidade: aquela mulher fiel que jamais havia esquecido tudo aquilo que o Senhor tinha feito por ela. Estava ali, diante do impossível, diante da tragédia, uma fidelidade que a leva mesmo a pensar ser capaz de carregar o corpo... Uma mulher frágil, mas fiel. O ícone da fidelidade desta Maria Madalena, apóstola dos apóstolos³⁷(FRANCISCO, 2020).

Assim, como Maria Madalena a discípula-missionária manteve a fidelidade no Senhor, existe uma enorme diversidade de respostas que devem ser dadas pela humanidade contemporânea que, na medida de seus conhecimentos, sentimentos e ação do Espírito Santo, traz à luz da sua vida uma aceitação mais íntima e comunitária, colocando em prática a mensagem da revelação. Dessa forma, a humanidade inicia um processo de anúncio do Reino, e a evangelização que ele passa a ter conseqüentemente é fruto da comunhão com seu próximo: “O que vimos e ouvimos vò-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco” (DP 1063).

Jesus, após orar ao Pai, foi o primeiro a eleger e enviar missionários para pregar o Reino de Deus, criando “uma gestão colegiada entre os apóstolos” para anunciar o Reino de Deus (cf. Mc 3, 13-19; Mt 10, 1-42). Escolheu entre eles um líder para que ponderasse as decisões do grupo (cf. Jo 21, 15-17). A primeira parte da missão estava entre um “terreno conhecido”, os seus irmãos filhos de Israel. Já a segunda estava mais concentrada em ir ao desconhecido, pregar entre todos os povos e trazê-los para a Igreja, ampliando territórios, os convertendo e os santificando (cf. Rom 1,16). Desse modo a Igreja se propagou sob a força do Espírito Santo até os dias atuais (LG 19).

Um chamado ao “Amor” e um processo inicial para o caminho da santidade, é assim que pode ser descrita a conversão e a santidade de Maria Madalena. Uma discípula de Jesus

³⁶ cf. REIS, Samila da Fonseca. *Maria Madalena a construção da santa prostituta*, Editorial Ciber Teologia, Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI, n. 62, janeiro / abril de 2020. p. 23-38.

³⁷ FRANCISCO, Papa. *Homilia. Que o Senhor nos conceda a graça da unidade entre nós*, Missa na Casa Santa Marta na manhã de terça-feira (14/04/2020) da Oitava da Páscoa, texto da homilia transcrita pelo Vatican News, 14/04/2020.

que escuta falar sobre o Mestre e busca até o encontrar, com a abertura para aproximar-se do seu amado. Disposta a passar por todos os caminhos designados à missão de Jesus, ela o acompanha com os demais. Incriminada pela sociedade após reconhecer que ele era o Messias, o Mestre age de forma oposta e a descrimina³⁸ diante de todos. A sua santidade é fecundada pela busca incansável pelo seu amado por quem tinha tanta admiração e fidelidade ao contrário dos outros que estavam escondidos e ainda com medo.

A Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos escreve sobre a Santa Maria Madalena³⁹. No texto é explícito que por meio dela, o discipulado recebe um convite individual a uma ação convicta, também demonstra que o Senhor deixa livre a opção de escolha, sabendo que será uma mudança radical na vida de qualquer que seja o convidado a fazer parte dessa missão que tem, no caminho, a cruz de Jesus Cristo. Essa opção de escolha leva a pensar no próximo ponto: O apelo à liberdade pela justiça como um verdadeiro caminho para a vocação de santidade.

O testemunho ocular de Maria Madalena sobre a ressurreição a coloca em condição de primeira discípula-missionária. Anunciando aos demais o amor e a vida nova, Madalena nunca abandonou o seu Mestre e busca na sequência a sustentação na fé inabalável com os demais sucessores⁴⁰. Através desse testemunho a Igreja iniciou sua missão histórica no Domingo de Páscoa, logo após a ressurreição de Jesus Cristo.

A herança de Jesus se propaga na mensagem de salvação proferida pelo apóstolo das missões (cf. 1Cor 9, 16). Maria Madalena é, portanto, um dos caminhos do encontro revivido

³⁸ Discriminar é formado pelo prefixo *des*, que quer dizer “ação contrária” + o verbo criminar, que significa “imputar crime a” ou “acusar”. Portanto, discriminar é o mesmo que “absolver de um crime”, “inocentar”. A esse verbo, corresponde o substantivo discriminação, e não descriminalização. Exemplo: Alguns deputados lutam para discriminar o aborto. Discriminar significa “distinguir”, “discernir”, “separar”. Simples, não? A esse verbo, corresponde o substantivo discriminação. Exemplo: A inexistência de uma política social resulta na discriminação dos pobres. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/duvidas-portugues/8220-discriminar-8221-ou-8220-discriminar-8221/>. Último acesso em: 07/08/2020

³⁹ ROCHE, Artur. *Apóstola dos Apóstolos, Carta do Arcebispo Secretário da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos*, Roma, 2016.” Por desejo expresso do Santo Padre Francisco, a Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos publicou um novo decreto, com a data de 3 de Junho de 2016, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, com o qual a celebração de Santa Maria Madalena, até agora memória obrigatória, será elevada ao grau de festa no Calendário Romano Geral[...] tem a honra de ser a “*prima testis*” da ressurreição do Senhor (*Hymnus, Ad Laudes* matutinas); a primeira a ver o sepulcro vazio e a primeira a ouvir a verdade da sua ressurreição. Cristo tem uma especial consideração e misericórdia por esta mulher, a qual manifesta o seu amor para com Ele, procurando-O no jardim com angústia e sofrimento, com “*lacrimas humilitatis*”, como diz Santo Anselmo na oração citada”.

⁴⁰ SANTOS, Benedito Beni dos. *O projeto eclesiológico do Vaticano II*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, v. 12, n 48, jul./set. 2004. p. 16. “Historicamente, a missão começou no Domingo de Páscoa, quando Maria Madalena e a outra Maria foram ao túmulo e o encontraram vazio. Logo, veio o anúncio querigmático que está na origem da nossa fé, na origem do cristianismo, dos evangelhos e de todo o Novo Testamento: Ele ressuscitou! A seguir, vem a missão: Ide anunciar aos seus discípulos! (Mc 16, 7). E elas foram apressadas fazer o anúncio aos discípulos que, segundo o evangelho de Marcos, estavam tristes e chorando. Em Pentecostes, iniciou a missão *Ad Gentes* que continua até hoje”.

no Concílio Vaticano II, no qual os Bispos se comprometeram, como os apóstolos, a levar a Boa Nova como parte de suas missões evangelizadoras. Sendo a Igreja por natureza missionária e feminina na raiz da palavra, sua essência é “testemunhar a Cristo e tornar-se testemunha da Testemunha”⁴¹, afirmado por Donizete Xavier em análise dos documentos do Concílio Vaticano II, sobressaindo nestes documentos o anúncio do Reino tendo a sua centralidade em Jesus Cristo⁴² (cf. SOUZA, 2019).

1.2.4 O Discípulo Pedro

Segundo José Comblin, após a ressurreição, o Pai, em comunhão com Jesus, envia o Espírito Santo aos discípulos-missionários. Apresenta assim a missão expressa e a relação entre as Três pessoas Divinas⁴³. Jesus, por meio do Pai e do Espírito, realiza o projeto de salvação na Terra. Instrui os apóstolos para que esse projeto se perpetue. Dessa forma, a sua missão passa a ser a missão da Igreja que, na pessoa de Pedro, é fundada. Comblin, por exemplo, diz:

Jesus é o enviado do Pai e o Espírito Santo é o enviado do Pai e do Filho. Os teólogos medievais estabeleceram um paralelo entre as “procissões” e as “missões” divinas. Assim como o Filho procede do Pai, Ele é enviado pelo Pai, como se esse envio correspondesse à sua natureza própria, ou seja, ao seu modo próprio de existir. Ele é enviado, porque procede. O Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho porque procede do Pai e do Filho depois da sua morte e ressurreição, o Pai e Ele próprio enviam o Espírito Santo⁴⁴ (COMBLIN, 2017, p. 3).

Ao visualizar aquele homem rude, que posteriormente receberia a missão de sustentar a Igreja, disse-lhe o Senhor: Tu és Simão filho de Jonatas, mas de agora em diante serás chamado de Cefas “pedra”. Jesus é o lugar onde se encontra o perdão em setenta vezes sete, onde se constata que o perdão não tem limite. O seu caminho leva ao encontro e a conversão de Pedro, o Mestre ensina a Pedro conforme relatos nas Sagradas Escrituras e na entrega do Espírito de Jesus por amor ao Pai, na Cruz que o perdão passa pela crucificação e morte. A absolvição de todos os pecados é uma sequência de quem perdoa e, até mesmo, a culpa daqueles que se encontram desorientados passam a ser aliviadas. Assim como o perdão, Jesus também em suas missões insere a caridade e a justiça em sua catequese pedagógica, não tendo limites para enfrentar e seguir adiante com gestos concretos (cf. Mt 18,22).

⁴¹ XAVIER, Donizete José. *Testemunho*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.), Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 960.

⁴² Op. Cit., cf. MODENA, 2019. p. 60-61.

⁴³ COMBLIN, José. *Teologia da Missão*, Quarto Núcleo, 2017. p. 3. Disponível em: <http://www.missologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/4nucleo.pdf>. Último acesso em 29/06/2020.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 3.

Jesus pede a Pedro que caminhe sobre as águas e cure os enfermos. Com isso, faz com que ele comece a ter confiança em suas ações humanas ainda com o Mestre entre eles. Os gestos concretos possuem a presença de Cristo ao lado de quem os realiza, revelando a estes os caminhos a seguir e com formas diversificadas de agir.

As revelações de Deus a determinados santos e a outras pessoas são oriundas dos tempos de Jesus e dos seus antepassados. Elas, em muitas ocasiões, são manifestadas em revelações privadas, geralmente por meio de sonhos e sinais. Os sinais e revelações públicas ficaram apenas a cargo de Jesus Cristo e seus discípulos. Esses relatos chegaram aos autores dos textos sagrados, que foram inspirados e registrados em acontecimentos para perpetuarem na história⁴⁵.

As bem-aventuranças são os sinais que orientam o motivo pelo qual se deve realizar o encontro com esses pobres. Uma nova história se inicia com a chegada do Messias, sendo continuada por Pedro, Paulo e os demais discípulos. Jesus Cristo não veio para fazer milagres, mas sim para anunciar uma nova era, para ser o exemplo de santidade pela qual os próprios pobres poderiam se tornar protagonistas dessa mudança e libertação, animados pela força do Espírito Santo. Em homens brutos e rústicos como Pedro, Jesus enxerga amor, gentileza, caridade, uma tecitura construída aos poucos e que entrelaça a fé, a esperança e a caridade, virtudes pelas quais pode-se dizer que a missão é dirigida para os pobres e por eles⁴⁶.

1.2.5 O discípulo e apóstolo Paulo

O apóstolo Paulo carrega a doação de Cristo ao próximo por amor. “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (cf. Gl 2, 20). Por conseguinte e pelo exemplo, Paulo conseguiu a adesão de muitos discípulos seguidores de Cristo. Essa mesma doação pode ser observada em outros textos das Sagradas Escrituras, no número de pessoas que chegam de diversas cidades da região para encontrar Jesus que desce da montanha para um lugar plano. Deus desce do alto “céu” e encontra com seus filhos vindos de toda a região da Judéia, de Jerusalém, bem como da costa marítima de Tiro e Sidom (cf. Lc 6, 17). Ao dirigir-lhes a palavra, Jesus diz: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus” (cf. Lc 6, 20).

⁴⁵ PORTER, S.E. *Santidade/Santificação*. Op. Cit. cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs, Dicionário de Paulo e Suas Cartas, 2008. p. 1136.

⁴⁶ *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017. Op. Cit. p.4

Durante a vida pública de Jesus existem diversas passagens de conversão de pessoas por onde seguia. Ele próprio fazia o convite diretamente aos seus discípulos para que fizessem uma mudança radical do modo de vida. Um dos relatos mais conhecidos sobre a conversão no Novo Testamento é o de Saulo que passa a ser Paulo. Sua conversão apresenta uma forma diferente da manifestação do chamado por Jesus Cristo aos discípulos e pode ser encontrada nos textos sagrados das cartas aos Gálatas, Romanos, primeira de Timóteo, e no livro dos Atos dos apóstolos.

Por exemplo, aos Gálatas, Paulo diz: “Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (cf. Gl 1, 11-12). Paulo abre-se para Deus e é tocado pela fé em Jesus Cristo, iniciando processo de Conversão/Vocação. Nunca encontramos ninguém, principalmente o Filho de Deus, por acaso. Tudo tem um motivo dentro do projeto de Salvação no Reino de Deus, como o fato ocorrido com o apóstolo Paulo bem como com muitos outros santos na história da Igreja⁴⁷.

Jesus, ao anunciar o Reino de Deus, convida todos a uma mudança de vida, passa-se por um processo e um chamado à conversão. “O povo, que estava assentado em trevas, viu uma grande luz; aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou. Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (cf. Mt 4, 16-17). Com Paulo não foi diferente, a luz chegou até ele, raiou após a escuridão de suas vistas, algo novo aconteceu ao aproximar-se da luz de Cristo.

1.2.6 Os Discípulos André e Simão

Jesus começa a chamar os seus discípulos, iniciando por André e seu irmão Simão “Pedro” (cf. Jo 1, 35-42) dois de seus discípulos mais leais, que sempre estiveram junto com Jesus, participando praticamente de todas as Suas missões. Dois simples pescadores do lago de Genesaré que ouviam a pregação de João Batista sobre o Messias. Os dois foram em busca desse Messias e começaram a seguir Jesus à distância para que Ele não percebesse. Nem mesmo se atreviam a abordá-Lo. Ao perceber que O seguiam, Jesus se volta e pergunta o que eles procuravam. Um chamado despertado pela “curiosidade” de conhecer Jesus, eles poderiam ter recusado o convite posteriormente feito pelo Mestre. Porém, eram peças-chaves no plano de Deus. Deixaram de ser pescadores no mar e passaram a ser pescadores de

⁴⁷ cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs, EVERTS, J. M. *Conversão e Vocação de Paulo*, Dicionário de Paulo e Suas Cartas, 2008, Op. Cit. p. 260-262.

homens, uma mudança radical de vida que se inicia ali naquele momento. Depois vieram outros chamados⁴⁸.

1.2.7 O Discipulado dos Doze

Uma mudança pessoal para uma conversão humanitária na busca da santidade. Agora os discípulos seguidores de Jesus começam a formar um grupo dos doze, uma aliança firmada que levaram até o fim da vida mesmo diante da traição de Judas, que teve como consequência a morte. A influência da alegria daquele que acredita, muda de vida e sai em missão pode ser observada no chamado a André de Betsaida, um jovem também da região da Galileia. Motivado pelo contato com Jesus e acreditando ser o Messias, André sai correndo em busca de seu irmão. Mas, impaciente e com sua alegria que transbordava, comunica que encontraram o Senhor, agarra Pedro pelo braço e o leva até o local onde se encontrava Jesus.

Ao visualizar aquele pescador, que posteriormente receberia a missão de sustentar a Igreja, disse-lhe o Senhor: Tu és Simão filho de Jonatas, mas de agora em diante serás chamado de Cefas “pedra”. Caminhando com seus discípulos, encontram Filipe, outro habitante de Betsaida. Ainda com a animação de estar na presença do Senhor, os discípulos correram à procura de um amigo, Natanael, e dizem a ele com muita empolgação e alegria que tinham encontrado uma notícia extraordinária. Natanael, embora desconfiado, se rende às evidências e não tem nenhuma dúvida que o impeça de ter esse encontro com o Messias. Jesus expõe a ele o pensamento interior de Natanael revelando de onde o conhecia e o que fazia. As dúvidas foram se transformando em fé, pois Jesus não nega que é o Filho de Deus⁴⁹.

As atitudes de Jesus como a pedra fundamental, a sustentação central para toda a fé e neste caso para a santidade da humanidade, levaram Paulo, Pedro, Maria Madalena e os demais discípulos à convicção de que Deus é Pai e tem uma missão santificadora para cada um independente do tempo e lugar.

1.3 Um discipulado missionário

A missão é um envio de Deus, designada primeiramente a Jesus pré e pós Pascal pois, juntamente com o Pai, envia o Espírito Santo para todos, desde os primeiros discípulos até os atuais. Segundo Paulo Suess, no verbete do dicionário do Concílio Vaticano II, “ser missionário é realizar a sua atividade na Igreja em conformidade com as constituições, decretos e

⁴⁸ *Ibidem*, p.114-116.

⁴⁹ *Ibidem*, p.114-116.

declarações. A missão tem como conceito um entrelaçamento da gênese histórica com a futura alvorada da humanidade. Ela, portanto, não existe ‘em si’, mas sim ‘em contexto’⁵⁰.

O discípulo missionário é inserido em um contexto histórico onde: “A Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada, no tempo, por Cristo Redentor, e reúne-se no Espírito Santo (cf. Rm 13, 1-5), tem um fim salvador e escatológico, o qual só se poderá atingir plenamente no outro mundo” (GS 40).

A missão de Jesus Cristo ultrapassa o tempo e a história e se introduz na vida individual e, por consequência, na vida da comunidade ou vice e versa. Portanto, sem o Espírito Santo não existe missão e santidade. O apóstolo Paulo caminha o tempo inteiro após o início da sua conversão lidando com os “espinhos que o engasgava”. Agostinho, convertido pelo testemunho de Paulo, “procurou em todos os lugares”, mas somente foi forte quando encontrou Deus dentro de si. É o Espírito Santo agindo em suas vidas. Jesus vem e mostra aos seus discípulos que, antes de fazer qualquer coisa, ele rezava, meditava e pedia ao Pai, mesmo sendo ele Deus.

O Concílio Vaticano II possui uma característica de movimento, pretendendo dar uma nova vida da Igreja em uma realidade contemporânea.

O Concílio Vaticano II pretendeu renovar a vida e a atividade da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo: assim sublinhou o seu caráter missionário, fundamentando-o dinamicamente na própria missão trinitária. O impulso missionário pertence, pois, à natureza íntima da vida cristã, e inspira também o ecumenismo: “que todos sejam um (...) para que o mundo creia que Tu Me enviaste”⁵¹ (cf. Jo 17,21; Rm 1).

A nova visão de missão é carregada de ação e novidade, portanto retira a ideia de “missão colonizadora e escravista”, passando a atribuir outros sentidos, como o de “libertação e purificação”. A missão abordada neste Concílio, em relação teológica e pastoral, ainda é lapidada de tempos em tempos, dando seguimentos dentro da compreensão macro do “povo de Deus”, sendo elas: o sacerdócio comum dos fiéis; o sacerdócio ordenado; os leigos; o ecumenismo; o pluralismo religioso; entre outras⁵².

Missão é uma mudança radical de pensamentos e valores, pela qual os primeiros discípulos passaram, ouviram o chamado e partiram. Aceitaram a transformação e não

⁵⁰ cf. SUESS, Paulo. *Missão / Evangelização*, Dicionário do Concílio Vaticano II, dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez. São Paulo: Paulus, 2015. p. 627.

⁵¹ CARTA ENCÍCLICA. *Redemptoris Missio. sobre a validade permanente do mandato missionário*, JOÃO PAULO II, Papa. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 7 de dezembro do ano de 1990, n.13, no XXV aniversário do Decreto conciliar *Ad gentes*, décimo terceiro do Pontificado, n. 1, disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html, último acesso, 01/07/2020.

⁵² cf. SUESS, Paulo, 2015. *Op., Cit.* p. 629-630.

sentiram medo. Deus capacita o seu povo para ser discípulo. Portanto, são necessárias pessoas transformadas para que sejam “Discípulos Missionários”. Existe, porém, uma diferenciação respaldada pelos documentos do Concílio, tendo que a “missão universal” é confiada por Jesus Cristo aos apóstolos (LG 20) e a seus sucessores. Seguindo a hierarquia da Igreja, os Bispos recebem como missão “ensinar todos os povos e pregar o Evangelho a toda criatura” (LG 24), e “enquanto membro do colégio Episcopal [...] é obrigado a ter solicitude para a Igreja Universal” (LG 23). O sacerdócio comum tem responsabilidades missionárias, são “extensões auxiliares do episcopado”, não limitando-se a levar o Evangelho e a despertar a fé do povo de Deus, entre outras atividades missionárias ultrapassando fronteiras e territórios geográficos⁵³.

Esses “auxiliares” são crentes oriundos do Batismo, pois, por meio dele o povo de Deus torna-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Independente do grau de instrução na fé, cada membro do povo de Deus passa a ser membro de evangelização que poderá ser assessorado por agentes mais qualificados ou mesmo pelo protagonismo individual do leigo como forma de se comprometer com a evangelização. Todo batizado, ao encontrar o amor de Deus em Jesus Cristo, passa a ser mais do que um membro da Igreja, mas um discípulo missionário, o que pode ser comparado à alegria dos primeiros discípulos que, ao se encontrarem profundamente com Jesus, saíam dizendo a todos que conheceram o verdadeiro filho de Deus – “encontramos o Messias” (cf. Jo 1, 41). O apóstolo Paulo, também ao encontrar Cristo, se apaixonou e transbordou esse amor proclamando o Seu Evangelho por todos os lugares por onde passou.

Nesse sentido, os discípulos missionários devem caminhar juntos, também com a Igreja, para sobreviver ao mal e preservar a fé, pois haverá muita hostilidade diante do caminho para a santidade (cf. Mt 10,16). Para a missão de anúncio do Evangelho de Jesus Cristo é necessário ter a coragem, “de coragem em coragem, na coragem sempre” como dizia Dom Paulo Evaristo. Coragem de não calar e ser um amplificador da voz do Espírito Santo. A santidade tem por missão viver o projeto do Reino e cuidar das ovelhas cansadas e abatidas, assim ela deve estar constantemente sustentada pelo tripé: fé, justiça e caridade. Jesus Cristo construiu este modelo designado aos pobres, aos órfãos e às viúvas.

1.3.1 Maria e José um discipulado missionário em família

Nas Sagradas Escrituras, pouco se observa em relação a infância de Jesus, e a participação dos seus pais adotivos em um “pré-discipulado do Filho”. No entanto, o

⁵³ *Ibidem*, p. 631.

evangelista Lucas proporciona esse conhecimento narrando o nascimento, a fuga para o Egito e o diálogo com os doutores no templo: “E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas” (cf. Lc 2, 46-47). Estes fatos levam à compreensão de que o caminho para a santidade, assim como o de Jesus Cristo, deve ser percorrido desde o nascimento. Neste sentido, é do ventre materno que se inicia o percurso missionário para atingir o êxtase, a ressurreição.

Desde a infância, Jesus manifesta obediência e santidade, as quais fazem parte da Sua antropologia. Não se consegue falar de santidade sem falar da humanidade de Jesus. É pela sua antropologia que tomamos conhecimento da relação entre a sua santidade e a sua divindade, antes da sua entrega na cruz e a morte para o pecado. Assim, é na forma humana que ele se humilha e se faz obediente até a morte (cf. Fl 2, 8-9). Os ensinamentos da Sagrada Família de Nazaré servem de base para toda trajetória e formação do Filho, por meio dela a dedicação e o amor do Pai cresce a cada dia.

Quantos momentos da vida José e Maria tiveram que abandonar seus projetos de vida para escutar a Deus Pai, escutar e agir como o fato de levar o Filho para longe, mudar de país, percorrer quilômetros juntos, lado a lado. Quando José foi avisado em sonho pelos anjos sobre o perigo que sua família corria, ele levantou-se, tomou o Menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito (cf. Mt 2, 13-23). Na vida de santidade existem muitos momentos de escuridão em que o Senhor se aproxima, e fala por meio de sonhos, sinais e pelas obras das Sagradas Escrituras. Cabe, portanto, ouvir como Maria e José que escutam e seguem pelo caminho, O acompanham durante toda a vida até chegar ao calvário. O local teológico da dor humana e do cumprimento da missão de Jesus na Terra. O texto relata a paixão do Senhor com a presença de Maria que sofre ao encontrar com o Cristo na cruz (cf. Mt 19,25), desfigurado pela dor, pela indignidade humana e pelo abandono.

Na fase adulta de Jesus o amor pelo próximo é cada vez mais ligado a forma com que recebeu carinho, fluindo de maneira natural sem cobranças ou mesmo busca por recompensas humanas por Seus pais terem cuidado do Filho de Deus. O amor-caridade recebido dos pais também é presente no comportamento do Filho e isto é percebido nas Sagradas Escrituras em diversas passagens.

Maria e todos os que acreditaram e se entregaram ao amor de Deus recebem a cruz e a promessa da volta do Filho. Paulo ao escrever para os Gálatas se coloca longe de se gloriari, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl 6, 14). A santidade de Maria e José

está além da doação física e material. Eles despendem os recursos materiais e espirituais para compensar Aquele que veio ao mundo como Filho de Deus.

A relação do divino e o humano é tão presente, tão reveladora e tão potente que nos textos sagrados fica claro que os apóstolos só conseguem desvelá-la após a ressurreição e o envio do Espírito Santo sobre eles. Sheldrake⁵⁴ aponta a relação entre Jesus de Nazaré e a cruz, como um sofrimento que aflige Jesus Cristo e o sentimento de abandono do Pai, porém, a revelação da divindade de Jesus na cruz, num primeiro momento, não é passível de ser vista mediante este sofrimento que o aflige. Deus manifesta seu amor pela humanidade por meio do Filho.

Jesus ao entregar sua vida o faz na esperança da Glória e da ressurreição, reveladas por meio da relação Dele com o Pai na unidade selada pelo Espírito. Maria sustenta os ensinamentos de Jesus Cristo diante dos discípulos, permanecendo junto a eles até a vinda do Espírito Santo quando são passados a eles todo o conhecimento sobre a revelação de Deus para que tenha perpetuidade, revivendo a sua páscoa a cada missa celebrada, para que continuem a manter a esperança de que sua promessa de retorno seja confirmada.

1.4 O caminho para a santidade

Para sair em busca do caminho da santidade, faz-se necessário olhar para o passado e recordar aos pastores no fenômeno da Fé. Eles observam o sinal e seguem ao encontro do Filho de Deus. Os diversos caminhos e doutrinas religiosas como para os pastores existem e possuem uma diversidade enorme de motivações que lhes apresentem o Filho de Deus diante da fé construída. Porém, por se tratar de ações de origens humanas, são constituídas de desejo, insegurança, fraqueza e, simultaneamente, motivações que os levam à necessidade de adoração, gratidão e desejo para com a divindade superior.

Esses “desejos”, que se constituem são decorrentes de várias motivações e expressões oriundas de simbologias diversas, levando o ser humano à fé envolvido por uma necessidade de comunicação cultural, que os levam a ouvir e seguir o chamado do Senhor para a vida de santidade.

⁵⁴ SHELDRAKE, Philip. Op., Cit., p. 31-32, In. *SOUZA, Ismael*. p.82. “Sem negar a realidade do sofrimento, Deus revelado na cruz nos oferece a esperança de atingir a plenitude da humanidade. Chegamos a compartilhar a glória de Deus por meio, e não meramente a despeito, das vivências de, aparentemente, lidar com a morte na vida. Uma teologia e espiritualidade que desviam da cruz não terão muita coisa a dizer sobre a real presença de Deus no sofrimento, fracasso e pecado humanos. Essas realidades tornam-se intoleráveis. Por consequência, elas são ignoradas por algumas espiritualidades excessivamente otimistas. Seu principal papel parece ser proteger as pessoas da possibilidade de desespero final” (SHELDRAKE, 2015, p. 31).

Os desejos e motivações que levam à santidade de acordo com os ensinamentos de Jesus estão entre os direitos de igualdade para a humanidade, independentes de cor, raça, sexo e opção de vida conjugal. Uma realidade do século XXI, em que se cobra simplesmente o cumprimento das legislações estabelecidas na Constituição. Pois, com isto, protege-se a todos e permite a cada um os direitos ambientais, a terra, a alimentação, direito à saúde, à moradia e à segurança.

Durante séculos essa missão de santidade por meio da justiça e igualdade ficou “restrita” ao clero e aos religiosos em sua grande parte. Alguns leigos também tiveram conhecimento da missão passada e as colocaram em prática, agindo conforme o próprio Cristo. Vinha-lhes à mente possivelmente as perguntas: “Nesta situação, o que Jesus faria?” e “Como eu devo agir?” A resposta a essas perguntas, iluminadas pelo Espírito Santo, resultou em várias formas de manifestar o amor de Deus pelos Seus filhos.

A conversão para uma vida de santidade é um convite de Deus feito a todos, pois o Reino de Deus se faz presente durante o processo de caminhada, crendo no amor misericordioso do Pai, orando intimamente como o Filho ensinou. “Quando vocês orarem, digam: Pai! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino” (cf. Lc 11, 2). A conversão também depende de um esforço pessoal para cumprir a vontade do Pai. Falando ainda sobre a conversão, o Papa João Paulo II nos diz:

“Deus é amor” (cf. 1 Jo 4, 8.16). Todo o homem, por isso, é convidado a ‘converter-se’ e a ‘crer’ no amor misericordioso de Deus por ele: o Reino crescerá na medida em que cada homem aprender a dirigir-se a Deus, na intimidade da oração, como a um Pai (cf. Lc 11, 2; Mt 23, 9), e se esforçar por cumprir a Sua vontade⁵⁵ (cf. Mt 7, 21; RM 13).

O cristão que é animado para a conversão segue seu caminho com alegria e entusiasmo, transmitindo também pelo exemplo, evangelizando e despertando àqueles que serão seus sucessores na missão (RM 10).

1.4.1 O santo já nasce escolhido?

Na religiosidade popular e em muitos relatos nos escritos sobre a vida dos santos a afirmação é procedente. Existem diversos personagens que são dotados de dons extraordinários como a levitação (frei Galvão), já outros são referenciados por funções específicas como: cuidados com a natureza (Santa Bárbara e São Francisco), dos rebanhos

⁵⁵ cf. CARTA ENCÍCLICA. *Redemptoris Missio, sobre a validade permanente do mandato missionário*, JOÃO PAULO II. Papa, dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 7 de dezembro do ano de 1990, n.13, no XXV aniversário do Decreto conciliar *Ad gentes*, décimo terceiro do Pontificado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Último acesso em: 07/07/2020.

(São Sebastião), das doenças de pele (São Lázaro), da visão (Santa Luzia), das cobras venenosas (São Bento), dos alcoólicos (Santo Onofre), das cozinheiras (São Benedito), das prostitutas (Santa Madalena) e assim por diante⁵⁶ (cf. PASSOS, 2020, p. 7).

No imaginário popular, os santos seriam as pessoas que se encontrariam em um plano superior e, escolhidos entre os demais membros da humanidade na visão ocidental, estariam segregados os que vivem em um mundo fora do sagrado ou da sociedade (segregada) “como pecadores” ou mesmo os que seguem um padrão religioso “diante de devidas ponderações”. Pela prática da fé seriam “santos” e ou ocorreriam divisões entre os bons e os maus. Fato este que estariam sempre em posição de desigualdade onde os classificados como “inferiores” estariam dependentes de auxílio dos “superiores”. De certa forma este conceito leva a uma certa “segregação social”⁵⁷.

A santidade, no entanto, possui uma relação direta com os pobres, a faixa mais sofrida e dependente da sociedade e, assim, o destaque é dado aos que buscam soluções e pela fé são abençoados por Deus e encontram alternativas para mitigar o sofrimento humano. A grande diferença entre uma pessoa santa e uma pessoa “comum” é que a alma do santo é alimentada pelo fogo ardente de Cristo, nunca desiste e nunca se conforma, um articulador e provedor de ações refletidas na urgência das soluções dos problemas. Um santo nunca está no topo e acomodado, sempre está caminhando em aclave orando e pedindo “Das profundezas a ti clamo, ó Senhor” (cf. Sl. 130, 1). Na força de sua fé tem como meta ingressar no interior do templo no Santo dos Santos e se prostrar frente a frente com Deus em seu descanso eterno. Suas atitudes levam a uma procura incansável da oferta de si para o conforto aos desesperados.

A santidade atingida na fase adulta, remete também a trajetória da infância, pois não basta ter atingido a vida de santidade em apenas uma fase da vida⁵⁸. As narrativas do evangelista Lucas traduzem bem essa relação levando Jesus Cristo teologicamente à infância e ainda mais na concepção uterina de Maria, para dar significado que a vida de santidade é construída aos poucos em todas as fases, desde a concepção até a morte e ressurreição.

Existe um pouco de expectativa nas hagiografias de muitos santos, “existe um processo de ontologização da santidade, como uma condição necessária para ser santo”⁵⁹ (cf. PASSOS, 2020, p. 6). Por mais complicada que tenha sido o início da vida de um santo declarado até

⁵⁶ cf. PASSOS, João Décio. *Como se faz um santo?* Editorial Ciber Teologia, Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI, n. 62, Paulinas, janeiro / abril de 2020. p. 7. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200827131950.pdf. Último acesso em 29/05/2022.

⁵⁷ *Ibidem*, p.7.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 7.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 6.

a sua conversão, isto é, ter tido experiências de vida que não levariam aos padrões para ser santo, recebem uma “maquiagem” mitigando este período da vida e suavizando as condições pecadoras do(a) indivíduo(a). Exemplo que pode ser comparado à vida de Santo Agostinho, supracitado neste capítulo que tem uma conversão tardia, porém, importantíssima para a Igreja diante de toda a sua contribuição.

Por mais popular que tenha sido um santo durante a sua vida ele é acreditado pelos milagres realizados em vida terrena bem como após a sua Páscoa. As narrativas e credences populares trazem o milagre sempre presente na história com as descrições dos fatos que ocorreram há mais de cem anos como se tivessem ocorridos no dia anterior. Por exemplo: “Padre Cícero faz milagres hoje porque sempre o fez enquanto estava vivo”⁶⁰. A fé em sua interseção continua a levar milhares de devotos ao santuário destinado a ele, mesmo diante de todas as polêmicas que circuncidaram o processo para chegar à sua beatificação.

Assim sendo, não existe a predestinação para a santidade. Pessoas santas vivem no mesmo ambiente em que as demais na sociedade, observa-se que estas pessoas viviam em locais muito comuns, sendo comunidades geralmente profanas e com muitos pecados. Portanto, a santidade de uma pessoa se destaca por alguns na humanidade que superam esses fatores sociais e que dificultariam e muito a caminhada em destino à santidade⁶¹ (cf. PASSOS, 2020, p. 7).

O Santo no pensamento popular é sempre aquele que está em condição de ajuda ou oferta de alguma coisa ou na busca de um pedido, pessoal ou mesmo material. É, portanto, aquele que está em condições de auxílio do que seria para a humanidade quase impossível de fazer com suas próprias aptidões⁶².

Para a Igreja, a expansão do “Reino de Cristo” é também interessante para o “Reino de Deus”, atrelado à salvação da humanidade, relacionado à esperança escatológica e à plenitude desse Reino. Isto não mitiga a importância da missão, mas adiciona a ela novos motivos e incentivos (GS 21). O santo carrega consigo a universalidade da missão, esta por sua vez ocorre diante de uma pluralização geográfica e temporal, étnica e social, não se limitando à raça ou à nacionalidade, indo até os confins da terra, evangelizando desde a família, as grandes comunidades, partindo do centro e chegando às periferias, possibilitando

⁶⁰ BARROS, Diego. *Padre Cícero, que foi prefeito, amigo de Lampião e das elites do CE, morreu há 84 anos*, *Correio da Notícia*, 20/07/2018, Ceará. Disponível em: <https://correionoticia.com.br/noticia/cultura/padre-cicero-que-foi-prefeito-amigo-de-lampiao-e-das-elites-do-ce-morreu-ha-84-anos/43/20802#:~:text=Padre%20C%3%ADcero%20j%3%A1%20%3%A9%20santo%20pelo%20que%20fez,domiciliares%2C%20como%20nunca%20se%20tinha%20visto%20na%20regi%C3%A3o.>

⁶¹ *Ibidem*, PASSOS, 2020, p. 5.

⁶² *Ibidem*, p. 5-6.

o reconhecimento de Deus pelo envio de seu Filho, Jesus Cristo⁶³. A vida do santo neste sentido é carregada de experiências que são atribuídas em todas as fases de sua vida, maneiras “certas” ou “erradas”, de qualquer maneira são exemplos a serem seguidos quando se coloca a centralidade na forma de ser e viver em Cristo e com Cristo.

1.4.2 O amor-caridade, eixo central da fé e da santidade

Durante o Concílio Vaticano II (CVII) a classificação para os conceitos amor e caridade contribuem para a designação e explicação das doutrinas e dos projetos conciliares, trazendo o amor divino na união trinitária e fonte da criação e salvação, promovendo a dignidade humana. O Amor, portanto, faz com que a existência pessoal e social sejam o caminho para a santidade através da fé transformada em ações do cotidiano⁶⁴. Este Amor divino é apresentado na grande maioria dos documentos conciliares, bem como nos prólogos dos Decretos e Declarações⁶⁵.

Este amor-caridade é apresentado nas ações de Jesus Cristo antes de ele tornar-se carne. “Nós o amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro” (cf. 1 João 4:19). Deus é amor. Esta realidade pode ser evidenciada principalmente na literatura joanina. Este amor é dado e manifestado em Jesus Cristo, bem como no Espírito Santo. Com certeza, independentemente das religiões, o Amor prevalece como eixo central da fé no caminho para a santidade. Ao agir, o crente acredita no Deus próprio e presente, não “virtual”. Trata-se com certeza de uma catequese do amor-caridade. O envolver-se, colocando-se no sofrimento do outro, é onde se aprende a amar a Deus. Em Jesus Cristo, o discípulo vivencia o amor-caridade como méritos da humanidade diante do Pai. Sendo um exemplo de amor ativo, com uma qualidade sobrenatural em seus atos. Jesus passa a sua catequese para todos os santos que desenvolvem uma viva consciência de pura graça (CIC 1823).

O Amor a Deus sobre todas as coisas promove a virtude teologal da caridade. É por meio dela que se atinge a plenitude desse amor. Jesus, ao transmitir esses ensinamentos, faz da caridade um mandamento que, completada com a justiça, se transformam na plenitude da Lei. Paulo, afirma que somos eleitos à caridade: “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; Suportando-vos uns aos outros, e perdoados-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro;

⁶³ *Ibidem*, SUESS, 2015, p. 628-629.

⁶⁴ cf. JOSAPHAT, Carlos. *Amor/Caridade*. In. PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.), Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. p. 16-17.

⁶⁵ *Ibidem*, p.17.

assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (cf. Cl. 3, 12-14).

Sem o amor-caridade a humanidade não é absolutamente nada – ensinava Jesus aos fariseus. Portanto, não se torna santo por estar em uma religião e sim por realmente amar a Deus. “E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria” (cf. 1 Cor. 13, 3). O apóstolo em sua carta aos Coríntios buscando a paz na comunidade ressalta que para se ter a paz é preciso buscar o Amor e para se encontrar o caminho é necessário viver o verdadeiro Amor. É pela caridade, pela justiça e entrega que realmente ama a Deus. Jesus revela aos sacerdotes, aos fariseus, que o Pai todo misericordioso enxerga e reconhece o amor no pobre. E mais, que a única maneira de amar a Deus é pelo amor ao outro, dando a vida por ele, e não a colocando em risco. O amor revelado por Jesus também está expresso em quem ajuda a ter mais vida, não excluindo, mas sim incluindo, pois o amor praticado promove a vida⁶⁶.

A construção de uma vida de santidade tem o alicerce do Amor de Cristo dentro das raízes familiares que, em sua maioria, apresentam o amor, a justiça e a caridade durante a formação da pessoa humana. É pela família que se começa a viver a sua santidade, amando e servindo a todos, dando a vida para que as comunidades em todos os níveis cresçam no amor. Em Caná, Jesus desceu a Cafarnaum, desligando-se da família e construindo uma nova vida de entrega incondicional aos planos de Deus, oferecendo ao discipulado o dom do Amor⁶⁷, porém, a base construída na sua formação judaica permaneceu em sua humanidade.

Por meio destes laços familiares e união ao Cristo ressuscitado, os discípulos deram continuidade ao projeto de Salvação. Uma maneira mais segura e forte que penetra na história até os dias atuais, as primeiras experiências levaram os discípulos à esperança de estar junto a Jesus no “Dia do Juízo Final”. Essa esperança é a sustentabilidade do amor-caridade, tratando-se de um processo rico e complexo que busca a plenitude da salvação⁶⁸.

1.4.3 A esperança, a afirmação central da fé cristã

Por ser uma das virtudes teológicas, a esperança se relaciona diretamente com a afirmação central da fé cristã. Deus Pai é sua principal referência, tanto no processo de salvação como na escatologia, pois ela é a base de sustentação do amor. Essa mesma esperança é prometida pelo próprio Jesus Cristo ao ladrão crucificado ao seu lado. O verbete

⁶⁶ *Ibidem*, In. cf. COMBLIN, 2017. p. 4.

⁶⁷ URBEL, J. Perez de. *Vida de Cristo*. Quadrante: São Paulo/SP, 2000. p. 123.

⁶⁸ *Ibidem*, cf. PAGOLA, 2014. p. 499.

“esperança”, surge cerca de 70 vezes em diferentes vocabulários, bem como “espera” e “esperar” no texto de diversos documentos do CVII. Em contexto escatológico, coloca a Igreja na plenitude dos tempos já iniciados, porém não concluídos. Isto acontecerá pela fé cristã quando Cristo restaurar toda a criação para reinar superando as dominações e opressões⁶⁹.

A escatologia, no início da cristandade, era compreendida por meio da ressurreição de Jesus Cristo, que passou a ser a centralidade instaurada do Reino de Deus para plenitude da realidade e da vida humana. Neste sentido, a esperança no CVII aparece dentro de um discurso de modernidade e racionalidade, colocando a Igreja na busca da atualização e aproximação da realidade humana, afirmando valores inclusive culturais na velocidade do mundo.

O amor e a caridade trazem consigo a nova esperança como forma de preencher o coração: “Acredite no amor como você acredita no dia. Ele volta depois de qualquer noite, nasce sempre de novo. Preenche seu coração de luz, paz e nova esperança”⁷⁰. A esperança é acreditar, é caminhar tendo o filho de Deus como inspiração. Mesmo que o mundo conheça o mal, as ações do cristão devem estar pautadas na esperança e no amor. D. Paulo sempre que tinha oportunidade repetia a frase: “*Ex spe in spem*” ou seja, “De esperança em esperança”. A cada esperança que se aproxima, uma nova é fortalecida na caminhada do cristão⁷¹.

Ter esperança é acreditar que Deus está sempre encontrando formas de moldar e lapidar, transformando o estado bruto da humanidade em pedras preciosas reflexivas de sua luz, iluminando onde ainda existem trevas. “Então Jesus tornou a falar-lhes, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue de modo algum andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (cf. Jo 8, 12). Jesus é a própria esperança porque ele é Deus, o Messias esperado desde Abraão, Moisés e todos os profetas que falaram dele. Este tempo de espera pelo povo de Deus escolhido aponta para uma esperança que não é hoje e agora e sim uma esperança que é construída ao longo dos anos, com aproximações e afastamentos de Deus. Carregada de fé e de pequenas conquistas, nascendo dentro de pequenas comunidades, de uma aceitação individual que

⁶⁹ MANZATO, Antonio. *Esperança*, Dicionário do Concílio Vaticano II, dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez. São Paulo: Paulus, 2015. p. 357-358.

⁷⁰ ARNS, Paulo Evaristo. *Estrelas na noite escura: pensamentos*. (org. Maria Angela Borsoi). São Paulo: Paulinas, 2006. p. 119.

⁷¹ CHACON, Jerry Adriano Villanova. *De esperança em esperança – Dom Paulo Evaristo Arns*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.diocesesa.org.br/2017/02/de-esperanca-em-esperanca-dom-paulo-evaristo-arns/>, último acesso em: 09/10/2021.

passa a ser coletiva, oriundas de pequenas transformações, despertando as paixões e se tornando grandes⁷².

A primazia da Graça de Cristo em nossa vida é única fonte de verdadeira salvação. O salmista dizia sobre essa esperança:

Esperarei no Senhor com toda a minha confiança e guardarei minhas palavras diante de um ímpio. E Ele se inclinou para mim e ouviu os meus gritos, escutando o meu coração tirou-me da fossa da morte, de um atoleiro, colocou os meus pés sobre a rocha, firmou meus passos. Ele pôs nos meus lábios um canto novo, uma nova esperança e um hino em Seu louvor. Feliz o homem que pôs sua esperança no Senhor (cf. Sl 39,1-5).

Jesus desperta com a ressurreição a nova esperança do povo de Deus, da transformação do mundo e da vinda do Reino de Deus. Esta esperança está infundida pelo batismo e é uma das virtudes teológicas que, evidentemente, nos coloca a crer e a amar firmemente um Deus de verdades reveladas nas atitudes de Jesus Cristo e seguidas por muitos santos que tiveram fé e aderiram pessoalmente em suas vidas essa revelação divina. Portanto, a fé é o alicerce da esperança.

1.4.4 A fé, o verdadeiro amor manifestado pelo filho

A fé é uma das virtudes teológicas gratuitas, porém pessoal. Não se pode dar a fé para alguém. Ela ocorre por meio e vontade de Deus e pela ação do Espírito Santo. Crer é admitir uma verdade sobre alguma coisa, uma afirmação ou mesmo por meio de uma negação. Crer é acreditar em algo que ainda pode ou não ser concretizado, evidenciado ou mesmo compreendido. Contudo, convém estar ciente e convencido que de que a fé não é uma opinião firmada e sim uma certeza apontada, sendo que a adesão a ela é exclusiva⁷³.

Em grande parte dos documentos analisados sobre o Concílio Vaticano II, observou-se que grande parte possui aspectos doutrinários que se referenciam à revelação divina como objeto e ato da fé e fonte da mensagem cristã (*fides quae*). Ela também é citada com termos derivados como fiel, fiéis, fielmente, fidelidade e seus conexos crentes e crer. Porém, nada extenso como ato ou atitude de crer (*fides qua*). Os textos são inspirados na verdade da Bíblia, trazendo complementações com textos da Tradição e do Magistério (DV 5).

A fé é o alicerce do amor-caridade, mesmo diante de todos os obstáculos e turbulências. “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz, mas sim a espada” (cf. Mt 10, 34). Na época das primeiras comunidades era muito difícil ser cristão decorrente da

⁷² *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017, Op Cit. p. 6.

⁷³ TRESE, Leo J., *A fé explicada, tradução de Isabel Perez*, Ed. Quadrante, São Paulo, 2011. p.113.

ligação com Cristo morto na cruz, Ele era para muitos um sinal de morte de um “subversivo político” que se opunha à Roma.

Os adversários sentiam um grande desprezo por Jesus Cristo e seus seguidores e perseguiram os que davam testemunho de fé. O clima de medo e insegurança chegou até mesmo dentro das famílias, pois quem vivia a fé poderia ser denunciado e até mesmo morto. Somente pela fé e pela esperança os cristãos conseguiam superar o medo, os riscos e as provações por onde passavam.

Jesus dava instruções aos discípulos para permanecerem fiéis na fé e levar a Boa Nova até os confins do mundo. Ele a recebeu do Pai e a cumpriu. Agora envia os discípulos para a construção de um reino de paz e de justiça. Os missionários de Jesus de Nazaré devem ter clareza de suas opções por viver e testemunhar estes valores do Reino, pois em todas as épocas o diabo espalhará discórdias, provocando perseguições e denúncias contra os que vivem o Evangelho.

Jesus Cristo chama a todos a crescer juntos como um semeador relatado nos Evangelhos sinóticos, cujos textos apontam as várias maneiras que cada um recebe o chamado e o atende ou não. Para cada evangelista, a mensagem central é trabalhada conforme a necessidade de sua comunidade, acrescentando uma forma diferente de transmitir a mesma mensagem. Um acultramento da fé que faz com que compreendam o apelo de Deus para mudar e tomar um novo rumo em sua vida.

Segundo José Comblin, o verdadeiro missionário não pode dar a fé a ninguém. Neste sentido não se pode impor a fé a ninguém e não seria uma ação verídica, mas sim falsa, pois a fé tem a sua base alicerçada no amor⁷⁴. “Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra. [...] porque vos digo a verdade, não me credes. [...] E se vos digo a verdade, por que não credes?” (cf. Jo 8, 43-46)’. A fé e a conversão estão unidas pela verdade de Jesus Cristo que anuncia o Reino de Deus e apresenta o Pai.

1.4.5 A conversão, mudança de rumo, de convicção e de ação

Durante a vida pública de Jesus existem diversas passagens onde ele próprio fazia o convite diretamente aos seus discípulos para que fizessem uma mudança radical do modo de vida. O apóstolo Paulo apresenta ao seu modo uma forma diferente da manifestação do chamado por Jesus Cristo aos discípulos. Esta forma pode ser encontrada nos textos sagrados das cartas aos Gálatas, Romanos, primeira de Timóteo, e no livro dos Atos dos apóstolos.

⁷⁴ *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017, Op. Cit. p. 6.

Aos Gálatas, Paulo diz: “Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (cf. Gl 1, 11-12). Paulo partilha da revelação de Deus. Nunca se encontra alguém, principalmente o Filho de Deus, por acaso. Tudo tem um motivo dentro do projeto de Salvação no Reino de Deus, como o fato ocorrido com o apóstolo Paulo e com muitos outros santos na história da Igreja⁷⁵.

Paulo, ao exortar sobre o Reino de Deus, convida todos a um novo modelo de vida. Passa-se por um processo e um chamado à conversão. Mateus diferencia as trevas da luz com a presença de Cristo “O povo, que estava assentado em trevas, viu uma grande luz; aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou. Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (cf. Mt 4, 16-17).

A Convenção Latino-Americana de Medellín deixa explícito que a sociedade como um todo é carente de conversão, pois é uma sociedade injusta, cheia de corrupção social⁷⁶. Um Estado corrupto e uma Igreja indiferente são, portanto, fatos contraproducentes ao Reino de Deus e à conversão esperada pelos ensinamentos de seu Filho, segundo os textos sagrados do Novo Testamento. Jesus precisou mudar os tratos com as pessoas, revisando os projetos e corrigindo as Escrituras⁷⁷ (cf. Mt 5,21 -22.27-28.31-32. 33-34. 38-39. 43-44). Assim, existe uma necessidade urgente de uma vocação para a verdadeira libertação, um grito que soe não mais no deserto, mas que atinja os ouvidos dos líderes em suas diversas organizações, entre elas a Religião e o Estado⁷⁸.

1.4.6 A liberdade, vitória que abre caminho para a vocação

Valorizar a liberdade não depende diretamente das atitudes e formas pelas quais se age. O fator principal dessa valorização é relacionado principalmente à entrega e ao serviço

⁷⁵ cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs, EVERTS, J. M. *Conversão e Vocação de Paulo*, Dicionário de Paulo e Suas Cartas, 2008, Op. Cit. p. 260-262.

⁷⁶ *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017., Op. Cit. p. 6-7.

⁷⁷ *Ibidem*, cf. ESTRADA, 2016., Op. Cit. p. 86-89.

⁷⁸ cf. CELAM. *Documento de Medellín, texto integral presença da Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II*, conclusões da II Conferência Geral do Episcopado latino-americano, Medellín, Colômbia, 1968, p. 3-11. 'A Igreja Latino-americana tem uma mensagem para todos os homens que têm 'fome e sede de justiça'. O mesmo Deus que cria os homens à sua imagem e semelhança, cria a 'terra e tudo o que nela está contido para o uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens criados possam chegar a todos de maneira mais justa' (3), e lhe dá o poder para que, solidariamente, transforme e aperfeiçoe o mundo (4). É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos, envia o seu Filho feito carne para libertar toda a humanidade de todas as formas de escravidão das quais ela está sujeita pelo pecado (5), para libertá-la da ignorância, da fome, da miséria e da opressão; em suma, libertá-la da injustiça e do ódio que se originam no egoísmo humano. [...]Por isso, para a nossa verdadeira libertação, todos nós necessitamos de uma profunda conversão a fim de que se estabeleça entre nós o 'reino de justiça, de amor e de paz'. [...]não haverá um continente novo sem homens novos que, à luz do Evangelho, saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis (DM 2).

por amor a Deus, amor ao próximo ou por amor a si mesmo, sobre este amor se assenta um tijolo por vez, a cada momento da vida, pois não se sabe se ocorrerá o instante seguinte. Essa liberdade é um convite para ação atual que busca a vocação à santidade.

A vocação para a santidade é conquistada pela liberdade e assim, pela prática livre que se conquista a vitória sobre o mal, a liberdade portanto é uma ferramenta doada por Deus para que se construa o caminho onde cada um recebe a sua vocação e dela surgem diferentes formas de servir ao Senhor.

O valor presente em cada vocação à santidade está relacionado diretamente à liberdade da ação para trabalhar por amor a Deus e ao próximo ou por amor a nós mesmos. Somente por ação do Espírito Santo é que esta vocação se manifesta em cada um, e com ela são aproveitados os momentos preciosos e oportunidades para que Deus possa agir através de nós. O apóstolo Paulo coloca um destaque a “Liberdade”, mas apela para que a utilizem para servir uns aos outros por amor. Esse amor é o próprio Cristo agindo por meio de cada cristão impulsionado pelo Espírito Santo.

Paulo utiliza o substantivo *eleutheria* (“liberdade, libertação”), o adjetivo *eleutheros* (“livre”) e o verbo *eleutheroō* (“liberar”, “libertar”) para proclamar o evangelho, diferentemente de quando utiliza essas palavras para definir uma situação em uma determinada situação social (cf. Cl 3,11; Ef 6,8). Ele aborda em suas cartas o conceito de liberdade na obra libertadora de Cristo e na prática da liberdade cristã. Dois argumentos utilizados para a libertação do domínio do Pecado, colocando ênfase na morte libertadora/redentora de Jesus Cristo; a liberdade está relacionada à servidão da lei judaica à qual o próprio Cristo esteve sujeito e que teve como consequência a morte⁷⁹ (cf. Gl 4, 4-5).

A libertação da carne segundo a literatura paulina o termo *sarx* (“carne”) designava a rebeldia da humanidade contra Deus e a escravidão pelo pecado. As pessoas, portanto, são vítimas da escravidão da sua existência e libertadas do domínio do pecado (cf. Rm 8, 3-4). Por fim, ainda sobre a libertação em Cristo, aponta para um novo entendimento da morte humana que é suprimida com a morte de Jesus Cristo na cruz, uma liberdade que é transferida ao seu povo para que este tenha a vida eterna até a destruição do último inimigo (cf. Rm 5, 21; 6, 23). Resumidamente, estes destaques citados estão relacionados à obra libertadora de Jesus Cristo⁸⁰.

⁷⁹ cf. CHAMBIN, J. K. *Liberdade/Libertação*, Op. Cit. Cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs, Dicionário de Paulo e Suas Cartas, 2008, p. 796-797.

⁸⁰ *Ibidem*, 796 -797.

Jesus de Nazaré diz aos seus discípulos: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos” (cf. Lc 4, 18). Jesus vem para libertar a humanidade, no mais profundo âmago, de todas as suas aflições, carências, opressões. O exercício da liberdade é pré-requisito para a servidão a Cristo, colocando a humanidade, que aceita esta condição, em estado de submissão assim como Jesus foi submisso ao Pai. O servo de Cristo não pode ser escravo de ninguém e ser leal a Ele como a verdade do evangelho que une os fiéis a Cristo pelo poder do Espírito Santo⁸¹.

O uso responsável da liberdade segundo Paulo é enfatizado pela advertência ‘Tudo é permitido, mas nem tudo convém’, dando o significado de que pode se fazer de tudo, porém nem tudo o que é permitido é edificante. Na carta aos coríntios Paulo relaciona a liberdade, mas com restrições (cf. 1Cor 10, 23). A servidão do amor permite ao cristão a liberdade para todas as coisas que desejar, não é sujeito à imposição de ninguém⁸².

A liberdade é dada, contanto que ela não dê oportunidade ao pecado. Pois todo o cumprimento da lei está em uma única frase: ‘amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (cf. Gl 5, 13-14). As convicções de Paulo estão sempre na ação em benefício aos irmãos mais fracos, sendo, portanto, uma condição para a verdadeira liberdade. “O amor é o verdadeiro cumprimento da lei” (cf. Rm 13, 8-10). Jesus Cristo catalisa todas as expressões de amor realizadas em culto e obediência. Para a aceitação incondicional, a humanidade deve deixar de desprezar os pobres e lutar pela justiça e dignidade humana⁸³.

A liberdade, portanto, é uma forma de emancipação de tudo o que impede o amor de Cristo. Por meio dela os medos são extintos, tanto os construídos como os imputados pela sociedade. As estruturas culturais muitas vezes impedem de se assumir um compromisso com a religião, com o seu irmão, e esse medo impede que levem o Cristo aos quatro cantos da Terra. Essas estruturas exercem pressões que impedem ou limitam a capacidade de amar, perseverar e agir. Mesmo diante de tantas resistências Jesus faz um convite à liberdade, se opondo a todas as pressões sociais com lucidez, sem mentiras para si e para a comunidade. Agindo assim, a liberdade vai sendo construída pouco a pouco, nos levando ao caminho do Reino de Deus⁸⁴.

A missão e vocação são liberdades apriorísticas do ser humano que remetem a um compromisso solidário, ao cuidado com a vida em plena liberdade, principalmente, para com

⁸¹ *Ibidem*, p. 797-800.

⁸² *Ibidem*, p. 800.

⁸³ *Ibidem*, p. 797-800.

⁸⁴ *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017, Op. Cit. p. 7.

os pobres, que são os mais privados nesta vida e os mais acometidos pela injustiça do que os que detém o poder da caneta. Cabe a humanidade fazer memória a Jesus Cristo, que, sob pressão do domínio Romano que reinava sobre o povo e pela inveja dos fariseus que se encontravam entre as elites sociais, soube permanecer no amor do Pai e concluir a sua missão na Terra⁸⁵.

A liberdade às vezes exige desafios maiores para a santidade. Através deles o crente é convidado a novas conversões, um caminho duro que é acompanhado por Deus e que permite a manifestação de sua graça durante a nossa existência. “Nossos pais nos disciplinavam por curto período, segundo lhes parecia melhor; mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade” (cf. Hb 12, 10). Durante a vida existem oportunidades para encontrar outras formas de viver o amor de Jesus Cristo. O Cardeal Van Thuan, quando estava na prisão, decidiu olhar a sua liberdade com outro foco. Vivendo o amor acumulado em seus dias de cárcere, ele aproveitava para realizar ações ordinárias de maneiras extraordinárias (GE 17).

Conclusão

A centralidade de todo o Evangelho de Jesus Cristo está na memória dos seus discípulos e na oração do Senhor repetida em todas as celebrações litúrgicas, principalmente nas dominicais. Ele confia aos seus discípulos e à sua Igreja a oração cristã fundamental. Nas Sagradas Escrituras, o evangelista Lucas apresenta um texto breve com apenas cinco pedidos nesta oração (cf. Lc 11, 2-4). A tradição litúrgica da Igreja considerou o texto do evangelista Mateus, que apresenta sete pedidos na oração mais desenvolvida (cf. Mt 6, 9-13). As orações dirigidas aos céus podem ser acrescidas conformes as necessidades. Porém, o seu princípio é sempre pela oração do Senhor.

A busca da santidade deve ter a premissa do engajamento pelo seguimento de Cristo. Assim, todo batizado é chamado a viver uma vida de comunhão fraterna que permite o conhecimento pessoal e da comunidade em busca da santidade. Esta santidade é conquistada na experiência de vida em busca do Sagrado. O próprio Filho de Deus como homem quis estabelecer a comunhão com a humanidade, apresentando-se como O modelo de santidade a ser seguido. Primeiro com seus apóstolos e discípulos, para que o elo de vida em santidade desse continuidade.

⁸⁵ BOMBONATTO, Ivanise. *Seguimento de Jesus na cristologia de Jon Sobrino*, dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 39.

Jesus deixa a memória permanente aos seus discípulos, retribui o presente que lhe é dado pelo Pai em suas palavras durante a última ceia. Como verbo encarnado do Pai, Jesus é também conhecedor das necessidades da humanidade e revela-as no desejo de nossa oração, a oração do Senhor (CIC 2759 – 2766).

Jesus promete aos seus discípulos que estaria sempre com eles. Por meio da oração, os discípulos sempre se lembram e são acompanhados por Ele. Ele não esquece e nem abandona nenhum dos seus irmãos e, como Pai, também não abandona os seus filhos⁸⁶. Jesus deixa para Seus discípulos, como herança, a missão que aflorou no Concílio Vaticano II como teologia fundamental. Nesse sentido também são retomadas as fontes do cristianismo, recorrendo principalmente aos textos sagrados⁸⁷.

⁸⁶ *Ibidem*, cf. COMBLIN, 2017, p.7-8.

⁸⁷ cf. MODENA, Hernane, In. SOUZA, Ney de (org). *Vaticano II, história, teologia e desafios, A Igreja testemunha da misericórdia*. Editora CRV, Curitiba, 2019. p. 60.

Capítulo 2

O CRISTÃO E O CHAMAMENTO UNIVERSAL À SANTIDADE

2. Introdução

O chamado à santidade é oriundo do discipulado dos primeiros cristãos. Homens e mulheres são escolhidos pelo próprio Jesus Cristo como apóstolos e discípulos e são enviados dois a dois para anunciar o Reino de Deus. Este capítulo tratará das seguintes temáticas: Os Santos Mártires; A santidade no estado de graça no Brasil; Santo Antonio de Santana Galvão (o “Frei Galvão”) e Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes (a “Irmã Dulce dos Pobres”). O levantamento dessas fontes, especialmente na internet e outras que foram surgindo e direcionando para temas ou discussões não pensadas na fase de elaboração da pesquisa, acabaram por serem selecionados devido ao conteúdo relevante aos aspectos de santidade. Dentre esses, os sites e artigos de revistas teológicas acadêmicas aqui citados.

A busca ou o caminho à santidade na Igreja Católica atribui a condição de ser discípulo de Cristo e, por definição, o(a) santo(a) é uma pessoa escolhida por Deus para seguir caminhando em parte ou por toda a vida diante das mesmas estações da *via crucis*, “o caminho da cruz”. Talvez essa é a mais importante experiência do cristão que traz o sofrimento e a cruz, e isso aponta para a razão mais profunda de viver a cada dia a manifestação de Cristo presente ao mundo com o despontar de uma nova e definitiva vida, o acordar para a vida escatológica ainda na história dos homens.

2.1 Os Santos Mártires

O Papa Francisco convida o cristão a viver a alegria do Evangelho em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, “O Evangelho, em que resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, Convida insistentemente à alegria” (EG 5). Essa alegria é para todos os que desejam encontrar o Cristo, ou pelo menos os que tomam a decisão de se deixar encontrar no dia a dia com Ele (EG 3).

A compreensão do ser mártir cristão, ao longo dos séculos, estabeleceu-se como um abençoado paradigma de santidade. Observa-se que este gratificante estado devocional do ser humano manifesta-se pela fé até aos dias atuais com uma riqueza e diversidade

inesgotáveis⁸⁸. Uma concepção do modelo de mártir estruturou-se nos primeiros séculos com o cristianismo nascente, perseguições por judeus e romanos levaram homens e mulheres ao martírio. Estas perseguições tiveram origem nas rupturas com o judaísmo e na conversão de povos da antiguidade “pagã” que praticavam o paganismo. O mártir tido como herói era exposto à veneração pública que os compreendiam sobretudo como guerreiros e defensores da fé cristã. Essa dimensão levava a um ideal de santidade, contra os modelos existentes de cultos pagãos e da tradição hebraica. Sobretudo a interpretação neotestamentária da morte de Jesus Cristo como um sacrifício, levaram aos novos cristãos o desejo de morrer em defesa da nova fé que representavam no martírio a glorificação do herói na fé⁸⁹.

As tentações pelas quais Jesus passou foram registradas nos textos sagrados como ensinamentos, vivenciados também pelos discípulos-missionários, os quais se colocaram a caminho da santidade. Antes mesmo da presença do filho de Deus na terra, o martírio já se manifestava com os profetas que, ao pronunciar e dar testemunho e profecia, frequentemente passavam pelo julgamento e pela condenação dos homens, semelhantes ao martírio de Jesus Cristo.

Nas Sagradas Escrituras fica explícito a relação do martírio dos profetas e dá ao novo cristão a consciência e continuidade desta prática. Por exemplo, ao se afirmar que Jesus é condenado pelos filhos daqueles que mataram os profetas. Outro exemplo mais claro é visto em escritos de Paulo, que vê a morte de Jesus como o culminar de uma história de perseguição aos profetas, posteriormente observada na perseguição dos próprios apóstolos⁹⁰ e no final que cada um teve (cf. Mt 23, 29-33; Lc 11, 47-48 e 1 Tes 2, 15). Estes relatos ocorreram não para se angustiarem, entristecerem ou mesmo se assustarem, mas para vencerem as tentações como Jesus, “crescendo” em graça, superando e cumprindo sua missão até a sua paixão.

O discipulado-missionário age na história como os grandes profetas: seguem anunciando e denunciando, amando e curando, transformando e santificando a humanidade pela centralidade vivenciada em Cristo. Os discípulos também são santificados em sua humanidade como o Mestre, levados ao calvário por não abandonarem a sua fé no Deus Pai todo amoroso.

⁸⁸ cf. URBANO, Carlota Miranda. *Tipologias literárias do martírio na hagiografia - As origens*. Revista Theologica, 2.^a Série, 41, 2 (2006), p. 331.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 332.

⁹⁰ *Ibidem*, nota 3, p. 332.

O discípulo age como profeta e isto não é pré-requisito de santidade. Na verdade, este fato até dificulta o caminho para a vida em Cristo. Os discípulos, portanto, foram e são homens e mulheres profetas, que denunciam a injustiça e a falsa sentença, sofrendo com o sofrimento do outro, transcendem as tentações pela fé e exemplo de Cristo e as superam como na carta de Paulo aos Romanos. “Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (cf. Rm 8, 28). Aos olhos de Paulo, a santidade se faz envolvida na ação pela qual o crente fiel se compromete com a obra e pela obra de Deus, do Espírito e do Filho.

A missão santificadora de Jesus levou-o ao “batismo”, ao “martírio da cruz” e à ressurreição, no percurso pelo qual passou para cumpri-la. Jesus amou, com isto, ele se entregou ao próximo, parou, ouviu, olhou, abraçou, cuidou e curou. Aquele que deseja abraçar a vida em Cristo, como batizado também carregará a cruz, beberá do seu cálice, deixará pais e irmãos, será um peregrino do Amor neste mundo, o deserto estará em sua vida, mas alcançará a graça.

Não se pode perder a memória de que Cristo fez tudo por Amor. A sua submissão, a esperança e cumprimento definitivo de sua entrega ao Pai, comprovam este amor incondicional, sendo ele um exemplo de caridade e doação por nós. No entanto, isto não significa somente “em favor de nós”. Jesus Cristo se coloca no lugar do Seu irmão, do seu próximo e também está diante do irmão caído e ferido onde passa o levita e o sacerdote, coloca-se naquele que era tido como rejeitado pelos seus, também no “Samaritano” Cristo se faz presente, pois, “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus” (1 Jo 4, 16). Assim, foi Pai fecundo que suscitou o sonho duma sociedade fraterna, pois “só o homem que aceita aproximar-se das outras pessoas com o seu próprio movimento, não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem mais elas mesmas, é que se torna realmente pai” (FT 4), “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (cf. Lc 10, 33-34).

É notório encontrar muitos paralelos entre a figura do herói pagão e a figura do santo, principalmente no mártir cristão, porém, existem diferenças fundamentais entre eles. Para ser um mártir santo faz-se necessário ter amor, mas um amor *Ágape* como doação e caridade possui o verdadeiro sentido da vida. Somente pode-se amar pela força que capacita o indivíduo a superar os problemas da sociedade independente da sua contextualização e modificar a mesma.

A compaixão é um caminho privilegiado também para edificar a justiça, porque colocamo-nos na situação do outro, não somente nos permite encontrar suas fadigas, dificuldades e receios, mas também descobrir, no âmbito da fragilidade que conota cada ser humano, a sua preciosidade e valor único, em uma palavra:

A sua dignidade. Porque a dignidade humana é o fundamento da justiça, enquanto a descoberta do valor inestimável de cada homem é a força que nos estimula a superar as desigualdades com entusiasmo e abnegação (CF 2020, n.111).

Nada supera e leva os homens a viver na unidade, na caridade e na justiça. É na caridade que existe a abertura que nos leva a amar e nos leva ao bem comum. Porém, não se desvinculada da justiça que por sua vez é samaritana, sempre capaz de cuidar independente das condições em que se encontra aquele que está à beira do caminho⁹¹. Nas palavras de Paulo “(...) seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (cf. Ef 4, 15-16).

A fé era o grande diferencial entre os discípulos de Jesus para que acreditassem Nele. Paulo descreve a “Justiça” como um elemento dessa fé, “O justo viverá pela fé” (cf. Rm 1, 17). Portanto, para que a missão de Jesus se perpetuasse era necessário que os seus discípulos acreditassem que Ele era o filho de Deus, repetindo isso constantemente para que gravassem em seus corações.

No cotidiano, independente da época histórica, as perseguições continuam. Observa-se que o número de mortos ainda é grande, venham ser por motivos políticos, liberdade de religião ou grupos extremistas que tem como meta o combate ao cristianismo.

Uma organização cristã internacional denominada Portas Abertas, fundada em 1955 por um jovem missionário holandês, o Irmão André, descobriu em uma viagem à Polônia a necessidade urgente de Bíblias na igreja detrás da Cortina de Ferro e entendeu o chamado de Deus para servir cristãos em países sob restrição e discriminação. Desde então acompanha estas evoluções publicadas em um site “portas abertas”.

Segundo o site portas abertas, mais de 340 milhões de cristãos no mundo enfrentam algum tipo de oposição como resultado de sua identificação com Jesus Cristo, fato que leva muitos deles ao extremismo e ao martírio. Em sequência de países onde existem as maiores perseguições estão: Coreia do Norte e o Afeganistão, seguido pela Somália, Líbia, Paquistão, Eritreia, Iêmen, Irã, Nigéria e Índia. Essas perseguições de caráter religioso ocorrem quando os seguidores de Jesus não têm os direitos de liberdade religiosa garantidos; quando a conversão ao cristianismo é proibida por conta de ameaças vindas do governo ou de grupos extremistas. Os cristãos são forçados a deixarem as casas ou empregos por medo da

⁹¹ cf. CF 2020, n.118.

violência; são agredidos fisicamente ou até mesmo mortos por causa da fé. Além disso, são presos, interrogados e, por diversas vezes, torturados por se recusarem a negar a Jesus⁹².

Todos os dias, 13 cristãos no mundo todo são mortos por causa de sua fé. Todos os dias, 12 templos ou edifícios cristãos são atacados. ‘Você pode pensar que a lista é toda sobre opressão. ... Mas a lista tem tudo a ver com resiliência’, afirmou David Curry, presidente e CEO da Portas Abertas USA (Christianitytoday, jan, 2021).

Estes exemplos traduzem a todos os discípulos que o Senhor é capaz de fazer de cada homem e mulher santos. Por outro lado, outros irmãos que não professam o cristianismo são mortos e perseguidos e isto, leva a pensar que em ambos os lados existem perseguições geradas pela falta de amor fraterno. A Igreja precisa de santos e santas, assim, o discipulado seguiu vivendo os ensinamentos que Jesus passou aos seus discípulos diante das suas realidades. A santidade é, portanto, um amor incondicional por Jesus e necessita de coragem para lutar contra todas as estruturas de pecado.

Para a existência da santidade o cristão tem como exigência o anúncio do Reino de Deus e a denúncia de todos os tipos de agressão. Esta agressão pode estar direcionada à humanidade ou à toda a criação. A santidade não pode ser vivida sem luta pessoal e comunitária em busca da verdade, que está em cada um e dos que sofrem perseguições por defenderem o “Reino de Deus”.

O discípulo atende o chamado de Jesus que: “chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (cf. Mc 8, 34). A construção do Reino de Deus é presente, portanto, é aqui e agora, a eternidade é a missão do fiel batizado que não sente medo de defender a sua fé e sofre perseguições chegando ao martírio. Assim, mesmo aqueles que, por medo ou comodismo, preferem se omitir para evitar problemas simplesmente por serem cristãos batizados, correm o risco de perder sua vida, ou vive-la em vão.

Ser santo é colocar a vida distante de ser carregada pelo medo, e sim ser semelhante a uma chama colocada sobre um altar em uma celebração, enquanto ela se consome, ilumina e indica o caminho de Jesus Cristo. Estar no caminho é gritar mais forte dos que querem calar (cf. Mc10,48). Jesus continua caminhando e muitos encontram-se à beira do caminho, cegos e longe da luz. A sua missão é transmitida para a humanidade e deve ser continuada, pois o Pai não abandona seus filhos e conforme o apóstolo Paulo “Tudo posso naquele que me fortalece” (cf. Fl 4,13).

⁹² cf. PORTAS ABERTAS, 2021.

Ser mártir é sentir o chamado de Jesus para ser seu discípulo, trilhar o caminho e estar no estado da graça para a santidade, podendo resistir e tentar fugir de sua missão. Entretanto, sempre terá em mente a perseverança como sua maior aliada e sabe que é capaz de entrar nesse processo. O batismo é o martírio para o pecado e a força de Deus presente durante toda a sua vida, não lhe faltará energia e nem mesmo o medo lhe impedirá de ultrapassar todos os obstáculos. Para tanto é necessário que confie na presença e na força do Espírito Santo que lhe sustenta pela fé.

2.2 A santidade no estado de graça no Brasil

A liberdade e a espontaneidade desperta no novo cristão o desejo de conhecer a Deus. Os santos, portanto, são estes exemplos de manifestação da missão passada por Cristo em experiências espirituais que visam a realização concretizada nos tempos escatológicos. A espiritualidade e a santidade caminham lado a lado, ambas oriundas da espiritualidade Divina. Em teoria, é uma relação prática em que existe, ou seja, uma convergência relacional direta entre elas⁹³.

Os santos vivem normalmente de forma pouco comum em relação à maioria dos costumes da sociedade. Dotados de uma graça imanente, são inspirados pelo Espírito Santo, enfrentam o medo por amor a Jesus Cristo, pois a fé e a esperança estão acima de qualquer valor que se possa imaginar. A santidade começa pelo testemunho, e todos os cristãos, pelo sacramento do batismo, são chamados à missão de anunciar o Evangelho e evangelizar, “[...] um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização” (EN 21).

A santidade como uma iniciativa divina é concebida desde a criação por amor, que busca o acolhimento humano e proporciona a humanidade estar engajado em contextos de polarizações políticas e religiosas, que constantemente procuram enfuscar as buscas pela compreensão e pelo discernimento⁹⁴. Neste sentido, se faz necessário como luzes do Concílio Vaticano II e dito por França Miranda: é tempo de mudança de época, as experiências de vida são um caminhar e Jesus está passando. Ficar à margem do caminho é estar longe de todos os seus ensinamentos. “Já é tempo de caracterizar este nosso tempo como uma autêntica mudança de época”⁹⁵.

⁹³ QUEIRUGA, André Torres. *Creados Por Amor: La Santidad Cristiana*, Revista internacional de Teologia Conclilium, editorial verbo divino, Repensar *La Santidad*, BINGEMER, Maria Clara; QUEIRUGA, André Torres e SOBRINO, Jhon, (eds.), edição 351, junho de 2013, p. 346.

⁹⁴ cf. OTTAVIANI, Edélcio; FERREIRA, Edi Gomes. *Comunidades cristãs: eco da voz de Jesus*. Revista Cultura Teológica, Ano XXVI, n.91, Jan-Jun 2018, p. 291.

⁹⁵ cf. MIRANDA, França. *Evangelizar ou Humanizar?*, Revista Eclesiástica Brasileira, ano 74, n. 295, jul./set de 2014, p. 519.

Os desafios da santidade pelo mundo moderno transpassam por meio de diversos seguimentos socioculturais, políticos, religiosos e pelo *ethos* social com seus valores. Portanto, é neste cenário histórico que de certo modo o cristianismo envolvido entre todos estes valores, procura entre homens e mulheres formas de ecoar e repensar a mensagem do Reino de Deus atualmente⁹⁶.

Desde o descobrimento do Brasil, homens e mulheres viveram os desafios de suas épocas, evangelizando, catequizando e transformando vidas ao seu modo de ser santo, ecoando a mensagem de Deus no cotidiano tendo o coração em Deus. Porém, com as mãos e pés juntos aos que necessitavam os mais pobres, estando presente e junto ao seu semelhante, sofrendo a sua dor, fazendo com que esses batizados praticassem diante de muitos desafios a conscientização e a concretização do foco principal da nova maneira e forma de evangelizar.

Neste sentido o Papa Francisco em sua carta encíclica *Fratelli Tutti*, relembra de uma humanidade que caminha da mesma carne humana e como filhos de uma terra que dá o repouso e acolhe a todos, cada qual com sua riqueza e sua fé, porém com a certeza de que todos são irmãos (FT 8). É por esta fé que todas as coisas são transformadas e a alma percebe a realidade do pobre e humilde. Por esta fé os cristãos se alegram, porque grande é a recompensa nos céus e, da mesma forma em que os profetas foram perseguidos, também serão os discípulos (cf. Mt 5,12).

O caminhar na carne humana, atrelada à justiça e à caridade, torna o discípulo missionário amante do seu próximo, “E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (cf. Lc 10,27). Quem é generoso e justo colhe a generosidade e desperta a mesma ação dos que o cercam, porém, não são todos os que concordam com estas ações e não correspondem, isto faz parte de todas as provações. O documento 109 da CNBB aponta uma Igreja sacramental discípula e missionária:

É preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo. Anunciar Cristo significa mostrar que crer Nele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida d’um novo esplendor e d’uma alegria profunda, mesmo no meio das provações. A Igreja, sacramento universal de salvação, como discípula missionária (servidora), anuncia sempre o mesmo Evangelho: acolher, contemplar, discernir e iluminar com a Palavra de Deus os complexos elementos culturais, sociais, políticos e

⁹⁶ *Ibidem*, p. 520.

éticos que constituem a realidade, com suas luzes e sombras⁹⁷ (DGAE, *Documento 109*, n.41 – 42).

A santidade no estado de graça significa: adaptar as realidades, recuperar o significado do seguimento, situando-o no contexto da pessoa, da vida e dos ensinamentos de Jesus e compreender a vida como discipulado. É, portanto, seguir a mesma vida de Jesus. A vida em santidade deve ter a missão de anunciar o Senhor, não permitir que os problemas cotidianos bloqueiem o caminho, pois o servo que crê passa por todos os obstáculos.

Quando se experimenta a força do amor de Deus, está intrínseco que a humanidade não pode se eximir da vida missionária. A relação de Jesus com os discípulos é de movimento, onde Ele sempre está passando de uma vila à outra, de uma cidade à outra e da vida terrestre à vida escatológica. O Mestre precisa sempre partir e, como discípulos, as condições são as mesmas. Partir não para devorar quilômetros, mas sim passos curtos e constantes, são pequenos gestos como, por exemplo: abraçar o marido, a filha e posteriormente poder abraçar a comunidade como um todo⁹⁸.

Esse discipulado, quando bem orientado e preparado para a missão, pedagogicamente, reflete na comunidade por onde passa a “sede de Deus”. Parte caminhando para chegar à esta fonte de água viva que somente os pobres e os simples podem beber e, quando saciados, se tornam pessoas capazes de agir com caridade e manifestação da fé. Dessa fé e dessa caridade nasce a esperança, atributos teológicos profundos, oriundos de Deus que promove o verdadeiro sentido da cruz na vida cotidiana. A dedicação, devoção e desapego chamados de “piedade popular” como atributo de religião do povo, em vez de “religiosidade” (EN48).

O processo de vida de santidade tem o seu início no batismo e, portanto, o cristão tornado à imagem do Filho, recebe “as primícias do Espírito” (cf. Rm 8,3). Por meio desse Espírito, a humanidade é renovada. Assim, para o batizado, existe a necessidade e dever de lutar conta as mazelas existenciais da sociedade, sofrer a morte, porém, associá-la ao mistério pascal e a ressurreição de Jesus Cristo (GS 22). A manifestação do Espírito é tão grande na vida do santo que se revela em todas as suas ações e atitudes fundadas pelo Evangelho de Jesus Cristo.

⁹⁷ cf. CNBB, DGAE. *Documento 109, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, Brasília, 2019-2023, n. 41 - 42.

⁹⁸ cf. FRANCISCO, Papa. *Mensagem de sua santidade o Papa Francisco para o dia mundial das missões de 2021*. A Santa Sé, Roma, em São João de Latrão, na Solenidade da Epifania do Senhor, 6 de janeiro de 2021, p.1.

Deus se faz presente em todo agir missionário que busca o bem, o resgate, a dignidade, a solidariedade, a promoção humana e a salvação de todos que são encontrados neste caminho de pessoas sem nome, sem rosto, sem voz e sem vez. Caminhar no meio do seu povo e junto com os seus e através dos seus, sendo o grande animador e guia do povo que caminha rumo a esperança da verdadeira unidade. A santidade é construída no caminho, as marcas deixadas revelam o Espírito Santo agindo naqueles que são profetas no meio do povo, um profeta ativo que não quer aparecer e sim realizar os desejos e a vontade do Senhor, evangelizando na prática, na vida pública das comunidades e lugares periféricos.

2.3 Santo Antônio de Sant' Ana Galvão – Frei Galvão

A santidade no Brasil é construída historicamente na relação da credence popular, práticas religiosas e histórias eclesiais. A partir desses paradigmas, atrelados à cultura do povo, busca-se a historicidade⁹⁹ desses termos e os conceitos históricos dessa relação. A diversidade de fontes, tanto da instituição religiosa quanto de relatos de pessoas que viveram com os “santos”, contribuem para o enriquecimento do estudo. A história dos santos no Brasil converge para um valsar nas letras de muitos relatos e experiências pela fé em relação ao santo. Por isso, ao mergulhar em fontes que expressam estas fronteiras, deixam cada vez mais claro as formas devocionais do povo.

Um santo brasileiro: assim é conhecido o frade franciscano beatificado em 25 de outubro de 1998 em Roma e canonizado pelo Papa Bento XVI em 11 de maio de 2007. Frei Galvão, como é conhecido, nasceu no ano de 1939 em uma cidade do interior paulista na região do Vale do Paraíba, local próximo à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Guaratinguetá, no estado de São Paulo. Essa proximidade contribuiu para que sua infância e início da adolescência tivessem a proximidade de um ambiente religioso.

Um jovem, oriundo de família com grande posse de mantimentos e poder na sociedade, era o quarto filho entre dez irmãos, entre eles foi o único a optar pela vida religiosa. Seu pai, Antonio Galvão de França, português, foi capitão-mor e comerciante. Sua mãe, Isabel Leite de Barros, natural de Pindamonhangaba, era descendente de Fernão Dias

⁹⁹ O termo (historiografia) - remete a três aspectos iniciais. O primeiro é a existência de um conjunto de obras históricas que mantém certa coerência e continuidade sobre um determinado tema ou objeto, e cujo volume possui significado acadêmico. O segundo está na sucessão de gerações de pesquisadores que dialogaram entre si de alguma forma e que perpassaram não somente informações e conteúdos revistos, mas perspectivas teóricas e metodológicas diferenciadas formando uma possível linha interpretativa. O terceiro está na conquista de espaço e posição no campo acadêmico, no caso da historiografia brasileira, de visibilidade e legitimidade desta produção, manifestas em citações, publicações, participações em eventos (cf. SANTOS, 2008, p.180).

Paes Leme¹⁰⁰. Diante dessa estrutura e descendência, a família abastada que chegou a possuir cerca de 28 escravos a seu serviço, não impedia a forma caridosa com que o pai tratava a todos. As esmolas frequentemente dadas aos pobres certamente serviram de aprendizado para o menino Antônio de Sant' Ana Galvão que, diante da doçura da mãe, aprendeu a amar sem restrições, tratando a todos, escravos ou não, de maneira igualitária e caridosa¹⁰¹.

O olhar carinhoso pelos seus semelhantes levou Antônio, aos 13 anos de idade, aos estudos em um Seminário da Companhia de Jesus na cidade de Belém de Cachoeira (BA). A expulsão dos jesuítas do território português e do Brasil, decidida pelo então ministro Marquês de Pombal¹⁰², levou o jovem Antônio aos 21 anos a ingressar no noviciado da Ordem dos Frades Menores, no Rio de Janeiro. Após um ano fez a profissão solene dos votos religiosos, recebendo a ordenação presbiteral em 16 de abril de 1761.

Frei Galvão, após a ordenação, foi enviado para o Convento de São Francisco, em São Paulo, onde aperfeiçoou os estudos e teve sua iniciação prática do apostolado. Devoto de Nossa Senhora, registra por meio de marca, assinando com o próprio sangue extraído do peito, em um texto conhecido como “Célula irrevogável de filial entrega a Maria Santíssima, minha Senhora, e digna Mãe e Advogada, no ano de 1766”¹⁰³. Um homem santo, que começou a se destacar por suas virtudes e empenho pastoral dentro do apostolado franciscano em um período em que a liberdade religiosa era muito ameaçada pela realeza¹⁰⁴.

Estudioso, frei Galvão pertenceu à Academia de Letras de São Paulo. Como gostava de caminhar, ficou famoso como “o grande peregrino”, passando por várias cidades. Ainda em vida, a manifestação de sua santidade era notada por onde passava, tendo vários milagres¹⁰⁵ atribuídos a ele. Em São Paulo, colaborou na edificação do Mosteiro da Luz, que

¹⁰⁰ Fernão Dias Paes Leme - descendente dos primeiros povoadores da capitania de São Vicente. A partir de 1638 desbrava os sertões dos atuais estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, chegando ao Uruguai.

¹⁰¹ SOUZA, Bianca Gonçalves de. *O santo é brasileiro: história, memória, fé e mediação no estudo de santo Antonio de Sant'Ana Galvão*, Tese Doutoral de História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009, p.16-17.

¹⁰² As Reformas no Ensino e a expulsão dos jesuítas compõem e a manutenção dos tribunais do Santo Ofício, compõem a gestão do Marquês de Pombal. O objetivo destas providências drásticas se relaciona a um contexto ligado aos negócios do reino: “Existiam interesses materiais. A ordem era muito rica e com sua expulsão o Estado se apropriaria de boa parte de seus bens. Do ponto de vista político, os jesuítas constituíam um forte obstáculo a um projeto político regalista” CHAUVIN, Jean Pierre. *Marquês de Pombal: Retrato sem Moldura, Revista De Estudos De Cultura, N° 04, Jan/Abr de 2016, p. 67, In. (SOUZA, 2015, p. 292).*

¹⁰³ *Ibidem*, SOUZA, 2009, p. 18.

¹⁰⁴ *Ibidem*, SOUZA, 2009, p.16-17.

¹⁰⁵ MILAGRE. A palavra “milagre” procede do latim *miraculum*, significando “maravilha”. É contextualizada como uma interferência sobrenatural na natureza ou no curso dos acontecimentos. Na história da Igreja, os milagres têm sido vistos não somente como expressões extraordinárias da graça de Deus, mas também como atestado divino da pessoa ou ensino de quem realiza o milagre. (FERGUSON; WRIGHT; PACKER, 2009, p. 673, *In. SOUZA, 2018, p. 49).*

teve sua construção finalizada em 1774, porém, não foi somente este mosteiro que ajudou a construir. No ano de 1811 recebeu a missão de construir outro Mosteiro em Sorocaba. Posteriormente à construção, retornou à São Paulo, tendo o óbito registrado em 23 de dezembro de 1822, com mais de 60 anos de sacerdócio¹⁰⁶.

Uma santidade religiosa que não se constituiu de maneira isolada, frei Galvão como objeto de pesquisa possui ritos em suas práticas, que transformaram a história global da sua época com milagres ainda em vida. A sua canonização passou por um processo que se norteou pela busca das características missionárias com aspectos religiosos sobre a santidade de frei Galvão, passou-se a despertar uma relação de “ser sinal e instrumento” de salvação ou do Reinado de Deus no mundo. Uma história laicizada de santidade que é registrada majoritariamente pelos depoimentos de curas em um processo de santificação já afastado de sua época.

Uma exceção, concedida pelo Papa Bento XVI, agraciou o povo brasileiro, pois pela primeira vez na história da Igreja Católica um santo foi canonizado em sua terra natal. Este grande marco aconteceu em uma missa campal, no Campo de Marte, na cidade de São Paulo, celebrada no dia 11 de maio de 2007. Um marco de suma importância para todo o continente latino-americano e para a Igreja Católica no Brasil. O processo de construção simbólica e legislativa teve um período com duração de 69 anos envolvendo 4 processos abertos para ser estruturado¹⁰⁷.

A ordem cronológica¹⁰⁸ do processo de canonização foi organizada por frei Carmelo Surian, O.F.M. sendo atualizada pelo Museu Frei Galvão. Decidiu-se descrever essa sequência com a finalidade de visualização de como é tratado um caso de indicação para causa de canonização e, neste caso, o de Antônio Galvão de França, o frei Galvão, desde seu início, no ano de 1938, até 2007. Destaca-se em negrito os pontos principais desta biografia.

1739 - Nascimento em Guaratinguetá-SP.

1752 - Ingressa no Seminário de Belém, na Bahia.

1755 - Morte de sua mãe.

1758 - Volta à casa paterna.

1760 - 15 de abril - Recebe o hábito e inicia o Noviciado, em Macacu.

1761 - 16 de abril - Faz sua profissão na Ordem Franciscana e o juramento imaculista.

¹⁰⁶ cf. SOUZA, 2009, p. 16-17.

¹⁰⁷ cf. SOUZA, 2018, p. 11.

¹⁰⁸ *CRONOLOGIA DE FREI GALVÃO*. Disponível em: <http://www.casadefreigalvao.com.br/cronologia>. Acesso em: 5/01/2022.

-
- 1762 - julho - Ordena-se sacerdote no Rio de Janeiro.
- 1766** - 9 de novembro - Assina a Cédula de Escravidão a Nossa Senhora.
- 1768 - 23 de julho - Designado para confessor de seculares, pregador e porteiro do Convento de São Francisco, São Paulo.
- 1770 - Confessor do Recolhimento de Santa Teresa.
- 1770 - 30 de junho - Morte de seu pai.
- 1770 - 23 de agosto - Membro da Academia dos Felizes.
- 1774 - 2 de fevereiro - Funda o Mosteiro de Nossa Senhora da Luz.
- 1775 - 23 de fevereiro - Morte da Madre Helena Maria do Espírito Santo.
- 1775 - 29 de junho - Fechamento do Recolhimento da Luz.
- 1775 - agosto - Reabertura do Recolhimento da Luz.
- 1776 - 9 de agosto - Nomeado Comissário da Ordem Terceira.
- 1777 - Visitador do Convento de São Luís de Tolosa, Itu.
- 1779 - Novamente nomeado Comissário da Ordem Terceira.
- 1780 - outubro - Desterrado para o Rio de Janeiro por Martim Lopes.
- 1781 - 6 de outubro - Eleito Presidente e Mestre de Noviços de Macacu.
- 1788 - 25 de março - Mudanças das recolhidas para o novo prédio e entrega do Estatuto por ele composto.
- 1796 - Recebe o privilégio de uma Presidência e Guardiania.
- 1798 - 24 de março - Eleito Guardiã do Convento de São Francisco, São Paulo.
- 1798 - 17 de abril - Cartas do Bispo e da Câmara de São Paulo ao Provincial sugerindo que Frei Galvão renuncie à guardiania.
- 1801 - 28 de março - Reeleito Guardiã do Convento de São Francisco.
- 1802 - 9 de abril - Recebe o privilégio de Definidor.
- 1802 - 15 de agosto - Benze a Igreja do Mosteiro da Luz.
- 1804 - 10 de outubro - Visitador do Convento de Santa Clara, Taubaté.
- 1804 - 29 de outubro - Visitador do Convento de Itu.
- 1807 - Constituí do Visitador Geral e Presidente do Capítulo, cargos a que renunciou.
- 1808 - Delegado para Visitador dos Conventos do Sul; renunciou.
- 1811 - 25 de agosto - Funda o Recolhimento de Santa Clara, em Sorocaba.
- 1812 - junho - Volta a São Paulo.
- 1822** - 23 de dezembro - Falece no Convento da Luz, em São Paulo.
- 1922 - Solene Comemoração do Centenário de sua morte em São Paulo.
- 1928 - Primeira edição da biografia escrita por Madre Oliva Maria de Jesus.

1936 - Segunda edição da biografia, ampliada, escrita por Madre Oliva Maria de Jesus.

1938 - 5 de junho - Padre frei Adalberto Ortmann nomeado postulador por Dom Duarte Leopoldo e Silva.

1949 - 23 de abril - Por sugestão do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Dom Paulo Rolim Loureiro aprova a constituição do Tribunal Eclesiástico para o processo de Beatificação. Postulador padre frei Dagoberto Romag.

1954 - Maristella publica seu livro Frei Galvão, Bandeirante de Cristo.

1972 - 23 de dezembro - Solene Comemoração do Sesquicentenário de morte.

1978 - A Autoridade Eclesiástica de São Paulo encarrega frei Zacarias Machado de continuar os trabalhos de canonização.

1978 - Segunda edição ampliada do livro de Maristella.

1987 - O Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, O.F.M., reabre solenemente o processo de Beatificação. Postulador, padre frei Desidério Kalverkamp.

1987 - O Cardeal de São Paulo passa a residir ao lado do Mosteiro da Luz, dando à sua morada o nome de Residência Arquiepiscopal Frei Galvão.

1990 - O processo de Beatificação é reassumido pela Irmã Célia B. Cadorin, das Irmãzinhas da Imaculada, sendo Postulador Pe. Antonius Ricciardi, ofmconv, em Roma, e Vice-postulador Pe. Arnaldo Vicente Belli, no Brasil.

1990 - 12 de dezembro - O processo é introduzido na Congregação para a Causa dos Santos, em Roma, e recebe o "*Nihil Obstat*".

1991 - 5 de fevereiro - Solene exumação dos restos mortais do Servo de Deus, na Igreja do Mosteiro da Luz, em São Paulo, presentes o Sr. Cardeal Arns, O.F.M., Pe. Arnaldo Vicente Belli, o Cônego Antônio Munari Santos e, pela Província da Imaculada-SP, frei Paulo Avelino de Assis Schmitz, O.F.M., bem como os senhores médicos do I.M.L.

1996 - Em Roma, aprovação, com louvores, da venerabilidade de frei Galvão, que assim se tornou venerável.

1997 - 8 de abril - Em Roma, na sala do Consistório, perante membros da Congregação da Causa dos Santos, postuladores e membros da Cúria Romana, o Santo Padre promulga o decreto da heroicidade de virtudes do Servo de Deus Frei Galvão. Com este ato solene, falta somente a cerimônia litúrgica para frei Galvão tornar-se beato.

1997 - Em Roma, já em curso o processo sobre um dos milagres atribuídos a frei Galvão.

1998 - Aprovação do milagre de frei Galvão que curou a menina Daniella Cristina da Silva, 4 anos, de São Paulo. O médico pediatra que acompanhou suas graves moléstias, afirmou perante o Tribunal Eclesiástico que “eu atribuo a intervenção divina não só a cura da doença, mas a recuperação total dela”.

1998 - 25 de outubro - Em Roma, a beatificação de frei Antônio de Sant’Ana Galvão pelo Papa João Paulo II, durante missa à frente da Igreja de São Pedro, com a presença de uma multidão de devotos brasileiros.

1998 - O Papa João Paulo II, no ato da beatificação, declara o dia 25 de outubro, como o Dia Litúrgico do Beato Frei Galvão, dando-lhe o título de “Homem da Paz e da Caridade”.

2000 - O Papa João Paulo II dá um novo título ao Beato Frei Galvão, o de “Patrono da Construção Civil no Brasil”.

2004 - Realização junto a Cúria de São Paulo, de um processo diocesano sobre milagre atribuído ao beato Antônio de Sant’Ana Galvão, cuja validade jurídica foi reconhecida em novembro do mesmo ano pela Congregação das Causas dos Santos, no Vaticano.

2006 - 18 de janeiro - Os peritos médicos da Congregação das Causas dos Santos aprovam, no Vaticano, por unanimidade, o milagre atribuído ao beato frei Antônio de Sant’Ana Galvão.

2006 - 13 de julho - O “Congresso dos Teólogos” reconhece o caso como miraculoso.

2006 - 12 de dezembro - Confirmação do milagre em reunião plenária dos cardeais e bispos, no Vaticano. O Santo Padre Bento XVI, autoriza a Congregação das Causas dos Santos a promulgar o decreto a respeito do milagre atribuído à intercessão do beato Antônio de Sant’Ana Galvão.

2006 - 12 dezembro - Promulgação do decreto da Congregação da Causa dos Santos do milagre do beato Antônio de Sant’Ana Galvão.

2006 - 17 de dezembro - Publicação no jornal L’Osservatore Romano, do Vaticano, do milagre de Sandra Grossi de Almeida Gallafassi e seu filho Enzo de Almeida Gallafassi, reconhecido como “cientificamente inexplicável no seu conjunto, segundo os atuais conhecimentos científicos”.

2007 - 11 de maio - sexta-feira, 9h30min - Campo de Marte, em São Paulo, Brasil. Celebração eucarística e canonização do beato frei Antônio de Sant'Ana Galvão, Presidido pelo Santo Padre Papa Bento XVI, em sua viagem apostólica ao Brasil.

Esta linha do tempo, quando analisada no aspecto de santidade, mostra que frei Galvão tem uma vida de cidadão comum, com muito trabalho, cargos de responsabilidade, com sucessos e renúncias, porém, com determinação e disponibilidade para servir. Um homem que durante sua vida dedicou-se à construção material e humana. Confessor, orientador espiritual, entre outros pontos de destaque. Durante o processo de canonização (1938 - 2007), iniciado após cento e dezesseis anos de seu falecimento, teve várias interrupções e reaberturas que demandaram longos sessenta e nove anos de espera pelo povo brasileiro do primeiro santo, nascido e canonizado no Brasil¹⁰⁹.

Antonio Benatte, pesquisador sobre a nova história religiosa, comprova cientificamente que as ciências sociais narram não mais as histórias dos santos e milagres, mas sim aprofundam nas explicações em que se consistem em crenças e milagres (cf. BENATTE, 2008). Desta forma, a canonização de frei Galvão caminhou pela história já distante, porém com registros da fidelidade e da crença evidenciada como aspectos gerais e sociais.

O Papa Bento XVI diz, no discurso de canonização do beato frei Galvão, no Campo de Marte, em São Paulo, em maio de 2007:

Significativo é o exemplo do Frei Galvão pela sua disponibilidade para servir o povo sempre quando era solicitado. Conselheiro de fama, pacificador das almas e das famílias, dispensador da caridade especialmente dos pobres e dos enfermos. Muito procurado para as confissões, pois era zeloso, sábio e prudente. Uma característica de quem ama de verdade é não querer que o Amado seja ofendido, por isso a conversão dos pecadores era a grande paixão do nosso Santo. A Irmã Helena Maria, que foi a primeira "*recolhida*" destinada a dar início ao "*Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição*", testemunhou aquilo que Frei Galvão disse: "*Rezai para que Deus Nosso Senhor levante os pecadores com o seu potente braço do abismo miserável das culpas em que se encontram*". Possa essa delicada advertência servir-nos de estímulo para reconhecer na misericórdia

¹⁰⁹ SOUZA, Leandro Faria de. *A construção processual da santidade com uma abordagem e interpretação da causa de Antônio Galvão de França*, tese doutoral, PUC-SP, 2018. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/21677/2/Leandro%20Faria%20de%20Souza.pdf>. Último acesso em 13/07/2022. A presença da santidade na história da Igreja Católica, as mudanças de conceito de santidade e a importância da canonização de frei Galvão ter ocorrido no Brasil como uma introdução no cenário universal. Busca analisar o ato de beatificação e canonização como um processo histórico e pela identificação das virtudes heroicas e a construção simbólica da memória de santidade, envolvendo grupos sociais e interesses na promoção à condição de santo. Estes aspectos não serão aprofundados nesta pesquisa.

divina o caminho para a reconciliação com Deus e com o próximo e para a paz das nossas consciências¹¹⁰ (Bento XVI, 2007, n. 3).

Um homem pacificador, promotor da paz e da caridade, essa era uma das diversas definições atribuídas à frei Galvão. Sua sabedoria e prudência costurava as diversas situações políticas e sociais em busca de conforto aos pobres e doentes. Não renunciava a atenção aos que lhe procuravam, por onde passava estava atento aos chamados e vivia seguindo os passos do Amado, parando, ouvindo e acolhendo os que vinham em seu encontro. É nos mais oprimidos e calados pela sociedade que ele escutava os gritos dos aflitos.

Frei Galvão fez de sua caminhada os passos do Senhor, fazendo com que a fé dos que acreditam Nele os curem. Dentre estes milagres estão as pílulas, que remetem ao cego Bartimeu (cf. Mc 10, 46-52). Neste trecho da Bíblia, Jesus passa pelo caminho e o cego, que se encontra as margens sociais, ao saber que estava próximo grita mais alto, tentam calá-lo e ele grita ainda mais alto e o Senhor escuta a seus gritos e diz: “Vai, a tua fé te salvou” (Mc 10, 52). A santidade de frei Galvão está presente no olhar, no parar e escutar com atenção aos que imploram por sua ajuda, que acreditam que por intercessão dele serão curados¹¹¹.

Os milagres realizados por frei Galvão e outros santos são mais do que uma ação: neles tem-se a manifestação de Deus Pai para que creiam em sua existência. Os santos, portanto, são o instrumento operando nas mãos de Deus, pois quem promove mesmo o milagre não são eles. Os santos, viveram e seguiram ou se propuseram a seguir à risca a vida e as obras de Jesus Cristo e é nessa experiência de relação entre o ser humano e o Divino que se opera o milagre¹¹².

Durante o milagre Deus opera por meio do santo e ele é enaltecido diante do fato por suas virtudes, a ação e o desejo de Deus o torna capaz de promover uma cura. E isso parece ainda mais evidente no caso do frei, pois foi ele quem criou a pílula, é dele a fabricação, o gesto, a feitura da primeira pílula utilizada na cura milagrosa¹¹³. “A graça do Espírito Santo tem

¹¹⁰ BENTO XVI, Papa. *Santa Missa e Canonização de frei Antônio de Sant'Anna Galvão*, OFM, *Vatican.va*. n. 3. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070511_canonization-brazil.html, último acesso em 28/12/2021.

¹¹¹ cf. SOUZA, Bianca Gonçalves de. *Milagres de frei Galvão em vida: alguns relatos*, Projeto História, revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC-São Paulo, n.37, p. 310, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume37/Historia%20e%20Religiao.pdf>. Último acesso em: 08/01/2021.

¹¹² *Ibidem*, p.310.

¹¹³ *Ibidem*, p.310.

o poder de nos justificar, isto é, de nos lavar dos nossos pecados e de nos comunicar ‘a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo’ (cf. Rm 3,22) e pelo Baptismo” (cf. Rm 6,3-4)¹¹⁴.

2.4 A credence popular em Santo Antônio de Sant’ Ana Galvão – Frei Galvão

Diante dos fatos registrados, observa-se que a credence popular é imprescindível no processo de canonização deste santo. Entre as linhas desse levantamento laboral, depoimentos médicos foram levados em considerações, pois, diante da sociedade científica, a capacitação, habilitação e autorização para dissertar sobre a cura e ou a recuperação de um determinado paciente dá credibilidade ao fato apresentado. Estas observações científicas sobre a credence popular podem ou não contribuir para a declaração de um santo. O clero, em relação à compreensão do milagre, tem por entendimento que, para a instituição que, comprovando ou não cientificamente o milagre, continua passivo de existência e a verdade que é a Igreja diz sobre um determinado milagre, o qual nem mesmo a ciência consegue contestar.

Frei Galvão construiu sua santidade não filosoficamente, mas pela ação carnal. Como discípulo de Jesus Cristo, coloca a sua experiência de vida adquirida desde sua infância e é pelo modelo de caridade oriundo da família que leva para a vida religiosa. A vida inspirada em Deus lhe permite a caridade e o amor ao próximo “Caríssimos, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Este é o critério para saber se uma inspiração vem de Deus: todo espírito que leva a professar que Jesus Cristo veio na carne é de Deus” (cf. 1 Jo 4,1-2). Neste sentido, sua canonização está fundamentada na fé e na credence popular, no Senhor que viveu neste mundo como homem e como Homem viveu a santidade.

A credence popular ampliou o grande número de devotos que depõem sobre os milagres recebidos. Fatos acreditados que norteiam as faces de santidade que suportam pelo lado da religiosidade popular. Essa santidade concebida a partir das experiências concretas em diferentes momentos constituídas pela prática pastoral e tradicional desde os primeiros séculos do cristianismo. A teologia, compreendida como “teologia do povo” e “teologia popular”, possui *locus* em que a sabedoria se encarna em forma de cultura em caminho construído para a recepção do Evangelho, não subtraindo da centralidade o sentido último da vida, a crença e a humildade do povo podem direcionar o processo para beatificação de um candidato à santidade¹¹⁵.

¹¹⁴ cf. CIC 1987.

¹¹⁵ cf. SCANNONE, 2019, p.123.

A expressão “crendice popular” traz destaque oriundo ao Concílio Vaticano II, onde o Papa João XXIII enfatiza intencionalmente os conceitos de um *aggiornamento* como algo positivo, trazendo um esforço permanente de expressar de forma compreensível o fenômeno da inculturação, ganhando força na Conferência de Santo Domingo¹¹⁶. Mesmo tendo vivido antes do Concílio Vaticano II, encontra-se similaridades na vida do Santo frei Galvão, e é pela crendice popular que se faz presente o *aggiornamento*, um termo utilizado bem posterior à sua época. No entanto, o conceito é evidenciado em todos os locais onde percorreu, expressando a vontade de mudar e inculturar, recriando a caminhada, mantendo-se firme na fé e na ação.

Uma maneira encontrada por frei Galvão para atender a necessidade de estar presente junto aos necessitados foi a pílula de papel, criada por ele como uma emergência na qual escreveu a oração, enrolou o papelzinho e pediu que dessem aos convalescentes e os fizessem tomar como um medicamento. Uma devoção popular surge deste fato ligando frei Galvão à imagem de um devoto que olha pelas mães e pelos filhos. A crendice popular associa-se a imagem do frei aos milagres ocorridos por virtude das pílulas, presentes até os dias de hoje mais fortemente como prova da santidade e da capacidade de curar as pessoas¹¹⁷.

Utilizar a história e o passado para compreender o que houve exige um esforço do historiador, na maneira de apropriar-se de fatos e relacioná-los à época, principalmente em um processo pelo qual se firma a crendice e a fé do povo de uma determinada religião e crença. Portanto, a história não deve ter um acento singular e sim plural, lidando com as memórias com testemunhas oculares ou contemporâneas, registradas no tempo para a concepção dos fatos por meio das fontes. O retorno à memória cristã permite diferenciar a identidade católica em suas expressões ao mesmo tempo culturais e normativas¹¹⁸.

A transmissão da fé, captada pelo povo e encarnada diante de uma cultura, passa a ser uma das virtudes da piedade popular (EN 48). A missão evangelizadora, de modo especial através da Constituição *Lumen Gentium*, constitui a identidade da Igreja pela graça e vocação¹¹⁹. Neste sentido, frei Galvão de fato com sua vocação de evangelização e missão

¹¹⁶ cf. TURSÍ & FRENCKEN, 2008, p. 43-44. Texto extraído da entrevista com o Cardeal Dom Aloisio Lorscheider em dezembro de 2007, revisado pelo mesmo e publicado pela editora da UFC em 2008.

¹¹⁷ *Ibidem*, SOUZA, 2008, p.291-292.

¹¹⁸ cf. THEOBALD, 2915, p. 494.

¹¹⁹ DE SOUZA, 2019, p.23. O historiador Pe Ney de Souza em sua obra: “*Teologia do Papa Francisco*”, resgata e sistematiza entre os grandes temas teológicos do papa reformador o fascículo Piedade Popular publicado pelas Paulinas, busca nos textos apresentados as raízes do pensamento do Papa Francisco dentro da temática que possui um conceito forte no Cardeal Bergoglio resgatando a força da Teologia do Povo – teologia Argentina que é o ponto forte nas fontes de Francisco além da Tradição.

assume a Identidade da Igreja junto ao seu povo, pregando e ensinando, principalmente sendo exemplo e canal de reconciliação entre a humanidade e Deus por meio da graça.

2.5 Irmã Dulce dos Pobres

Saber ouvir o povo. Esta era uma das virtudes de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes, a Irmã Dulce dos Pobres¹²⁰ (1914-1992). Irmã Dulce nasceu em família de classe média. Seu pai era dentista e professor na Faculdade de Odontologia, e sua mãe Dulce faleceu precocemente com 26 anos, quando a menina tinha apenas sete anos de idade. A menina Maria Rita foi uma criança cheia de alegria, adorava brincar de boneca, empinar arraia e tinha especial predileção pelo futebol.

Com apenas 13 anos, Maria Rita passou a acolher mendigos e doentes em sua casa, transformando a residência da família num centro de atendimento conhecido como “A Portaria de São Francisco” e, após visitar com uma tia áreas onde habitavam pessoas pobres, despertou o desejo de se dedicar à vida religiosa. Formada professora, Maria Rita entra para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus em 1933, recebendo no mesmo ano o hábito de freira e passando a adotar o nome de Irmã Dulce em homenagem à sua mãe. Com o pensamento voltado ao trabalho para os pobres passa a ensinar em um colégio mantido pela congregação e em 1935 dava assistência à comunidade pobre de Alagoas¹²¹.

Irmã Dulce cria um posto médico para atendimento a operários e posteriormente funda a União Operária São Francisco - primeira organização operária católica do estado, que depois deu origem ao Círculo Operário da Bahia. Em 1946 dá início à campanha para entronizar o Sagrado Coração de Jesus nas fábricas de Itapagipe, Salvador. Após diversas ações solidárias e formações adquiridas no ano de 1949, ela ocupa o galinheiro ao lado do convento inaugurado em 1947, após a autorização da sua superiora, com os primeiros 70 doentes, dando origem à tradição propagada a décadas pelo povo baiano, de que a Serva de Deus construiu o maior hospital da Bahia, a partir de um simples galinheiro. Em 1959 funda oficialmente a Associação de Obras Sociais Irmã Dulce¹²².

¹²⁰ VIDA DE IRMÃ DULCE. *A Bem-aventurada*. A página criada contém informações sobre a vida do Anjo bom da Bahia como era conhecida a santa Dulce dos Pobres. Disponível em : <https://www.irmadulce.org.br/portugues/religioso/vida-de-irma-dulce>. Último acesso em 04/01/2021.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² *Ibidem*.

Em uma sexta feira 13 de março de 1993, às 16h45, morre aos 77 anos, no Convento Santo Antônio, Irmã Dulce ¹²³. A causa da canonização teve início respeitando as diretrizes específicas do Código de Direito Canônico¹²⁴.

§ 1. As causas de canonização dos Servos de Deus regem-se por lei pontificia peculiar. § 2. A estas causas aplicam-se também os preceitos deste Código, sempre que na mesma lei se remeter para o direito universal ou se tratar de normas, que, pela natureza das coisas, afetam também estas causas (CDC 1403).

A ordem cronológica¹²⁵ do processo de canonização foi organizada pelas Obras Sociais Irmã Dulce (OSID). Decidiu-se descrever essa sequência com a finalidade de visualização do processo desde a indicação até a canonização de Santa Dulce dos Pobres. Os momentos importantes de destaque em sua vida pessoal e religiosa com fonte do ano em negrito realizado pelo autor.

1914 - 26 de maio - Nasce em Salvador Irmã Dulce, recebendo o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes.

1933 - 08 de fevereiro - Ingressa na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Cristóvão, Sergipe.

1933 - 13 de agosto - Recebe o hábito das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Em homenagem à mãe, recebe o nome de Irmã Dulce.

1934 – setembro - Vai para Salvador, trabalhar na abertura do Hospital Espanhol, em companhia das Irmãs Tabita e Capertana, exercendo as funções de enfermeira, sacristã, porteira e responsável pelo raio X.

1935 – agosto - Inicia a assistência à comunidade carente, sobretudo nos Alagados, conjunto de palafitas que se consolidara na parte interna do bairro de Itapagipe, além de começar a atender os operários que eram numerosos naquele bairro, criando um posto médico que teve em Dr. Bernadino Nogueira, seu primeiro colaborador e diretor. Por esta época a imprensa começa a chamá-la de Anjo dos Alagados.

1936 – novembro - Funda com os operários Ramiro S. Mendonça, Nicanor Santana e Jorge Machado, a União Operária São Francisco, primeira organização operária católica da Bahia.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ cf. CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Divinus Perfectionis Magister*, sobre o modo de proceder nas causas de canonização dos santos (25.01.1983), cf. cân. 1403, Apêndice I.

¹²⁵ OBRAS SOCIAIS IRMÃ DULCE. *trajetória da canonização*. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/portugues/religioso/canonizacao>. Acesso em: 5 janeiro de 2022.

1939 – 01 de maio - Inaugura o Colégio Santo Antônio, no bairro da Massaranduba, para operários e seus filhos, com 300 crianças no turno matutino e 300 adultos à noite.

1947 – 11 de junho - É instalado o Convento Santo Antônio, com as Irmãs Plácida e Hilária e, a Serva de Deus como a sua 1ª Superiora, junto ao Círculo Operário da Bahia.

1949 – Ocupa o galinheiro ao lado do convento inaugurado em 1947, após a autorização da sua Superiora, com os primeiros 70 doentes, dando origem a tradição propagada a décadas pelo povo baiano, de que a Serva de Deus construiu o maior hospital da Bahia, a partir de um simples galinheiro.

1950 – 16 de abril - Inicia o atendimento aos presos da cadeia conhecida como “Coréia”, devido às más condições de higiene local, no Dendezeiros.

1950 – 16 de abril - Inaugura nas dependências do Círculo Operário da Bahia o SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social) com almoço a preços populares (2 tostões).

1959 – 26 de maio - Funda a Associação Obras Sociais Irmã Dulce.

1960 – 26 de maio - Inaugura o Albergue Santo Antônio, com 150 leitos.

1965 – Início do período de exclausuração da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

1974 – No Hospital Santo Antônio foi inaugurado mais um pavilhão denominado “Lar Fabiano de Cristo”, exclusivo para pessoas com deficiência. O pavilhão foi construído com doação feita pela Capemi, através do Coronel Jaime Rolemberg.

1975 – Encerra o período de exclausuração e Irmã Dulce volta ao convívio com as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

1980 – 07 de julho - A Serva de Deus tem seu primeiro encontro com o Papa João Paulo II.

1984 – 17 de janeiro - Funda a Associação Filhas de Maria Servas dos Pobres, com o intuito de manter o carisma da sua Obra.

1988 – O então Presidente da República, José Sarney, indica a Serva de Deus para o Prêmio Nobel da Paz, com o apoio da Rainha Sílvia da Suécia.

1989 – 11 de novembro - A Serva de Deus é internada com problemas respiratórios.

1991 – 20 de outubro - Recebe no seu leito de enferma, a visita do Papa João Paulo II, pela última vez.

1999 - 12 de junho - A Arquidiocese de Salvador publicou edital onde Dom Geraldo Majella Agnelo, cardeal arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, solicita a todos os fiéis que comuniquem, diretamente ou através da comissão para a Causa da Beatificação, todas as notícias aos quais se possam colher elementos favoráveis ou contrários à fama de santidade de Irmã Dulce, devendo-se recolher, também, todos os escritos a ela atribuídos.

1999 - 13 de agosto – O frei italiano Paolo Lombardo foi convidado a ser o postulador da Causa.

1999 - 14 de agosto – A Congregação para a Causa dos Santos publicou edital concedendo o "*Nihil Obstat*", documento onde a Santa Sé decreta não existir impedimento para a introdução da Causa.

1999 - 28 de setembro – Foi realizada a 1ª reunião da Comissão Pró-Beatificação para tratar da arrecadação de fundos para o Processo.

2000 - 17 de janeiro – Foi realizada a abertura do Processo Canônico sobre a vida, virtudes e fama de santidade de Irmã Dulce, realizada na Catedral Basílica de Salvador, quando foi instalado o Tribunal Eclesiástico, presidido pelo cardeal arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Dom Geraldo Majella Agnelo, que constituiu a comissão histórica, responsável pela busca e preparação de todos os documentos que se referem à pessoa, às virtudes e as obras da Serva de Deus.

2000 - 26 de maio – Os restos mortais de Irmã Dulce foram trasladados da Igreja da Conceição da Praia, onde foi sepultada, para a Capela do Convento Santo Antônio.

2000 - setembro – Foi apresentado o estudo preliminar de arquitetura do Santuário de Irmã Dulce, a Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. A construção da Igreja atende a uma recomendação do Vaticano, no sentido de que os candidatos a beato e a santo tenham um espaço de devoção, sendo a garantia de permanência e sobrevivência da espiritualidade e da manutenção do carisma de Irmã Dulce.

2001 - 22 de fevereiro – O Tribunal Eclesiástico recebeu o relato de um milagre alcançado por intercessão de Irmã Dulce. O caso foi avaliado pela equipe médica do Hospital Santo Antônio e passou a ser estudado com os rigores exigidos.

2001 - 08 de maio – O governo do Estado da Bahia sancionou lei cedendo o prédio do Círculo Operário da Bahia às Obras Sociais Irmã Dulce para abrigar, em parte da edificação, a Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

2001 - 18 de maio – A Comissão Histórica entregou ao Tribunal Eclesiástico o resultado das pesquisas realizadas.

2001 - 01 de junho – Foi concluído o Processo Canônico Diocesano para a canonização da Serva de Deus, Dulce Lopes Pontes, quando houve uma cerimônia de encerramento na Catedral Basílica de Salvador, presidida pelo cardeal arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Dom Geraldo Majella Agnelo.

2001 - 02 de junho – Ocorreu a entrega dos trabalhos do Tribunal Eclesiástico na Congregação para a Causa dos Santos.

2001 - 07 de novembro – A Congregação para a Causa dos Santos reconheceu a validade jurídica da documentação apresentada e deu início à fase Romana da Causa.

2002 - 13 de março – Na passagem dos 10 anos da morte da Serva de Deus foi lançada a Campanha do Tijolinho, visando a arrecadação de fundos para a construção da Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

2002 - junho – A *Positio* fica pronta. Trata-se de um documento canônico, misto de relato biográfico e das virtudes e resumo dos testemunhos do processo que atestam as ações virtuosas de Irmã Dulce.

2002 - 27 de dezembro – Lançado o livro "Sementes de Amor - A Sabedoria de Irmã Dulce em 85 Pensamentos", na Fundação Casa de Jorge Amado.

2003 - 15 de janeiro – O Tribunal Eclesiástico foi instalado para o estudo do caso do possível milagre atribuído a Irmã Dulce.

2003 - maio – O então governador de São Paulo, José Serra, entrega ao representante do Papa Bento XVI, em visita ao Brasil para a Canonização de Frei Galvão, em São Paulo, carta solicitando a Beatificação de Irmã Dulce.

2003 - 13 de maio – Foi lançada a biografia "Irmã Dulce, o Anjo Bom da Bahia", escrita por Gaetano Passarelli, em evento no Museu Carlos Costa Pinto. Formado em teologia na tradição da Igreja Católica Bizantina e especialista em História, Filologia e Liturgia Bizantinas e Paleografia Grega, o italiano Gaetano Passarelli é autor de várias biografias de santos católicos e elabora *Positios* para a Congregação para a Causa dos Santos, no Vaticano.

2003 - junho – O Vaticano reconheceu juridicamente a validade de um possível milagre ocorrido por intercessão de Irmã Dulce.

2003 - outubro – A Congregação para Causa dos Santos do Vaticano recebeu a *Positio* da Serva de Deus.

2003 - dezembro – Monsenhor Saraiva Martins, prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, visitou as Obras Sociais Irmã Dulce.

2009 - 20 de janeiro – A Congregação para a Causa dos Santos anunciou voto favorável e unânime, de seu colégio de cardeais, bispos e teólogos, das virtudes heroicas da Serva de Deus Dulce Lopes Pontes. Os votos serão transmitidos ao Papa Bento XVI que poderá conceder a Irmã Dulce o título de Venerável. O anúncio foi transmitido no Brasil pelo arcebispo D. Geraldo Majella Agnelo e o decreto será publicado logo após a assinatura de Sua Santidade. O título é o reconhecimento de que Irmã Dulce viveu em grau heroico as virtudes cristãs da fé, esperança e caridade e permite que a causa de Beatificação cumpra sua última etapa: a confirmação do milagre que deve passar pela última análise até o final deste ano.

2009 - 03 de abril – O Papa Bento XVI reconheceu as virtudes heróicas da Serva de Deus Dulce Lopes Pontes, autorizando oficialmente a concessão do título de Venerável à freira baiana. O reconhecimento foi comunicado pelo próprio Papa ao prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, o arcebispo Ângelo Amato. O título é o reconhecimento de que Irmã Dulce viveu, em grau heróico, as virtudes cristãs da fé, esperança e caridade.

2010 - 27 de maio – As relíquias da Venerável Irmã Dulce foram retiradas do túmulo localizado na Capela do Convento Santo Antônio, onde estavam depositadas desde o ano de 2000 quando começou o processo de beatificação e canonização, para os procedimentos de transladação para o túmulo definitivo na Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

2010 - 08 de junho – Ocorreu a exposição pública das relíquias da Venerável Dulce, durante uma vigília na Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, que teve início, às 20h.

2010 - 09 de junho – Celebrada missa solene, na Igreja da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, presidida pelo cardeal arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Dom Geraldo Majella, às 10h, e logo após a missa as relíquias foram depositadas no túmulo definitivo, com a presença de grande público.

2010 - 27 de outubro – O cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, anuncia em entrevista coletiva à imprensa o voto favorável e unânime do colégio de cardeais e bispos da Congregação para a Causa dos Santos, a autenticidade de um milagre atribuído à Irmã Dulce, cumprindo, dessa forma, a última etapa do processo de beatificação da religiosa.

2010 - 10 de dezembro – O Papa Bento XVI autoriza a promulgação do decreto do milagre que transforma a Venerável Dulce em Beata, ou Bem-Aventurada. A

autorização foi dada pelo pontífice ao prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Cardeal Angelo Amato, em audiência privada no Vaticano.

2010 - 11 de dezembro – Um dia após o decreto papal, a fase de canonização do processo foi iniciada. Isto significa que qualquer graça ocorrida a partir desta data pode vir a ser analisada pelo Vaticano como o potencial milagre de sua santificação ou canonização.

2011 - 22 de maio – É realizada a Cerimônia de Beatificação de Irmã Dulce. A histórica celebração, que coroou a primeira beata nascida na Bahia, reuniu mais de 70 mil pessoas no Parque de Exposições de Salvador. Após 11 anos de espera, a freira, conhecida por todos como o Anjo Bom do Brasil, passou a se chamar Bem-Aventurada Dulce dos Pobres, tendo o dia 13 de agosto como data oficial de celebração de sua festa litúrgica.

2019 - 13 de maio – Papa Francisco promulga o decreto que reconhece o segundo milagre atribuído à intercessão de Irmã Dulce, cumprindo-se assim a última etapa do processo de Canonização da beata baiana. A freira, conhecida como o Anjo Bom da Bahia, se tornará a primeira santa brasileira da nossa época e sua canonização será a terceira mais rápida da história recente (27 anos após seu falecimento), atrás apenas da santificação do Papa João Paulo II (9 anos após sua morte) e de Madre Teresa de Calcutá (19 anos após o falecimento da religiosa).

2019 - 01 de julho – Durante reunião do Consistório, no Vaticano, o Papa Francisco anuncia que Irmã Dulce será canonizada no dia 13 de outubro de 2019. Oficialmente, ela passará a ser chamada de Santa Dulce dos Pobres e terá como data litúrgica o dia 13 de agosto.

2019 - 13 de outubro – Em cerimônia presidida pelo Papa Francisco, no Vaticano, Irmã Dulce é proclamada Santa Dulce dos Pobres e passa a ser devotamente honrada entre os santos em toda a Igreja.

2019 - 14 de outubro – É celebrada a primeira missa em honra à Santa Dulce dos Pobres, na Igreja de San't Andrea della Valle, em Roma. A cerimônia foi presidida pelo arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger.

2019 - 20 de outubro – Acontece a primeira celebração no Brasil pela Canonização de Irmã Dulce, reunindo mais de 50 mil pessoas na Arena Fonte Nova, em Salvador.

Esta linha do tempo, quando analisada no aspecto de santidade, denota uma grande agilidade e reconhecimento das provas jurídicas e levantamentos apresentados no processo de canonização.

Com apoio religioso e político, em janeiro de 2000, em decorrência do início do processo, os restos mortais de Irmã Dulce, que foram depositados desde seu falecimento na Igreja da Conceição da Praia, são remanejados para a Capela do Convento Santo Antônio, erguida no local do antigo Cine Roma e do Círculo Operário da Bahia, construídos pela freira na década de 40, sede da OSID. O Papa Bento XVI reconheceu as virtudes cristãs da Fé, Esperança e Caridade com atos de heroísmo da Serva de Deus Dulce Lopes Pontes, autorizando oficialmente a concessão do título de Venerável em abril de 2009.

Foram 10.075 dias da morte de Irmã Dulce até este domingo (13), quando a freira baiana se tornou Santa Dulce dos Pobres. Foi o terceiro mais rápido processo de canonização da Igreja Católica perdendo apenas para o de João Paulo II e Madre Tereza de Calcutá. O processo de canonização custou quase 20 mil euros. Desses, a Osid investiu 10 mil euros. O restante do valor foi de doações¹²⁶ (GAUTHIER, 2020).

Os santos vivem dentro de uma realidade profética, sendo usados pela vontade de Deus e agem pela força do Espírito Santo para anunciar e falar em nome do Senhor, pessoas de seu tempo não compreendem na maioria das vezes sua missão entre os homens. As atitudes da Irmã Dulce e a vontade de viver para o pobre e com o pobre só é percebida posteriormente.

2.5.1 Irmã Dulce e o afastamento da Igreja

Durante dez anos (1965-1975) irmã Dulce teve uma recusa de ajuda por parte da Igreja. Fato este evidenciado pelo início e encerramento do período de exclusão da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

Neste período, outras irmãs também foram “subversivas” ajudando-a em sua obra e indo contra as orientações da Congregação conforme relato da Irmã Joana Barros (92 anos), que atualmente vive na Comunidade Clara no Hospital São José e foi uma das fiéis companheiras de Dulce nesse período em que a Igreja institucionalmente se distanciou¹²⁷.

Em entrevista ao jornal O Correio, Dom Murilo Krieger confirma este acontecimento ocorrido com Irmã Dulce.

Os santos sempre[...] destacaram valores que a gente não percebia, mas acima de tudo sempre no sistema da caridade. Eles não buscavam fama nem

¹²⁶ GAUTHIER, Jorge. *Entenda quais foram os passos de Irmã Dulce até a santidade* – Pelos Olhos de Dulce. Jornal correio 24 horas, correio24horas.com.br, jorge.souza@redabahia.com.br Disponível em: <https://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/entenda-quais-foram-os-passos-de-irma-dulce-ate-a-santidade/#:~:text=1%20de%20junho%20de%202001,Brasil%2C%20Dom%20Geraldo%20Majella%20Agnelo,última%20consulta%20em%2007/01/2022.Último%20acesso%20em%2007/01/2022.>

¹²⁷ *Ibidem*. *Quando a Igreja virou as costas para Irmã Dulce* – Pelos Olhos de Dulce, Jornal correio 24 horas, correio24horas.com.br. Disponível em: <https://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/quando-a-igreja-virou-as-costas-para-irma-dulce/> Último acesso em: 07/01/2022.

reconhecimento. Eles buscavam a melhor forma de atender ao necessitado. E, às vezes, a autoridade religiosa da época não tem a mesma visão. Os santos têm a capacidade de serem a voz de Deus na terra. Eles vão chamar a atenção da sociedade de valores que não são comuns. No começo, estremece porque os santos são subversivos, mas eles abrem novos horizontes¹²⁸ (KRIEGER, 2020).

2.5.2 Irmã Dulce e a Igreja por perto

O princípio carismático franciscano, absorvido na formação da irmã Dulce, fez com que ela acompanhasse por mais de uma década com seus projetos sociais não necessariamente com a Igreja, porém arraigada nas virtudes teologais com fé, esperança e caridade colocadas em prática nos projetos sociais do Círculo Operário da Bahia (COB) que seguem na entidade com participação de membros no conselho administrativo das Obras Sociais Irmã Dulce.

Irmã Dulce sempre teve sede de Deus no próximo. Carregando consigo o princípio teologal da fé, sempre foi o maior aliado da irmã Dulce para fomento da evangelização. A devoção por irmã Dulce teve princípio ainda em vida, seus gestos e atitudes acolhedoras aproximava o povo pelo seu amor, uma das características que levantou a “piedade popular”, captando a fé recebida e motivando a mudança cultural e contínua, transmitida pela formação em colégios que fundou, mesmo com grande dificuldade, sendo objeto de revalorização das pessoas em meio ao período de ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Bento XVI, no Discurso na Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe na sala das conferências - Santuário de Aparecida (13 de maio de 2007, p.1), assinalou que a “religiosidade popular” se trata de um “precioso tesouro da Igreja Católica” e que nela “aparece a alma dos povos latino-americanos”¹²⁹ (EG 123). Irmã Dulce é um retrato dessa religiosidade popular, pois mesmo no período em que estava afastada da Igreja, ao iniciar as reuniões, sempre iniciava com a oração resultante da fé.

Documentos obtidos pelo jornal “CORREIO”, que mostram a atuação de Dulce no COB¹³⁰, revelam que em praticamente todas as participações nas reuniões a freira fazia questão de enfatizar a necessidade das orações. Certa vez, por exemplo, os circulistas se

¹²⁸ *Ibidem*, In. Dom Murilo Krieger.

¹²⁹ BENTO XVI, Papa. *Discurso na Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe na sala das conferências - Santuário de Aparecida* (13 de maio de 2007, p.1), vatican.va. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Último acesso em: 07/01/2022.

¹³⁰ COB - Círculo Operário da Bahia (COB).

preparavam para presenteá-la. Ela recusou o presente. ‘Quero que todos rezem o terço e vão para a missa’, sentenciou¹³¹.

2.6 A voluntaria Irmã Dulce na construção da Santidade

A santidade de irmã Dulce foi sendo construída na grande capacidade de atrair os trabalhos voluntários que contribuiriam para o crescimento de suas obras. O voluntariado é um tema que está bastante presente no mundo das organizações, apresentado de forma mais estrutural e sistemática, despertou diversas motivações para sua realização, uma necessidade intrínseca de praticar o bem, que pode estar vinculado a questões religiosas ou não, como um trabalho atuante em defesa de uma causa social e ou política.

Diferente de um trabalho remunerado, onde o vínculo se obtém por meio de um contrato, no voluntariado os vínculos são firmados por outros meios. O grande problema nesta atividade é relativo à quantificação e registro dos serviços prestados à comunidade. Isto também dificulta na hora de se buscar parcerias com reconhecimento pela seriedade com que se realiza a atividade.

Irmã Dulce é um grande paradigma do trabalho de voluntariado, tem por base fatores religiosos e motivacionais, uma atividade pela qual não se cria expectativas salariais, mas sim o grande investimento pessoal em busca da santidade. As atribuições e modelos do setor econômico devem ser cuidadosamente aplicadas pelo terceiro setor, principalmente visando a otimização dos recursos, o que configura riscos às organizações e voluntariados da comunidade. A grande incerteza da continuidade de um projeto neste sentido é a falta da mão de obra que muitas vezes pode influenciar na decisão da organização. A responsabilidade e a simpatia assumida na pessoa da irmã Dulce fizeram com que a credibilidade de seus projetos perpetuasse buscando a auto sustentabilidade.

A capacidade de gestão observada nos fatos dentro da ótica do voluntariado aponta para a irmã Dulce uma fiel canalizadora de recursos, trabalhando as preferências do voluntário e conciliando as necessidades sociais demandadas. A discípula Dulce segue em sua vida os mesmos princípios do Mestre Jesus Cristo, que se posta à frente agindo para que os outros também façam e sigam os seus ensinamentos. É portanto, pelo seu exemplo, que médicos, enfermeiros, assistentes sociais e outros profissionais constroem o ideal de servir ao próximo de forma intuitiva, pela fé, pela força de vontade e pelo carisma de “amar e servir”, “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se

¹³¹ *Ibidem*. GAUTHIER, 2020.

vivemos em Espírito, andemos também em Espírito” (cf. Gál.5, 24-25). Irmã Dulce viveu praticando o Evangelho e caminhou por toda a vida em Espírito.

Conclusão

A humanidade recebe o chamado para a santidade. Nesse chamado existe uma busca ao sagrado por diversos caminhos que levam à santidade. A Igreja Católica atribui a condição de ser um discípulo de Cristo e, desta maneira, considera-se de forma análoga que o(a) santo(a) é uma pessoa escolhida por Deus para percorrer caminhando, em parte ou por toda a vida, os mesmos passos de Jesus.

A vida de santidade, portanto, é um convite insistente ao martírio por amor a Jesus, uma verdadeira entrega que insiste em manter viva a alegria do Evangelho. O caminho percorrido se finda no encontro com o Mestre na plenitude da vida de maneira escatológica, porém, é no plano terrestre que se coloca um passo de cada vez para atingir essa meta. O mártir passa a ser todo o batizado que, na morte para o pecado, consegue encontrar a luz de Cristo durante a trajetória terrestre, sobretudo ao interpretar a morte de Jesus Cristo como defesa da vida plena.

Todo batizado passa a ser um novo profeta que tem, por missão, denunciar as injustiças e anunciar o Evangelho em todos os espaços, não se angustiando, mas amando a cada conquista e cada passo. A construção desse amor não é platônica (*Eros*), carregada de um puro ideal de posse e de conquista, mudando de objeto após cada nova conquista. Também não é uma forma de amor aristotélica (*Philos*) que se agarra e permanece apaixonado por sua conquista, sendo assim um sentimento imperfeito da forma de amar.

Ao contrário dessas duas maneiras de se definir o amor, encontra-se o Amor de Cristo, o qual todo cristão deve ir ao encontro. Trata-se do Amor (*Ágape*), isto é, o que ultrapassa o sentimento dos seres imperfeitos e os fortalecem na esperança e na entrega de si mesmo pelo outro. Uma doação incondicional, carregada de sensações únicas, intensivas e fortes. Para o apóstolo Paulo, é uma forma paciente de amar, não é invejoso, leviano ou egoísta. Trata-se de um sentimento que não se alegra com a injustiça.

Papa Francisco tem buscado esse amor promovendo a justiça interna da Igreja, procurando com as mudanças previstas na constituição apostólica “*Predicate Evangelium*” a qual substituiu a então vigente “*Pastor Bonus*”, em vigor desde 28 de junho de 1988, pelo Papa João Paulo II e com algumas modificações introduzidas pelo Papa Bento XVI, estabelecendo as reformas tão desejada desde 2013, quando Francisco foi nomeado Papa. Não se pode negar após estes anos que Francisco é um membro renovador na história da

Igreja, visto os documentos que direcionam o rumo do seu pontificado. Os textos apresentados em suas encíclicas são fundamentados no que se constitui a Igreja como a fé ao longo da história e as produções em temas variados que orientam uma determinada direção.

O chamado à santidade é conduzido no ministério Petrino de Francisco sob quatro pilares ao nosso entendimento e segundo João Décio: o primeiro deles trata-se de uma “Igreja em saída” mantendo-se o ponto de partida os ensinamentos fundados no magistério. O segundo pilar tem sido construído nas buscas pelas fontes, pelas escrituras e pelo Vaticano II, estruturando as raízes do magistério e os temas abordados durante a preparação do Concílio Vaticano II e a sua posterior produção e recepção nos diversos âmbitos da Igreja. Os dois pontos seguintes estão inter-relacionados dentro de princípios e valores do Evangelho olhando para “a Misericórdia” e para “os pobres”. Trazendo luzes para o cotidiano, Francisco faz com que a Igreja se mova sobre esses quatro pilares, ligando a Igreja ao mundo contemporâneo e à sua nova maneira de evangelização.

Capítulo 3

UMA NOVA ATITUDE PASTORAL PARA A VIDA EM SANTIDADE

3. Introdução

A busca ou o caminho à santidade parte não necessariamente do pressuposto de uma vida pastoral e missionária voltada à santidade. Assim, a condição de santidade é viver como cristão na raiz da palavra, ser apóstolo e discípulo de Cristo. A Igreja em sua história elaborou vários critérios para a beatificação e canonização de seus fiéis defuntos. Os escolhidos e as escolhidas por Deus trilharam parte ou toda a sua vida na experiência do sofrimento e da Cruz, viveram na busca do próximo, pastoreando e “sentindo o cheiro das ovelhas”, como citado pelo Papa Francisco em diversos discursos e homilias. A atitude pastoral se resume em viver a cada dia a manifestação de Cristo presente ao Mundo em seu tempo e com as realidades encontradas nas mudanças comportamentais da sociedade, despontando uma nova e definitiva forma de vida carregada de ações, escrevendo na história dos homens a experiência de entrega e de amor ao Senhor Jesus Cristo.

Neste capítulo procura-se apontar alguns sinais de santidade em pesquisa bibliográfica em alguns documentos da Igreja. É observado que não houve um aprofundamento detalhado em toda riqueza destes documentos. No entanto, procurou-se ir direto à fonte e buscar uma linha de santidade desde o Concílio Ecumênico Vaticano II até os dias atuais do Pontificado de Francisco na *Gaudete et Exsultate*. Este pontificado está sendo traduzido como um novo passo para a Igreja onde o diálogo com o mundo e com o serviço essencial é a evangelização e a santidade do povo. Neste caminho, o Papa Francisco busca formas para a conversão pastoral e a reestruturação da Cúria Romana, pois para ele esta é a única razão de ser da Igreja.

Francisco coloca o acento na mudança necessária e estrutural da Cúria pelo documento Constituição Apostólica *Praedicate evangelium*¹³², o qual surge com a sua promulgação em 19 de março de 2022, entrando em vigor com o texto em italiano no dia 5 de junho de 2022. Um documento elaborado com mais de nove anos de trabalho e pesquisas

¹³² CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Praedicate Evangelium. Sobre a cúria romana e seu serviço à Igreja no mundo*, FRANCISCO, Papa, Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html. Último acesso em: 05/06/2022.

para seu desenvolvimento, tendo como objetivo principal harmonizar melhor o serviço da Cúria, voltando-se para o carinho da evangelização que a Igreja deve garantir para o caminho missionário e evangelizador no mundo.

Para enfatizar a importância da natureza missionária da Igreja, na nova constituição o Papa Francisco especificou que ele é o prefeito do Dicastério para a Evangelização; ele será auxiliado por um "pró-prefeito" para "questões básicas sobre a evangelização no mundo" e um "pró-prefeito" para "a primeira evangelização e as novas Igrejas particulares", aquelas anteriormente apoiadas pela Congregação para a Evangelização dos Povos¹³³ (WOODEN, Cindy, CNS, 19/05/2022).

Pregar o Evangelho, conversão para a santidade e o testemunho do santo são práticas realizadas a partir do início da vida missionária em Cristo. A conversão não se trata de uma chave de “liga-desliga”, ela é um processo longo e trabalhoso que pode durar uma vida inteira e no meio deste caminho ocorrem falhas que são retrabalhadas e moldadas para que se tornem belas. As imperfeições que porventura venham ocorrer são corrigidas segundo o modelo misericordioso de Jesus Cristo e pelo Amor, pois Deus é Amor.

Esse testemunho conduz ao martírio, um sinal da entrega total ao amor do Mestre. “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Assim, conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele” (cf. 1 Jo 4, 8-16). Bebendo dos documentos dos novos tempos, Papa Francisco tem procurado formas de evangelização sinodal, criando conselhos administrativos, dicastérios e atribuindo a possibilidade de leigos(as) e religiosas terem cargos de decisão dentro da estrutura que era exclusiva para o clero. Neste sentido, nota-se que a busca pela santificação do povo de Deus toma um caminho mais pastoral.

3.1 Um olhar para a Santidade na luz do Concílio Vaticano II

A centralidade no mistério de Deus e seu Povo santo se coloca diante de uma saída do “*jardim do Eden*”, local onde tudo estava bem, confortável e seguro e, subitamente, se depara com o encontro do “*deserto*”, um caminho que vem no contrafluxo à eclesiologia.

As atas apostólicas sinodais apontam para alguns tópicos destinados ao tema e elucidam um sinal de fé para o cristão, com o propósito de uma vida de santidade. Diante de um suposto despreparo do clero para as profundezas maravilhosas do Concílio Vaticano II, as ameaças e angústias fizeram com que a Igreja, iluminada pelo Espírito Santo, se tornasse presente como um mergulho batismal, renovando-se e fortificando-se em Jesus Cristo. Um

¹³³ WOODEN, Cindy. *Papa promulga reforma da Cúria, enfatizando natureza missionária da Igreja*, Catholic News Service, CNS, edição de 19/05/2022. Disponível em: <https://catholicnews.com/update-pope-promulgates-curia-reform-emphasizing-churchs-missionary-nature/>. Último acesso em: 05/06/2022.

momento no qual Deus continua agindo em seu povo, deixando a liberdade da escolha, porém, os conduzindo através de Suas fontes, por meio das raízes profundas fincadas durante séculos pelo cristianismo. Estas raízes buscaram nas profundezas as águas que inundaram o Concílio com experiências e verdades da história e da teologia.

O Papa na época, hoje Santo João XXIII, após 90 dias de sua eleição, ao encerrar a semana de oração para a unidade dos cristãos na Basílica São Paulo em discurso aos cardeais no dia 25 de janeiro de 1959, afirmou:

Irmãos Veneráveis e Amados Nossos Filhos! Pronunciamos diante de vocês, certamente tremendo um pouco de emoção, mas juntamente com humilde resolutividade de propósito, o nome e a proposta da celebração dupla: de um Sínodo Diocesano para a Cidade, e um Conselho Ecumênico para a Igreja Universal (AAS 51, p. 68, 1959).

Após este anúncio, João XXIII, na Constituição Apostólica *Humanae salutis* de 25 de dezembro de 1951, convoca o Concílio Vaticano II, o qual gerou grandes documentos sobre a Palavra de Deus e a Igreja no mundo de hoje, sobre a vida religiosa e o Apostolado dos leigos, sobre a Liturgia e a Igreja, sobre Ecumenismo e outros temas. Muitos destes documentos foram preparados na própria vida da Igreja, orientada pelo magistério pontifício e acompanhadas pela reflexão teológica. Como o Concílio Vaticano I nunca foi encerrado, durante muito tempo se esperava, na Igreja Católica, uma reabertura ou continuação, mas o que se realizou foi algo novo que mudou a história da Igreja. Procurou-se ter uma Igreja de Cristo mais unida e uma santidade mais intensa, preparando os cristãos para todos os desafios da fé¹³⁴.

Abrindo caminho com a Encíclica *Pacem in Terris* (abril, 1963), o Papa João XXIII convoca uma reflexão sobre a relação da Igreja e o mundo, introduzindo a teologia dos “sinais dos tempos”. O avanço da ciência e da tecnologia como demonstração da grandeza infinita de Deus, o criador do universo e do homem (PT 3). A santidade está implícita nos direitos da humanidade, na sociabilidade natural e idônea, dentre as características da época encontravam-se três fenômenos: “A gradual ascensão econômico-social das classes trabalhadoras” (PT 39), “o ingresso da mulher na vida pública: mais acentuado talvez em povos de civilização cristã; mais tardio, mas já em escala considerável, em povos de outras tradições e cultura” (PT 41) e a “evolução da sociedade humana para um padrão social e político completamente novo” (PT 42). Assim, a santidade se relaciona com a questão moral intrínseca à dignidade do

¹³⁴ cf. SILBERER, Michael. *O Concílio Vaticano II à luz das mensagens e outros documentos pontifícios*, palestras do XVI Congresso Teológico de Anápolis- GO maio de 2012. Revista Magistro de Filosofia, Ano V Nº10. p. 2. Disponível em: <https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/PALESTRAS.pdf>. Último acesso em 05/06/2022.

cidadão e à obediência ao Senhor Deus, criador de todas as coisas ao qual devem ser prestados serviços e homenagens “servir a Deus é reinar” (PT 50).

3.2 A santidade nas Constituições do Concílio Vaticano II

3.2.1 Dei Verbum

O documento conciliar foi construído em três etapas, sendo a primeira denominada “esquema de *Fontibus Revelationis*”, aprovado pelo papa João XXIII no dia 13 de julho de 1962. A segunda etapa “O texto da Comissão – mista”. Em decisão do papa João XXII, uma comissão foi incumbida de realizar uma remodelação radical do texto, em diversas idas e vindas a tarefa da comissão em realizar uma abreviação do documento deixando-o mais apropriado, especialmente em princípios gerais, levou três anos para ser aprovado como Constituição Dogmática *Dei Verbum* em 18 de novembro de 1965. O texto dessa segunda etapa foi completamente descartado, dando início à terceira etapa em 14 de setembro de 1964 com uma nova comissão para a elaboração de um novo texto que deveria ter concordâncias e expressar o Concílio. Agora dentro do pontificado do papa Paulo VI, esta constituição não apresentou consequências inovadoras, porém renovadoras para o começo de uma vida nova da Igreja¹³⁵.

Os documentos do Concílio foram debatidos diante de alguns esquemas desde o princípio nos textos dialogados e defendidos em aulas conciliares, nas quais foram citados esquemas alternativos contrários. Porém sempre a proposta era de se discutir sobre o esquema proposto e nenhum outro, o que demandou um tempo maior e, em alguns casos, como o documento sobre as fontes da Revelação, que recebeu numerosas emendas entre os anos de 1961 e 1962. Segundo J.W. O'Malley, os documentos levados à comissão já foram preparados anteriormente pela Comissão Pré-Conciliar e foram aprovados pelo Papa no dia anterior à assembleia, e o Concílio não podia rejeitá-los¹³⁶. Eram argumentos usados pelos relatores como forma de defenderem os textos para que não fossem refutados nas assembleias.

Nesta ordem de discussões, o Cardeal Gracias Arcebispo de Bomaim, solicitou uma revisão com base na constituição de um anúncio do Cristianismo à toda a humanidade, portanto, para cristãos e não cristãos. A revelação nesse ponto de vista ganha força pelo chinês Vito Chang Tso-Huan que, segundo o Arcebispo de Berlim, encontrou a possibilidade

¹³⁵ cf. DE SOUZA, 2015, p. 182-189.

¹³⁶ O'MALLEY, J. W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014 p. 154-155.

de discursar sobre a revelação original, a “proto-revelação” antecessora à realizada por Abraão ao povo eleito¹³⁷.

A remodelação radical proposta por João XXIII, em uma comissão mista formada por membros designados e consultores, visavam a unidade dos cristãos. Este esquema deu continuidade por três anos e este trabalho foi oriundo de cinco outras subcomissões que debateram para obter um texto conciso de forma a tratar a “Revelação” como um depósito entregue à Igreja com o Magistério. Somente após várias alterações e reconstruções em seis redações do texto, a *Dei Verbum* foi aprovada no terceiro período tratando o assunto sobre a “palavra de Deus”¹³⁸.

As fontes, com sua força, jorraram e abriram estradas e margearam os caminhos que levaram a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, entre tantas teorias absorvidas, revigorando um ar de modernidade e um encontro direto com Deus, expondo verdades e princípios fundamentais de doutrina, pastoral e liturgia, sendo evidente a intenção de ensinar e propor doutrinas diante da revelação da pessoa de Jesus Cristo real e vivo como face e palavra de Deus. As fontes mudaram a liturgia na ótica exclusiva de sacrifício para um aprofundamento neste encontro, deixando de ser um privilégio eucarístico do celebrante, mas incluindo a participação da comunidade no mais profundo mistério da revelação de Deus. Em Jesus, a Igreja encontra e acolhe o discipulado como experiência Trinitária, nela a inspiração para a vida de santidade está relacionada a pregação e o fundamento da existência, alimentada pelo mistério missionário¹³⁹.

O percurso para a apresentação da Constituição dogmática do Concílio Vaticano II *Dei Verbum* procurou as raízes para o seu desdobramento, provocando longas e acaloradas discussões em seus debates¹⁴⁰. Metodologicamente, a *Dei Verbum* foi construída em um amplo lastro temporal, desde as leituras pré-conciliares em torno dos estudos e das leituras e interpretação da Bíblia, como a história da humanidade e do povo de Israel trazendo alegorias como forma explicativa que, em muitas vezes, levaram à controvérsias e carregada de complexidade. No entanto, com o passar dos anos e principalmente com o despertar da modernidade, período da eclosão do Concílio Vaticano II, as leituras foram recebendo

¹³⁷ cf. AS I/3 p. 166-167; 267-268; 87-88, nesta sequência encontram-se as declarações de GRACIAS, Vito Chang e Bengsch, com citações mais aprofundadas, In, *DE SOUZA, Ney*, 2015. p.185.

¹³⁸ O'MALLEY, *Op. Cit.* p. 175.

¹³⁹ cf. SILVA, Audinei Carreira da. *Documentos Do Concílio Vaticano II, 3ª PARTE: constituições, decretos e declarações* - 21ª Edição Introdução e índice analítico – de frei Boaventura, CEPMTA / ISCAL – Londrina, 2013.

¹⁴⁰ cf. DE SOUZA, Ney. *Dei Verbum. Notas sobre a constituição do texto conciliar*. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIII. n. 85. Jan/julho, 2015, p. 178.

argumentos como os movimentos iluministas, que descobriram lacunas que não eram de possível interpretação através da hermenêutica¹⁴¹.

No Brasil e na América Latina, a Constituição *Dei Verbum* como receptividade não foi homogênea, refletindo as discussões acaloradas durante a sua elaboração. No entanto, os vários níveis apresentados pelos documentos conciliares desde a Liturgia, a formação do clero e o ecumenismo, tiveram grande esforço para sua sintetização carregada de exemplos em diversos níveis¹⁴².

A *Dei Verbum*, vista na perspectiva da santidade, aplica-se indiretamente no aspecto da justiça, da caridade e da revelação divina, não enfatiza os dois verbetes diretamente, trazendo apenas duas frases com estes termos. No entanto, ao olhar todo o aspecto da revelação da palavra Divina apontando para ideias mais apropriadas para a vida de santidade e o caminho da salvação, por meio dela o povo foi estimulado a ler a Bíblia e redescobrir o processo e experiência da fé em meio à religiosidade popular. Em linhas gerais, a leitura popular levou à realidade, à Bíblia e à comunidade, os contextos de santidade passaram a ser em meio à vida cotidiana entre contribuições da ciência e as orientações da Igreja sobre a revelação da palavra de Deus.

3.2.2 *Lumen Gentium*

Em novembro de 1964, entra na história um documento tecido pelo engajamento social e o diálogo da Igreja com o mundo: trata-se da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Opositores pontuaram o liberalismo econômico na França e o manifesto de Karl Marx na Alemanha. No entanto, predomina-se que Cristo é a Luz dos povos, o Sol que ilumina a todos, Ele é a verdadeira fonte de luz e a Igreja é como a lua que não tem luz própria e reflete na treva do mundo a Luz de Cristo. Portanto, a Igreja deve dar testemunho de Jesus Cristo anunciando-O como único caminho para a salvação e santidade.

Um povo santo necessita de um plano de salvação, ainda que disso não saibam e até mesmo relutem no começo. No entanto, encontra-se na Igreja a fonte do testemunho do Filho de Deus encarnado, passando a ser ela (Igreja) lugar e espaço missionário onde a comunidade pode se encontrar e ter Deus em Jesus Cristo santificada pelo Espírito Santo. Pela Igreja, “assembleia dos escolhidos na sua origem” (LG 12), se recorda a história e o desígnio do povo

¹⁴¹ cf. FERREIRA, Reuberson. *A palavra de Deus no Vaticano II. Considerações sobre a constituição Dogmática Dei verbum e sua recepção na prática pastoral na Igreja no Brasil. Breve história do Vaticano II, notas sobre o concílio e sua recepção na América Latina*. Org. Ney de Souza, São Paulo, Editora Recriar, 2021, p. 60-65.

¹⁴² *Ibidem*, cf. DE SOUZA, 2015, p. 182-189.

que caminha como peregrino neste mundo desde os povos preparados por Deus em Israel e que necessitam de conversão em todos os instantes da vida (LG 9).

As pessoas leigas recebem o querigma, compreendem e se convertem ao cerne da mensagem de Jesus Cristo. “Com efeito, os membros não têm todos a mesma função: é isto que constitui a beleza e a vida do corpo” (cf. 1 Cor 12, 14-17). Ao escutar o plano de salvação, o cristão testemunha pela ação Espírito Santo e, tendo esta experiência, passa a ser arauto da Boa Nova de Jesus Cristo, um chamado que Deus faz à santidade e ao discipulado.

Anunciar e proclamar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é missão evangelizadora da Igreja e de todos os seus membros batizados cada qual com a sua vocação. O processo de santificação parte do anúncio entre familiares, amigos, vizinhos e a todos que Jesus Cristo ressuscitou. Isto posto, Ele colocará em prática uma vida coerente com o Evangelho, contribuindo assim, com o ministério leigo e profético constituído pelo batismo ou por meio de uma vocação religiosa e/ou clerical.

A estrutura hierárquica da Igreja é composta por cristãos leigos e cristãos ordenados, tendo os Bispos como sucessores dos apóstolos, os presbíteros como seus colaboradores no seu ministério (LG 18-29), sendo os leigos membros do Povo de Deus participantes da missão de Cristo (LG 30-38). A santidade do povo de Deus dentro da hierarquia, portanto, é colocar todo o batizado diante da mesma dignidade passando a ser membro do povo sacerdotal, independente do grau ocupado (LG 10) que, unido a Cristo, se oferece ao Pai pela humanidade e busca construir o Reino de Deus durante a peregrinação pelo mundo (LG 10-13).

Assim sendo, a vocação universal à santidade passa a ser um chamado profundo de comunhão com Deus e a aderência ao projeto anunciado por Jesus Cristo na Boa Nova do Evangelho e, portanto, consagra a vida de santidade dedicada ao Reino de Deus pelos diversos carismas das famílias religiosas e na abnegação de si mesmo para a dedicação aos irmãos como virtudes constantes de santidade e obediência renunciando as coisas do mundo (LG 43-47).

A promessa da vinda de Cristo, quando ele resgatará todos definitivamente para a Igreja Celeste, não significa o final do mundo, mas a esperança de que o Reino de Deus se faz presente no meio de nós. A Igreja está em todos os povos e o povo de Deus se encontra na terra, onde todos se comunicam por meio do Espírito Santo a todos os povos, sendo que o Reino de Cristo não é deste mundo (cf. Jo 18,36) e todos de alguma forma aprendem com os costumes. Na medida em que são bons, se fortalecem e se elevam, tornando-se universal mesmo que diante da diversidade de cultura, do estado religioso e da fé. De uma forma geral,

“Todos os homens são chamados a esta unidade católica do Povo de Deus, a qual anuncia e promove a paz universal; a ela pertencem, de vários modos, ou a ela se ordenam, quer os católicos quer os outros que acreditam em Cristo quer, finalmente, todos os homens em geral, pela graça de Deus chamados à salvação” (LG 13).

A santidade de vida tem como paradigma Jesus Cristo, mestre e modelo divino de toda a perfeição, consumando ao discipulado em qualquer condição o envio do Espírito Santo para que “sejam perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (cf. Mt. 5,48). Os seguidores de Cristo são chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus Cristo não por merecimento, mas pela vontade e graça de Deus. Portanto, a santidade é graça obtida pela conversão constante e pelo aperfeiçoamento da vontade divina, e é “porque todos cometem faltas em muitas ocasiões” (cf. Tg 3,2) que o amor misericordioso de Deus vem ao encontro dos que perdoam as ofensas e buscam a prática constante da caridade no caminho da santidade (LG 40).

Esse caminho de santidade percorre em diversos estágios da vida e se faz presente na condução do Espírito Santo levando a humanidade à glória divina (EG 41). A glória faz parte da vida do cristão em toda estrutura hierárquica da Igreja, da qual cada um exerce o sacerdócio de Cristo servindo um ao outro conforme as características de seus ministérios. Assim, independente do trabalho, todos devem fazer com que a sociedade tenha uma progressão imitando a caridade de Cristo e atuando na salvação de todos, assim sendo:

Todos os fiéis se santificarão cada dia mais nas condições, tarefas e circunstâncias da própria vida e através de todas elas, se receberem tudo com fé da mão do Pai Celeste e cooperarem com a divina vontade, manifestando a todos, na própria atividade temporal, a caridade com que Deus amou o mundo (LG 41).

A santidade tem um aspecto ainda maior quando se coloca acento sobre a caridade, sobre o martírio, sobre os conselhos evangélicos e o próprio estado de santidade, oferecido ao próximo como o Filho de Deus. Jesus ofereceu a própria vida, por ele e pelos irmãos, para dar o maior testemunho de amor diante de todos os seus discípulos. Assim, nos tempos seguintes, esse amor continua presente em cada um que se coloca ao serviço do discipulado do Mestre (LG 42), pois “todos os cristãos são, pois, chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado” (cf. Cor 7,31).

No Concílio Vaticano II, fica claro que a “Graça é uma iniciativa de Deus¹⁴³ que impele o homem ao próprio Deus”¹⁴⁴. A idéia construtiva da *Lumen Gentium* apresenta uma teologia não mais baseada numa ideia legalista de Deus, explicando o mistério da Igreja não só

¹⁴³ cf. DV 5; LG 2

¹⁴⁴ Cf. GS 18

falando do corpo eclesial, mas como um povo santo de Deus e a dignidade de todos os irmãos e filhos que formam este povo, e é pela graça que este povo chega à santidade.

A santidade na ótica da luz para os povos é a ausência do pecado e, conseqüentemente, é construída por uma vida voltada ao amor e à caridade. Isso pode ser observado pelo clero participante das comissões do Concílio Vaticano II, que relata a vinda de Cristo como remédio para a cura pelo Espírito Santo, sendo Luz que remedia toda a humanidade, restaurando a aliança destruída pelo abuso oriundo do pecado.

Cristo veio para reviver o que a culpa tinha mortificado, para curar o que ele tinha vulnerado, para iluminar o que ele tinha obscurecido, tanto no homem como no mundo, restaurando o antigo domínio sobre a natureza, de acordo com o Espírito de Deus, e tirar o outro do abuso pecaminoso do homem¹⁴⁵(AAS 50, [17]).

Cristo não é ofuscado pelo pecado da humanidade, o discipulado O segue e O tem a frente iluminando a trilha do amor pelo próximo no caminho da santidade. A santidade, da qual a “Igreja é comunicadora”¹⁴⁶ é constituída pela graça de Deus “e por isso mesmo se torna fermento e alma da sociedade, levando-a a ser Família de Deus”¹⁴⁷. Em vista disso, ao elevar a humanidade à sua santidade, a Igreja o torna mais humano, libertando-o e orientando-o a Deus na liberdade do discipulado de Cristo¹⁴⁸ (GS 17), diante da promessa de elevar todos à eternidade. “E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente”¹⁴⁹.

O apóstolo Paulo afirma “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nós não dará também com Ele todas as coisas?” (Rom 8,32).

A vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido”¹⁵⁰ (GS 22).

A santidade certamente é intrínseca às diversas culturas e situações existentes no mundo. Embora a doutrina aceite e formule na Igreja padrões para eleição de um santo, existe uma movimentação e uma constante transformação que deve ser apoiada e continuada, apoiados na palavra e no espírito do Evangelho¹⁵¹ (GS 91).

¹⁴⁵ cf. AAS 50 [17] (1958)

¹⁴⁶ cf. LG 8

¹⁴⁷ cf. GS 40

¹⁴⁸ cf. GS 17

¹⁴⁹ cf. AAS 57 [16] (1965)

¹⁵⁰ cf. GS 22

¹⁵¹ cf. GS 91

3.2.3 *Sacrosanctum Concilium*

O Primeiro documento oriundo do Vaticano II foi intitulado Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia (Dezembro, 1963). Neste documento, a verdade pastoral é explícita no novo formato de ser Igreja com o método ver, julgar e agir. Neste sentido encontra-se a participação da comunidade na formação da Igreja e não mais a exclusividade do clero e, passando assim, olhar para o povo santo diante do Mistério de Deus como sinal e experiência Trinitária no sacramento do Reino¹⁵².

A santidade da humanidade, obtida pela presença de Cristo na liturgia e na Igreja, é o ápice do sacrifício da missa, oferecido pelo ministério sacerdotal em memória à Páscoa de Jesus Cristo, ofertado na cruz e se encontra presente na palavra e no dinamismo dos Sacramentos. Neste sentido, os gestos e atitudes nas celebrações sacramentais trazem o próprio Cristo como autor, pois Ele se faz presente em palavras e sinais visíveis que revelam a cada um à sua maneira os meios pelos quais se realizam a santificação¹⁵³ dos seres humanos (SC 7).

Saciados pelos mistérios pascais e pela presença diária de Cristo na vida de santidade, que se transforma e renova a aliança do Senhor com os fiéis, esta participação aquece a santidade e promove a caridade urgente como fonte de graça. Assim, o fiel que procura conseguir com eficácia uma vida em busca da santidade que os direcionam à glorificação pela participação e retidão do espírito pela graça de Deus (cf. SC 10-11). A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* aproximou os povos, permitindo que celebrassem na língua nativa e tivessem a compreensão da santidade em obras de caridade, justiça e paz sem romper com a Tradição.

Os sacramentos permanecem ordenados à procura da santificação da humanidade, trazendo como alicerce para essa construção o Corpo e o Sangue de Cristo e, ao prestar culto a Deus, o fiel recebe instruções Divinas que não só supõe a fé, mas fortificam a recepção e a prática da caridade (SC 59). As atitudes sacramentais propiciam pela força da oração, que as várias circunstâncias de vida recebam orientação e força para discernimento dos passos com que os fiéis, levando em conta as devidas proporções, possam ter ainda em vida a sua santificação por louvor a Deus e o bom uso das coisas materiais (SC 61).

Além do louvor e o bom uso das coisas materiais, torna-se mais popular o zelo pelo ofício que conduz as pessoas à santificação do dia, correspondendo as horas e ao respectivo

¹⁵² cf. SILVA, 2013

¹⁵³ cf. CONSTITUIÇÃO CONCILIAR. *Sacrosanctum Concilium, sobre a Sagrada Liturgia*, assinada pelo Papa Paulo VI em Roma no dia 04 de Dezembro de 1963.

tempo, mesmo diante das realidades e condições da vida em constante apostolado. Pelas liturgias das horas observadas são conduzidos os processos de santificação da humanidade seguindo as normas de fácil acesso aos tesouros da palavra de Deus (SC 89-92).

A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, segundo O' Malley, mesmo antes da abertura do conselho, começou a se estruturar como um problema e objetivo. Durante o conselho seu escopo se ampliou. Assim, logo no primeiro documento aprovado, o decreto sobre a liturgia sagrada recebeu do conselho um pedido para que a Igreja tivesse um movimento de saída do seu eurocentrismo e passasse a admitir outras culturas como parceiros. A Igreja católica, é claro, sempre se apresentou como “católica” no sentido de abraçar todos os povos e culturas. Embora houvesse uma verdade considerável nessa afirmação, a Igreja tinha sido tão fortemente impressa com a cultura do Ocidente como forma de identificação com ela¹⁵⁴.

Com as viagens de descoberta dos séculos XV e XVI, veio o choque de grandes populações e culturas completamente diferentes que não tinham ouvido falar do cristianismo. As descobertas desafiaram severamente a reivindicação de universalidade. Seguiu-se um vigoroso programa de evangelização, que em praticamente todos os casos implicava a introdução simultânea de tradições e valores ocidentais, como se fossem inseparáveis da mensagem evangélica. Havia importantes exceções como com os jesuítas na China liderados por Matteo Ricci que, em respeito aos seus anfitriões chineses, tentaram em seu estilo de vida e mentalidades se tornarem chineses. Eles até ganharam permissão para celebrar a missa em chinês e publicaram um missal chinês¹⁵⁵.

Em vista da *Sacrosanctum Concilium*, é imprescindível observar um incremento e renovação da Liturgia, portanto, é por meio dela que a Igreja considera como um sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre o nosso tempo. Compreende-se como sendo uma passagem do Espírito Santo pela sua Igreja, performando e imprimindo-se uma face emblemática à própria vida da Igreja, com isto, modificou-se o modo religioso de sentir e de agir do nosso tempo (SC 43).

As instruções do Concílio continuam sendo uma bússola segura para não dar marcha atrás nesse processo cheio de esperança mas nem por isso fácil. Mesmo atualmente ainda se trabalha muito para compreensão e implementação das ricas orientações deste documento, é

¹⁵⁴ O'MALLEY, John W. "The Council's Spirit: Vatican II: The Time for Reconciliation," *Conversations on Jesuit Higher Education*: 2012, Vol. 42, Article 3. p. 3. Disponível em: <https://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1767&context=conversations>. Último acesso em: 29/03/2022.

¹⁵⁵ *Ibidem*, O'MALLEY, 2012, Vol. 42, Article 3. p. 3.

fato que pela liturgia que se atrai novos fiéis ou desperta antigos membros da comunidade a ter uma vida religiosa mais ativa renovada pela ação do Espírito Santo.

3.2.4 *Gaudium et Spes*

A Constituição *Gaudium et Spes*, oriunda de um cenário introduzido pela teologia dos “sinais dos tempos”, foi aprovada em dezembro de 1965. Os temas nessa constituição foram abordados e discutidos ao longo das quatro sessões do Concílio. Elaborada por meio de um esquema de relações entre a Igreja e o mundo proposto pelo Cardeal Suenens, primaz belga, com apoio dos cardeais Montini (que seria depois Paulo VI) e Lercaro.

Ela também pode ser considerada uma carta de intenção que motiva o testemunho por meio da ação de cada membro leigo em convergência e sincronismo com a comunidade eclesial, responsável pela presidência da celebração, bem como fonte propulsora de alimento espiritual. “Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa da humanidade e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS 3).

Uma série de documentos sobre o engajamento da Igreja na promoção social (Pastorais Sociais) beberam das fontes da *Gaudium et Spes*. O Papa Paulo VI afirmou que o novo nome da paz é obtido pelo desenvolvimento socioeconômico na encíclica *Populorum Progressio* (1967). No ano seguinte publicou a encíclica *Humanae Vitae* (1968), condenando os métodos contraceptivos artificiais que, segundo a Igreja, se destinavam ao controle da natalidade e causas principais sobre problemas do matrimônio e da família. Refletiu sobre a Evangelização no mundo atual publicando a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975).

A humanidade foi criada para dominar a terra e governar o mundo na justiça e na santidade. Diante da sua posição no mundo, a Igreja divide-se pastoralmente apoiando-se em princípios doutrinários, interpolando com as relações acerca do homem e da mulher e o mundo, integrando em suas relações sociais considerando mais expressamente os vários aspectos da vida e da sociedade contemporâneas, e sobretudo nos domínios de maior urgência (GS 34). A humanidade, portanto, é chamada a reconhecer Deus como criador universal, o qual orienta para si todo o universo. Deste modo, a humanidade deve glorificar ao Filho de Deus em toda a criação, pois Ele veio dar o testemunho da verdade e reinar sobre todos (cf. Jo 18,37).

A dignidade humana é a principal meta a ser buscada pelos que almejam a santidade, sendo que a vida em comunhão fraterna e o trabalho humanitário difunde na Terra o amor

do Pai e do Filho pelo Espírito que, segundo o seu mandamento, o povo será transfigurado e voltará a lhe encontrar sem qualquer mancha, iluminados pela graça e pela justiça praticada. O encontrará na perfeição divina (GS 39). A *Gaudium et Spes* deve, pois, ser interpretada segundo as normas teológicas gerais, tendo em conta, especialmente na segunda parte, as circunstâncias mutáveis com que estão intrinsecamente ligados os assuntos de santidade relacionados ao mundo e, entre esses assuntos, se encontra a dignidade.

O exemplo e oração familiar dos pais, dos filhos e de todos os membros que vivem no círculo familiar, encontrarão o caminho da salvação e da santidade mais facilmente. É na dignidade familiar e na educação, sobretudo a religiosa, que todos encontrarão a salvação e o Reino de Deus no modo de agir e viver. O Senhor abençoou a família desde o princípio e fez uma aliança de amor irrevogável confirmada pela lei divina (GS 48).

Mas, para cumprir com perseverança os deveres desta vocação cristã, requeresse uma virtude notável; por este motivo, hão-de os esposos, fortalecidos pela graça para levarem uma vida de santidade, cultivar assiduamente e impetrar com a oração a fortaleza do próprio amor, a magnanimidade e o espírito de sacrifício (GS 49).

Finalmente, os próprios esposos, feitos à imagem de Deus e estabelecidos numa ordem verdadeiramente pessoal, estejam unidos em comunhão de caridade e pensamento e com mútua santidade “Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira” (cf. Lc 3,11). O modo de seguir a Cristo, como princípio de vida, está presente na fidelidade do amor, através dos sacrifícios da sua vocação, como testemunhas de sua morte e ressurreição (GS 52).

3.3 A santidade nas Declarações do Concílio Vaticano II

3.3.1 *Gravissimum Educationis*

O Concílio Vaticano II observou a *Gravissimum Educationis* a gravíssima importância da educação na vida da humanidade e sua intervenção suprema no desenvolvimento social do nosso tempo. “Nem é, por que é, mais é, é ser urgente, como uma ação e chamada social econômica, eles consistiram de consistência e persevera. Cuidado, no entanto, não populares com suas razões cristãs”¹⁵⁶. O ensino e a educação na sociedade na verdade é uma continuidade dos conhecimentos dos adultos predecessores transmitidos aos jovens, caracterizando-se assim, uma certa formação social continuada. Portanto, torna-se mais urgente na medida em que esta educação é ceifada. “Com efeito, os homens, mais plenamente

¹⁵⁶ cf. AAS 11 [172] (1919), Papa Bento XV.

conscientes da própria dignidade e do próprio dever, anseiam por tomar parte cada vez mais ativamente na vida social, sobretudo, na vida económica e política”¹⁵⁷ (GED 1).

A santidade pela educação é um direito de todos, especialmente no caso de cristãos. Por meio do batismo passam a ser chamados filhos de Deus e neste sentido passam a receber formação e educação cristã. A maturidade na fé cristã passa a ser fonte de adoração a Deus em ritos carregados de significados. Assim, ao ser introduzido gradualmente nos conhecimentos da fé, o batizado busca a santidade por meio da justiça e da verdade (cf. Jo 4,23), aproximando-se de Deus “Até que todos chegemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo” (cf. Ef 4,13). E assim, a educação para a santidade colabora no aumento do corpo místico em testemunhos vivos da esperança de que neles existe (cf. 1 Ped. 3,15).

A maturidade completa à altura de Jesus Cristo, dentro da fase de elaboração da *Gravissimum Educationis*, foi como em outros documentos bastante conturbada levando um longo tempo para a sua conclusão devido os motivos que levavam a sua concepção. Assim sendo, a mesma teve que ser adaptada de forma mais abrangente e ou genérica do que se entendia por educação, por educação escolar e por educação cristã¹⁵⁸. Em um processo de santidade, a educação contribui para a formação da pessoa na fé e na sociedade, desenvolvendo a experiência dentro da instituição religiosa, fato que ao longo da história lhe deu enormes possibilidades no campo da educação. Neste sentido a Igreja também pode continuar a oferecer inúmeras contribuições na atualidade para a santificação do povo de Deus. Atualmente essa contribuição consiste na continuidade do diálogo com a sociedade contemporânea, mesmo que às vezes ainda seja feito de forma discreta¹⁵⁹.

Segundo O’Malley, o texto da *Gravissimum Educationis*, é trabalhado de forma a deixar espaço para novas mediações e adequações, pois, “não pretendia ser a última palavra no assunto; na verdade oferecia uma direção às conferências episcopais e a outros organismos na medida em que eles procurassem adaptá-lo a suas circunstâncias”¹⁶⁰. Por fim, pensando a educação como forma de caminho para a santidade e direito e desenvolvimento integral do indivíduo, o Concílio Vaticano II reconheceu o esforço no campo da educação como elemento

¹⁵⁷ DECLARAÇÃO. *Gravissimum Educationis, Sobre a Educação Cristã*. Vatican. PAULO VI, Papa, Vaticano, Roma, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Último acesso em: 19/04/2022.

¹⁵⁸ DE SOUZA, Ney; MARTINS, Marcel Alves. *Gravissimum Educationis e os Desafios da Educação Contemporânea*, Revista Estudos Teológicos São Leopoldo v. 60n. 3p. 882-899, jun./dez. 2020, p.896. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/33/26>. Último acesso em: 22/04/2022.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 898.

¹⁶⁰ cf. O’MALLEY, J. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 283.

fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento da sociedade. O aprimoramento por meio da educação promove os aspectos de santidade em todos os que buscam conhecimento para servir ao próximo em diversas situações de desigualdade social.

3.3.2 *Nostra Aetate*

O decreto conciliar *Nostra Aetate* ofertou a consciência de que o cristianismo não é uma religião exclusivista e que os judeus, como um povo, não eram responsáveis pela morte de Jesus. A santidade é verdadeira diante do respeito sincero e do modo de viver de outras doutrinas iluminando cada qual a agir na caridade e no amor ao próximo, procurando cada um de sua maneira fazer o anúncio. Como cristãos, o povo de Deus tem a obrigação de anunciar incessantemente Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo. 14,6), os demais irmãos encontram a plenitude da vida religiosa em sua fé e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas¹⁶¹ (NA 2).

A prudência e a caridade iluminam a humanidade e o diálogo promove o testemunho da vida e fé cristã. Deus é Pai comum de toda a humanidade e não poderia ser invocado se houver a recusa de outros homens como irmãos simplesmente por não participarem da mesma fé, pois, dignidade humana e aos direitos é direito de todos. A santidade parte de uma relação da humanidade com Deus Pai e a sua relação aos outros homens seus irmãos, são princípios em que a Escritura afirma: “quem não ama, não conhece a Deus” (cf. 1 Jo 4,8; NA 5).

O Concílio Vaticano II foi iluminado e preparado pelo Espírito Santo para a reconciliação. Já no discurso inaugural de João XXVII, dirigido ao conselho, buscou essa reconciliação e neste espírito essa busca se desenvolveu na reconciliação dentro da Igreja, reconciliação com outras religiões e reconciliação com o mundo. Neste sentido a Igreja assumiu uma maneira diferente de entender a si mesma e a compreensão do modo de ser e estar no mundo¹⁶².

3.3.3 *Dignitatis Humanae*

O decreto conciliar *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa foi um documento "inesperado" e conflitante aprovado às vésperas do encerramento do Concílio

¹⁶¹ DECLARAÇÃO *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as religiões não-cristãs. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Último acesso em: 22/04/2022.

¹⁶² cf. O'MALLEY, J. *El Concilio del Acercamiento*, Revista Razón y Fe, 2012, t. 266, n° 1367, p. 95-106, issn 0034-0235. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9930/9330>. Último acesso em: 22/04/2022.

Vaticano II, (Dezembro, 1965). O texto passou por seis revisões acaloradas dentro e fora da sala conciliar e ao mesmo tempo, dentro e fora da Igreja.

A liberdade religiosa permite a toda a humanidade, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana, a professar a fé da maneira religiosa que desejar e, neste sentido, ninguém é forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo ela, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites (DH 2).

O texto da *Dignitatis Humanae* aponta para um processo de redação e estruturação voltado à liberdade religiosa. Descobrir as questões fundamentais entre a continuidade e ou descontinuidade da Tradição teológica do Magistério eclesiástico. Não obstante, a possibilidade de interpretação, compreensão da dialética entre continuidade e transformação “os dezesseis documentos finais do Concílio não dão o sentido de antes e depois, nem indicam, exceto ocasionalmente, de maneira afável, que o que dizem muda alguma coisa que antes parecia normativa”¹⁶³.

Em maio de 1995, João Paulo II trazia a público a Carta Encíclica *Ut unum sint* sobre o empenho e o diálogo ecumênico.

O Concílio apela tanto à conversão pessoal, como à conversão comunitária. O anseio de cada Comunidade cristã pela unidade cresce ao ritmo da sua fidelidade ao Evangelho. Ao referir-se às pessoas que vivem a sua vocação cristã, o Concílio fala de conversão interior, de renovação da mente. [...] Com o ecumenismo, a contemplação das ‘maravilhas de Deus’ (*mirabilia Dei*) enriqueceu-se de novos espaços onde o Deus Trino suscita a ação de graças: a percepção de que o Espírito age nas outras Comunidades cristãs, a descoberta de exemplos de santidade, a experiência das infindáveis riquezas da comunhão dos santos, o contato com aspectos surpreendentes do compromisso cristão¹⁶⁴(Uus,15).

O sagrado Concílio, em primeiro lugar, afirma que o próprio Deus deu a conhecer ao gênero humano o caminho pelo qual, servindo-o, a humanidade pode se salvar e alcançar a santidade pelo discipulado em Cristo (DH 1). O Senhor Jesus confiou o encargo de levar o caminho para a santidade a todos os seres humanos, dizendo aos apóstolos: “Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos prescrevi” (cf. Mt. 28, 19-20).

Os fiéis da Igreja Católica não podem ignorar que o ímpeto ecumênico do Concílio Vaticano II é um dos resultados do grande empenhamento da Igreja de então em perscrutar-se à luz do Evangelho e da grande Tradição [...] Há que lembrar que a criação de um organismo especial para o ecumenismo coincidiu com o próprio início da preparação do Concílio Vaticano II, e que, através de tal organismo, os pareceres e avaliações das outras Comunidades cristãs tiveram a

¹⁶³ *Ibidem*, O’MALLEY, J., 2014. p. 283.

¹⁶⁴ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Ut unum sint, sobre o empenho ecumênico*, nº 15.

sua parte nos grandes debates sobre a Revelação, a Igreja, a natureza do ecumenismo, e a liberdade religiosa¹⁶⁵(Uus,17).

No processo de santidade, “cada um tem que se converter mais radicalmente ao Evangelho e, sem nunca perder de vista o desígnio de Deus, deve retificar o seu olhar”¹⁶⁶.

Quando os cristãos rezam juntos, a meta da unidade fica mais próxima. A longa história dos cristãos, marcada por múltiplas fragmentações, parece recompor-se tendendo para a Fonte da sua unidade que é Jesus Cristo. Ele ‘é sempre o mesmo ontem, hoje e por toda a eternidade’ (Heb 13, 8). Na comunhão de oração, Cristo está realmente presente; reza ‘em nós’, ‘conosco’ e ‘por nós’. É Ele que guia a nossa oração no Espírito Consolador, que prometeu e deu à sua Igreja no Cenáculo de Jerusalém, quando a constituiu na sua unidade original¹⁶⁷(Uus,22).

O Concílio Vaticano II permitiu que a Igreja Católica percorresse um caminho de escuta ao Espírito do Senhor, lendo com atenção os “sinais dos tempos” e ao mesmo tempo reconhecer e exaltar a força do Senhor que juntamente ao dom da santidade, atrai e corresponde à paixão e ressurreição¹⁶⁸. O diálogo ecumênico e inter-religioso, promovem a caridade e a união dos povos e assim, leva ao caminho de santificação entre irmãos de diferentes religiões.

3.4 A santidade nos Decretos do Concílio Vaticano II

3.4.1 *Ad Gentes*

A vocação missionária na Igreja é uma exigência íntima da própria catolicidade, e, portanto, deve ser uma busca incansável de todo cristão batizado para anunciar o Evangelho à toda a humanidade. Essa abordagem entre outras receberam luzes no decreto *Ad Gentes, sobre a atividade missionária da Igreja*, aprovada em (Dezembro, 1965). Com um foco sobre a missão, a Igreja Católica procurou oferecer e encontrar novas formas respeitosamente de ter Jesus Cristo, seu único tesouro, como fonte de aprendizado e enriquecimento de e com outras religiões. Neste sentido existiu um grande esforço dos padres conciliares para delinear os princípios das atividades missionárias que pudessem reunir força de todos os fiéis para que a Igreja pudesse continuar seguindo pelo caminho estreito da cruz (AG 1).

A atividade missionária dinamiza a natureza salvífica da santidade, cuja fé é propagada por toda a unidade católica apoiada pela colegialidade hierárquica exercida cuja santidade é promovida, difundida e testemunhada por todos os que vivem uma vida no

¹⁶⁵ *Ibidem*, nº 17.

¹⁶⁶ *Ibidem*, nº 15.

¹⁶⁷ *Ibidem*, nº 22.

¹⁶⁸ *Ibidem*, nº 3.

discipulado fiel de Jesus Cristo. A divisão dos cristãos dificulta e prejudica a santíssima causa vocacional de pregar o Evangelho, contudo todos os batizados são chamados a unir-se num rebanho com a finalidade de dar um testemunho unanime de Jesus Cristo. Mesmo que não possam ter um completo entendimento de testemunhar uma só fé, é necessário que se unam para ações mútuas de caridade. A atividade pastoral entre os irmãos de denominações diferentes possui formas de aproximação e atividades das quais os marginalizados são encontrados na fé (AG 6).

A união nas práticas pastorais deve ser oriunda de uma boa formação de catequistas e, portanto, se faz necessário multiplicar as escolas diocesanas e regionais. As doutrinas católicas devem ser minuciosamente trabalhadas com utilização de ferramentas e métodos catequéticos para a formação moral cristã, sem que a vida cotidiana atrapalhe na formação do povo de Deus, sobretudo em matéria bíblica e litúrgica (AG 17).

O apostolado dos leigos tem como missão e dever principal dar testemunho de Cristo, a santidade neste sentido vislumbra no modo de vida e palavras, a experiência com o ressuscitado dentro das famílias em grupos sociais, políticos e profissionais. Portanto, a santidade é manifestada em homens e mulheres novos criados por Deus em perfeita harmonia com a justiça e santidade verdadeira (cf. Jo 11,52).

A santidade missionária exprime novidade no meio social e cultural da sua pátria, estado, cidade e vilarejo comunitário. A cultura e as tradições devem ser conservadas diante da manifestação da fé, pois, a perfeição de Cristo permite que se lancem luzes sobre novas situações, inserindo-se na sociedade com o seu modo e jeito de ser. A Igreja não deve ser estranha à sociedade e ao povo. Em suma, devem transmitir a fé em Cristo de maneira participativa e social, empresarial e pública, tecendo laços sociais e familiares e entre as diversas camadas ligadas pela vida da humanidade. Promover ações unificadas de solidariedade impondo empenho em levar aos que não podem ouvir o Evangelho maneiras diversificadas de Evangelização. Pela santidade missionária a colaboração se aproxima da hierarquia eclesial, o anúncio do Evangelho e comunicação da doutrina cristã, fortalecendo a fé da Igreja nascente (AG 21).

O chamado missionário leva a ser discípulos. Este apelo feito pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* direciona a Igreja para ser uma “comunidade de discípulos missionários”. A missão é extremamente essencial para a Igreja em saída, e ser claramente “uma opção missionária” ao mundo pela qual transformará tudo (EG 24). Para Francisco, a missão continua em um movimento que começou com *Ad Gentes*, nele “A Igreja peregrina é missionária por sua própria natureza. Pois é a partir da missão do Filho e da missão do

Espírito Santo que ela toma sua origem, de acordo com o decreto de Deus Pai” (AG 6). Essa afirmação foi reiterada por Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*: “Evangelizar é de fato a graça e vocação adequadas à Igreja, sua identidade mais profunda. Ela existe para evangelizar” (EN 26); e por João Paulo II em *Redemptoris Missio*: “a Igreja é missionária por sua própria natureza” (RM 32).

3.4.2 *Presbyterorum Ordinis*

O decreto traz uma abordagem comparativa da vida dos presbíteros, tirados dentre os homens e constituídos a favor da humanidade coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados. Assim, existe no documento um questionamento intrínseco sobre o conceito de vida do presbítero, do religioso e do Diocesano. Com eles, a Igreja possui a vocação e a virtude profunda de tratar da renovação aplicada principalmente àqueles que tem o dom da cura das almas cujo ministério participam da edificação do povo de Deus (PO 1-2).

O teólogo O’ Malley¹⁶⁹ relata algumas confusões em relação às categorias habitualmente pensadas sobre a vida religiosa e o clero diocesano. Padres vivendo em uma ordem religiosa ou congregação sob uma determinada regra. Ele aponta para um “prejuízo” para ordens religiosas e congregações, mesmo para as que não possuem presbíteros ordenados, prejudicial a longo prazo para a Igreja como um todo. Neste sentido, compreendem-se os motivos pelos quais o documento *Presbyterorum Ordinis*, foi escrito e os esclarecimentos sobre o carisma e o estilo de vida religioso e diocesano.

A indagação presente no artigo refere-se diante da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II “Como os padres religiosos se encaixam no ministério da Igreja?”¹⁷⁰. Deste modo, O’ Malley em sua conclusão apresenta várias suposições, entre elas afirma que “O futuro do ministério na Igreja está escondido na mente de Deus — talvez escondido mais efetivamente do que nunca”¹⁷¹. Em suas considerações, temas abordados posteriormente no sínodo da Amazônia, como a figura leigo para este futuro, como as mulheres se encaixam neste projeto de vida religiosa? O que esperar do futuro vida religiosa, teremos continuidade? Perguntas como estas não possuem respostas assertivas neste momento, no entanto servem para uma reflexão

¹⁶⁹ O’MALLEY, JOHN W. *Priesthood, Ministry, And Religious Life: Some Historical And Historiographical Considerations*, Weston School of Theology, Cambridge, Mass. Theological Studies 49 (1988), (p. 223-257). Em seu artigo faz algumas considerações históricas e historiográficas. Disponível em: 49.2.1.pdf (theologicalstudies.net) <http://cdn.theologicalstudies.net/49/49.2/49.2.1.pdf>. Último acesso em: 25/04/2022.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 223.

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 257, n°10.

mais adequada sobre o tema e ações mais apropriadas, em relação ao sacerdócio, ministério, ordem da Igreja e vida religiosa.

O decreto *Presbyterorum Ordinis* possui uma orientação implícita e explícita sobre o “ministério e vida de padres”. A santidade diante da vida ministerial vem de uma convivência edificante e é pela palavra da salvação que a fé é suscitada. Posto isso, o ministério presbiteral é o *conversio situs*¹⁷², pelo qual os povos são tocados, quer nos ensinamentos pregados abertamente, ou mesmo nos anúncios do catecismo cristão que lhes é próprio de ensinar. Deus ensina intensamente a conversão e a santidade (PO 4), sendo que utiliza do carisma dos pregadores para a condução da fé aos que frequentam e participam dos sacramentos em que a palavra serve de alimento para unir e anunciar a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

A comunhão e o espírito fraterno dos presbíteros, que em grande parte, ou vivem só ou isolados da sua Pátria materna, recebem a solícitude das comunidades com auxílio mútuo espiritual para se defenderem dos perigos da solidão. Estes homens devem ter em especial estatutos aprovados que promovam a santidade dos sacerdotes no exercício do ministério, diante da caridade fraterna e o reto caminho (PO 9).

O presbítero pelo sacramento da ordem é configurado com o Cristo sacerdote, fazendo ao seu modo a porção que lhe foi confiada de maneira a levar a cura humana da carne e a santidade de Cristo que se fez pontífice “santo, inocente e separado dos pecadores” (cf. Hb 7,26). A perfeição é recebida pelo sinal do batismo “Sede, pois, perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito” (cf. Mt 5,48). Neste sentido, a santidade dos presbíteros se deve ao desempenho frutuoso de seu ministério, Deus se manifesta nas maravilhas impulsionadas pelo Espírito Santo pelo qual se tornam instrumentos mais aptos para todo o serviço de todo o Povo de Deus (PO 12).

Além do documento *Presbyterorum Ordinis* “sobre o ministério e a vida dos sacerdotes”, outros diversos foram escritos em relação ao presbítero e entre eles destacam-se *Optatam totius* sobre o “treinamento de padres”, *Christus Dominus* no “múnus pastoral dos bispos na Igreja”, e *Perfectae caritatis* sobre “a conveniente renovação da vida religiosa”.

3.4.3 *Apostolicam Actuositatem*

A consciência da responsabilidade, o aumento da população e o progresso da ciência sob a evidente ação do Espírito Santo, colaborou para a formação de um apostolado mais intenso e zeloso por parte dos leigos. No Decreto *Apostolicam Actuositatem*, o Concílio

¹⁷² Como um caminho de conversão conduzido pelo ministério sacerdotal.

Vaticano II compreendeu a necessidade de ilustrar a natureza, a índole e a pluralidade do apostolado dos leigos, bem como demonstrar os princípios fundamentais e dar as orientações para as práticas pastorais e embasamento normativo para a revisão do Direito Canônico¹⁷³, título II, 'Das obrigações e direitos dos fiéis leigos' (Cân. 224-231).

§ 1. Os leigos, uma vez que, como todos os fiéis, são deputedos para o apostolado em virtude do batismo e da confirmação, têm a obrigação geral e gozam do direito de, quer individualmente quer reunidos em associações, trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens e em todas as partes da terra; esta obrigação torna-se mais urgente nas circunstâncias em que só por meio deles os homens podem ouvir o Evangelho e conhecer a Cristo. § 2. Têm ainda o dever peculiar de cada qual segundo a própria condição, imbuir e aperfeiçoar com espírito evangélico a ordem temporal, e de dar testemunho de Cristo especialmente na sua atuação e no desempenho das suas funções seculares (Cân. 225).

A Igreja é constituída por todos os homens e mulheres participantes da redenção salvadora¹⁷⁴. Por meio deles, como discípulos de Jesus Cristo, o grande restaurador da Salvação Humana, pode-se ouvir em todo canto o legado deixado aos discípulos para levar a luz do Evangelho a todas as nações. A Igreja como povo de Deus é a noiva de Cristo em santidade e justiça, buscando a caridade e as orações piedosas como fontes da graça de Deus para chegar à salvação eterna.

A importância do apostolado individual em diversas situações da vida é por natureza, social, e “como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (cf. 1 Ped. 2, 5). Portanto, o apostolado em associação é “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (cf. 1 Ped. 2, 9). Respondendo com fidelidade ao sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo que disse: “Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (cf. Mt. 18,20; AA 18).

O apostolado exercido nas comunidades familiares, nas paróquias e dioceses, exprime a índole comunitária e a formação de associações livres (AA 18), “antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (cf. 1 Pedro 2,10). O Concílio Vaticano II pede instantemente que os leigos

¹⁷³ CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Sacrae Disciplinae Leges, de promulgação do código de direito canônico* - CDC, JOÃO PAULO II. Papa. Roma, 25 de janeiro de 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf Último acesso em: 26/04/2022.

¹⁷⁴ cf. AAS 54 (1962) [7-10], CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Humanae Salutis, Papa João XXIII* 25 dez. 1961, p.7-10, vol. LIV 31 janeiro 1962 (Ser. III, v. IV) - N. 1, Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-54-1962-ocr.pdf> Último acesso em: 26/04/2022.

participem com vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo, para uma vez mais participarem da missão salvadora em diversas formas, carismas e modalidades sendo os verdadeiros colaboradores na vinha do Senhor (AA 33).

3.4.4 *Optatam Totius*

O contexto teológico do Concílio Vaticano II é rico de aprendizado com os quais muitos presbíteros não estavam familiarizados. Diante de um processo de *aggiornamento*, significando o apelo do Papa João XXIII em seu discurso de abertura do Concílio em que “é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta a responder as exigências do nosso tempo”¹⁷⁵. Com estas palavras, já estava evidenciada a necessidade de um aprofundamento para o reequilíbrio entre Escritura e Tradição diante do processo de santidade do povo de Deus, sendo necessário combater os erros sempre opostos pela Igreja e utilizar o remédio da misericórdia como forma de responder as exigências dos novos tempos. Papa Bento XVI, na carta Apostólica em forma de *Motu Proprio Porta Fidei*¹⁷⁶, na qual instituiu um ano da fé, afirma com uma profissão de fé do Povo de Deus¹⁷⁷.

[...]para atestar como os conteúdos essenciais, que há séculos constituem o património de todos os crentes, necessitam de ser confirmados, compreendidos e aprofundados de maneira sempre nova para se dar testemunho coerente deles em condições históricas diversas das do passado¹⁷⁸ (cf. HACKMANN, 2013, p. 172).

As questões relativas à Tradição e Escritura já foram debatidas em outros momentos na Igreja nos Concílios de Trento e no Vaticano I, porém, voltaram a ter luzes com novos métodos críticos nas seções do Vaticano II. A presença desses elementos nos textos ficaram mais explícitas no Decreto *Optatam Totius*, possuindo dois capítulos voltados aos estudos eclesiais. É, portanto, pelo saber metodológico recebido na formação dos presbíteros que a teologia será assegurada no fazer teológico posterior ao Concílio, bebendo das fontes dos

¹⁷⁵ PAPA JOÃO XXIII. *Discurso de inauguração do Concílio Vaticano II, no dia 11 de dezembro de 1962*, VI, 5. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁷⁶ CARTA APOSTÓLICA. *Porta Fidei*, sob forma de motu próprio do sumo pontífice com a qual se proclama o ano da fé, BENTO XVI, Papa, Roma, 11 de outubro de 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁷⁷ PAPA PAULO VI. *Profissão Solene de Fé, Homilia durante a Concelebração por ocasião do XIX centenário do martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, no encerramento do «Ano da Fé»* (30 de junho de 1968): AAS 60 (1968), p. 433-445. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-60-1968-ocr.pdf> Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁷⁸ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Simpósio sobre o Vaticano II – PUCRS: Lumen Gentium*, Revista Teocomunicação, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 170-174, jan./jun. 2013.

sinais dos tempos por meio das disciplinas filosóficas e as influências no progresso das ciências¹⁷⁹.

O plano de formação sacerdotal surge devido à grande diversidade de povos e regiões, para que se possam adequar as leis universais e as condições particulares dos tempos e lugares, correspondendo às necessidades para o exercício do ministério sacerdotal (OT 1). Esta formação definiu seminários maiores, para “Preparem-se para o ministério do culto e santificação: para que, pela oração e exercício das sagradas funções litúrgicas, exerçam a obra da salvação através do sacrifício eucarístico e dos sacramentos” (OT 4). A formação e orientação centralizada em Cristo apresenta as formas de busca-Lo na meditação fiel da palavra de Deus, sobretudo entre os pobres, crianças, doentes e pecadores incrédulos (OT 8).

3.4.5 *Perfectae Caritatis*

Desde os primeiros dias do Concílio Vaticano II, a caridade percorreu pelos textos dos padres conciliares e por meio dos conselhos evangélicos oriundos do Espírito Santo e os exemplos de Jesus Cristo encontrados nas Sagradas Escrituras. O decreto *Perfectae Caritatis*, trata da variedade admirável de famílias religiosas com o propósito de disciplinar a gestão e a vida dos institutos. Estes necessitam conscientizar seus membros do propósito proferido de obediência, pobreza e castidade como sinal de aproximação e lealdade a Cristo. Cada qual à sua maneira, e se consagrando a Deus. Todos são chamados de modo particular a seguir ao Senhor, e, estes abandonam tudo, pois nem mesmo local onde repousar a cabeça deve ter (cf. Lc 9,58; Mt 8,20) e serão santificados pela obediência até a morte na cruz (cf. Fil 2,8).

A Igreja e os institutos dentro das suas funções particulares são guardados pelo Espírito. Intenções e iniciativas devem favorecer ações em matéria bíblica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social, promovendo os seus membros conhecimento das circunstâncias sociais animados pela renovação espiritual¹⁸⁰ (PC 2).

O Arcebispo Franc Rodé¹⁸¹ dissertando sobre o decreto *Perfectae Caritatis* ressalta a importância e a relevância descobertas neste documento como a vida para alcançar “o amor

¹⁷⁹ MORI, Geraldo de. *O aggiornamento como categoria teológica*, Revista *Didaskalia*, RD - 2012 - Vol. 042 - Fasc. 2, p. 13-28, p. 21, UCP - Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/10238>. Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁸⁰ DECRETO. *Perfectae Caritatis, Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa*, PAULO VI, Papa, Vaticano, 28 de Outubro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html. Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁸¹ RODÉ, Franc Arcebispo. *Reflexão do por ocasião do 40º aniversário de "perfectae caritatis" Renovando a vida religiosa, alcançando o "amor perfeito"*, Congregação para Institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica, 26 a 27 de setembro de 2005. Disponível em:

perfeito”(LG 42), cuja base doutrinária encontra-se na *Lumen Gentium* em especial no capítulo V sobre o “Religioso”. No entanto, o decreto cumpre o seu papel atualizado e integrador.

Deus é amor e permanece apaixonado, ele derrama o seu amor através do Espírito Santo e ao servir ao Amor o Religioso pratica ações de caridade. Nela, encontra o vínculo para a perfeição e plenitude. Portanto, para se alcançar a santidade, a caridade é o fio condutor que guia a humanidade pelo caminho até o final. O amor de Deus e o amor do próximo indicam o verdadeiro discipulado de Cristo e, da mesma forma, a santidade da Igreja é de forma especial a observância dos conselhos propostos por nosso Senhor Jesus Cristo aos seus discípulos nas Sagradas Escrituras, e que devem esvaziar-se para lutar pela santidade e perfeição.

3.4.6 *Christus Dominus*

Cristo Senhor, *Christus Dominus*¹⁸², o Filho do Deus vivo veio salvar o seu povo dos pecados (cf. Mt 1,21) e santificar todos os homens. Assim, disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós (cf. Jo 20, 21). A Igreja de Cristo, o Romano Pontífice, revestido, por instituição divina e como sucessor de Pedro, está, de poder supremo, pleno, imediato e universal, em ordem à cura das almas (CD 1-2).

Neste sentido, o ministério colegial e individual dos Bispos, que participam da boa vontade de todas as Igrejas e exercem o seu ministério, recebido pela sagração episcopal¹⁸³ (AS 15), em harmonia com o Sumo Pontífice e perante a sua soberania, no que se imputa ao magistério e ao governo pastoral, a quem o Espírito Santo colocou para governar a Igreja de Deus “Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue” (cf. At 20, 28). Portanto, como pastores possuem: “uma responsabilidade que nos obriga a levar o Povo de Deus a pastos eternos. Pois a experiência diária [...] nesta época que está tão perturbada e cheia de divisão e ainda tão aberta à inspiração salutar da graça de Deus”¹⁸⁴ (AAS 56 In AS, 1965).

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20050926_symposium-rote_en.html. Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁸² DECRETO. *Christus Dominus, Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja* PAULO VI, Papa. Vaticano, 28 de Outubro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html. Último acesso em: 02/05/2022.

¹⁸³cf. *Sagração episcopal AAS 57* (1965), p. 775-780. Último acesso em: 02/05/2022.

¹⁸⁴cf. PAULO VI, *Motu próprio Apostolica Sollicitudo*, 1965, Introdução. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html 1965: Último acesso em: 27/04/2022.

Unidos de forma sinodal e por um colégio de forma a construir o reino de Deus em tomadas de decisões de própria natureza conferida aos Bispos pelo Pontífice Romano, promovendo uma estreita relação e uma maior cooperação (AS 2). Cada um cuida da Igreja particular que lhe fora confiada, ou quando vários reunidos providenciam e apontam caminhos para certas necessidades comuns a diversas Igrejas (CD 3).

Os Bispos, como santificadores¹⁸⁵, devem dar exemplo de santidade pela caridade, humildade e simplicidade de vida aos seus clérigos, religiosos e leigos. Santificando de tal modo a dar plenitude à toda a Igreja de Cristo. Portanto, para formar um corpo compacto na unidade da caridade de Cristo, o Bispo deve esforçar-se pela unanimidade dos que são entregues aos seus cuidados por meio de orações e sacramentos para que cresçam na graça como testemunhas fiéis do Senhor (CD 15).

3.4.7 *Unitatis Redintegratio*

A santidade de vida proposta no decreto *Unitatis Redintegratio*¹⁸⁶ do Vaticano II, como todos os aspectos abordados, tiveram uma história redacional bastante complicada, bem como os demais documentos que abordam o diálogo religioso entre irmãos separados. Foi aprovado em 2 de novembro de 1964 e, por este documento, o Concílio manifesta que um dos seus principais desejos é a restauração da unidade. Lamenta-se pela divisão que há entre os cristãos e considera o movimento ecumênico como uma moção do Espírito Santo entre os irmãos separados.

É transparente que este desejo de diálogo não abrangia somente a Igreja Católica como se fosse uma iniciativa somente dela. Cristo intervém “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (cf. Jo 17,21) é eficaz e, entre os vários sinais de unidade, há dois que devem ser destacados na vida da Igreja: a Eucaristia e o amor entre os irmãos.

Em uma sequência estrutural, o documento apresenta o proêmio (UR 1), no primeiro capítulo faz uma abordagem sobre os princípios católicos do ecumenismo (UR 2-4), a prática do ecumenismo é abordada no segundo capítulo, dissertando sobre o trabalho de toda a Igreja, a sua renovação diante da sua importância e necessidade, a conversão do coração como anseio de unidade, a oração pela unidade, o conhecimento dos irmãos separados, a

¹⁸⁵*Ibidem*, n.15. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/en/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html 1965: Último acesso em: 27/04/2022.

¹⁸⁶ DECRETO. *Unitatis Redintegratio Sobre o Ecumenismo*, PAULO VI, Papa Vaticano, 21 de novembro, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html Último acesso em: 23/04/2022.

formação ecumênica, a exposição clara e fiel da fé e a colaboração com os irmãos separados (UR 5-12).

O terceiro capítulo possui uma abordagem sobre as Igrejas e Comunidades Eclesiais, separadas da Sé Apostólica Romana, considerando-se as Igrejas Orientais e na sequência as Igrejas e Comunidades Eclesiais separadas no Ocidente diante do caráter e história dos orientais, sua tradição litúrgica espiritual, disciplina, caráter da teologia e a busca pela unidade (UR 13-18).

3.4.8 *Orientalium Ecclesiarum*

A Igreja católica busca a comunhão com os cristãos que mantiveram os ritos litúrgicos e as tradições disciplinares das Igrejas Orientais. Vista a solicitude dessas que na diversidade dos ritos e por submissão ao Romano Pontífice, e em harmonia e aos Patriarcas destas Igrejas, que foram atribuídas aos cuidados deles e que as preside, como pai e cabeça ao seu Patriarcado, de acordo com as tradições de cada Igreja e com seus direitos estabelecidos em decreto dos Concílios Ecumênicos¹⁸⁷ (OE 7).

A santidade e indissolubilidade está presente no decreto ao tratar do casamento misto entre católicos orientais e orientais batizados, no qual estabelece como sendo suficiente a presença de um ministro sagrado (OE 18). Assim sendo, a plenitude e estima da união vigorada pela Igreja Católica “Corpo Místico de Cristo”, em comunhão orgânica com a virtude pela mesma fé pelo Espírito Santo de forma a se adaptarem a necessidade de vida, tempo e lugares (OE 2-3), constitui parte o patrimônio divinamente revelado e indiviso da Igreja universal deixando o restante à providência dos Sínodos orientais e da Sé Apostólica¹⁸⁸ (OE 1).

O patrimônio oriundo dessa fé pelo Espírito Santo dá significância à existência humana e à santidade no plano da salvação. Elas estão ligadas à razão de ser do crente independente do rito Patriarcal ao qual seguem. Assim, estes discipulados se submetem ao Pontífice Romano e permitem agir como missionários em busca da evangelização e da santidade, conscientes da sua fé e da orientação do magistério. O trabalho é missionário entre

¹⁸⁷ cf. I Conc. Niceno, cân. 6; I Conc. Constantinopolitano, cân. 2 e 3; Conc. Calcedonense, cân. 28; cân. 9; IV Conc. Constantinopolitano, cân. 17; cân. 21; IV Conc. Lateranense, cân. 5; cân. 30; Conc. Florentino, *Decretum pro graecis*; etc (OE nota 8). Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html. Último acesso em: 23/04/2022.

¹⁸⁸ DECRETO. *Orientalium Ecclesiarum, sobre as Igrejas Orientais Católicas*, PAULO VI, Papa, Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html. Último acesso em: 02/05/2022.

as Igrejas Orientais e as Igrejas Ocidentais ‘Depois de proclamar que a sua razão de ser é a missão, continuam administrando as mesmas coisas de sempre dentro do público tradicional. De qualquer maneira, existe a consciência clara de que a Igreja se define pela missão’¹⁸⁹.

Assim, a vida em busca da santidade deve ter como princípio uma mudança radical de atitudes, que se concretiza dentro e fora da Igreja, optando pelo trabalho, abraçando a cruz de Cristo, se entregando, arrependendo-se de suas fraquezas, aprendendo o Evangelho de Jesus Cristo e levando a sua Boa Nova (RM 10). “Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus” (cf. Mt 4, 17).

Essa Boa Nova deve chegar aos novos crentes pelo testemunho, aplicando a metodologia ensinada pelo seu mestre. O entusiasmo aumenta a capacidade de compreensão e o acolhimento de novos irmãos na comunidade, incentiva a prática da justiça e da caridade sem medir esforços, direciona-os para tudo o que é bom na prática do bem em qualquer circunstância de demonstração da fé pelo amor, justiça e pela caridade.

3.4.9 *Inter Mirifica*

O Concílio Vaticano II, diante das suas características de mudança principalmente perante às inovações tecnológicas, acompanhadas da ajuda de Deus buscou a comunicação entre os povos com o propósito de comunicar facilmente as notícias, ideias e ordens de forma a chegar não exclusivamente ao homem como indivíduo, mas à toda a humanidade em multidões ao mesmo tempo (IM 1).

A comunicação por parte da Igreja no decreto *Inter Mirifica*¹⁹⁰ tem como centralidade a contribuição para recrear e propagar o firmamento do reino de Deus. Já se tinha a ideia de que o mau uso da comunicação vivenciado nas duas grandes guerras mundiais poderia causar enormes danos à sociedade humana, portanto, a grande preocupação em ocupar os espaços das comunicações sociais para estabelecer doutrina e disciplina entre os povos (IM 2). É neste sentido que a santidade na visão salvífica da Igreja trabalhada pela missão faz uso da comunicação inserida na educação cristã diante da necessidade de avançar na pregação da mensagem de salvação e possibilitando aos leigos vivificar a esperança por meio desses meios como forma de alcançar a própria salvação e buscar a perfeição (IM 3).

¹⁸⁹ cf. COMBLIN, José. *Teologia da Missão*, Quarto Núcleo, 2017. p. 4-5. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/4nucleo.pdf>, - Último acesso em 29/06/2020.

¹⁹⁰ DECRETO. *Inter Mirifica, sobre os meios de comunicação social*, PAULO VI, Papa. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html Último acesso em: 03/05/2022.

A justiça e a caridade devem ser parte da comunicação da Igreja, haja vista o auxílio destes meios de comunicação de extrema e poderosa necessidade para influenciar todas as ordens social, pastoral, sacerdotal, pública e privada. Assim sendo, compete aos destinatários, receptores desta comunicação, ter uma reta e perfeita compreensão, sem rótulos ou nomes, aproveitando apenas a essência profunda da sabedoria humana (IM 9).

A comunicação promovida pela *Inter Mirifica* acalorou a iniciativa dos católicos incentivando a leitura de documentos da Igreja deixando de ser uma exclusividade do clero. Deste modo, a Igreja promoveu a opinião pública em consonância com o direito natural e com a doutrina e os princípios católicos para que todos os filhos da Igreja dentro de suas realidades e circunstâncias tenham conhecimento das ações dentro do Magistério. (IM 10-15).

Para que todos os princípios deste sagrado Concílio e as normas acerca dos meios de comunicação social se levem a efeito, publicar-se-á, por expresse mandato do Concílio e com a colaboração de peritos de várias nações, uma instrução pastoral; a sua publicação ficar a cargo do organismo da Santa Sé[...]por esta razão, ao utilizarem tais meios, longe de padecer dano, como sal e como luz darão sabor à terra e iluminarão o mundo. O Concílio convida, além disso, todos os homens de boa vontade, especialmente aqueles que dirigem estes meios, a que se esforcem por os utilizar a bem da sociedade humana, cuja sorte depende cada dia mais do uso reto deles (IM 23-24).

A santidade se faz presente diante dos organismos e meios de comunicação nos dias em que a mudança deve integrar ao novo organismo vivo da Igreja, associando especialistas em diferentes áreas e nações para o bem da casa comum. Portanto, uma economia integral e ecológica onde as ciências exatas e humanas convergem para o bem da criação. São Francisco de Assis envolvia todas as criaturas, astros de forma a adorar o Criador, enchendo de ternura o comportamento natural e fraterno (LS 11).

Sendo santo na intimidade com Deus e com toda a criatura por mais insignificante que possa parecer ela sempre será grande aos olhos do Criador. “Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele” (cf. Mt 11,12). Assim, as dinâmicas da comunicação mediada pela internet permitem selecionar ou eliminar o nosso arbítrio, nossas relações e afetos, impedindo de ter contato afetivo e cristão com o próximo (LS 47).

3.5 Aspectos de santidade Papa Francisco

A santidade se encontra na liberdade do livre arbítrio “Onde há rigidez, não há Espírito de Deus, porque o Espírito de Deus é liberdade”¹⁹¹. Assim encontramos a Igreja de Cristo diante do Pontificado de Francisco, como nas primeiras comunidades oriundas do paganismo em tempos de perseguição e desconfianças, que traziam transtornos para as almas dos cristãos (cf. At 15, 22-31). Aqueles cristãos receberam o batismo e estavam felizes, no entanto “os judaizantes” não compreendiam, e, ainda mais definiam regras contrárias, “engessando” o modo de ser cristão pelo discipulado em Cristo. A santidade é gratuita e é possível ser conquistada, “Uma religião com prescrições tira a liberdade do Espírito [...] a rigidez não é do Espírito bom, porque questiona a gratuidade da redenção, a gratuidade da ressurreição de Cristo. E isto é algo antigo: isto repete-se durante a história da Igreja”¹⁹².

A santidade doa ao discipulado a morte e a ressurreição de Cristo sem ter custo algum. Por conseguinte, é um dom e, nesse sentido, Papa Francisco tem olhado para o mundo e principalmente interiorizando o olhar para as ovelhas de seu rebanho com doação de si, do amor fraterno, da justiça e da caridade. Ao “sentir o cheiro do curral” como diz Francisco, percebe-se as necessidades e carências do povo ao qual lhe foi confiada a missão de salvação por meio da conversão.

O Pontífice busca uma conversão de hábitos, de costumes e principalmente de quebra de paradigmas. Voltada ao amor, a criação e a criatura fitados pelo olhar do Senhor Jesus Cristo que é flexível e compassivo, misericordioso e liberto, pois Ele é liberdade e libertador. O caminho e o modo de proceder de Francisco é sinodal, de caminhar juntos, de sair do deserto e voltar ao jardim do paraíso como o Cristo ressuscitado, pois, a relação com Ele é gratuita, pacífica e comprometida. Não é movida pela guerra e pela indiferença.

As prescrições de Francisco têm levado a busca pela amizade com Deus. Encontrar aspectos de Santidade é estar aberto a uma relação íntima com o Senhor e toda a sua criatura, Jesus aponta por diversas vezes ao se dirigir aos discípulos “Sois meus amigos” (cf. Jo 15, 14). “Não vos chamo servos, chamo-vos amigos” (cf. Jo 15,15) e “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (cf. Jo 15,16). A santidade é a gratuidade do amor do discipulado pelo seu Mestre e Senhor, ele é quem escolhe antes mesmo da escolha do discípulo.

¹⁹¹ FRANCISCO, Papa. *O relacionamento com Deus é gratuito, é uma relação de amizade*, Celebração matutina transmitida ao vivo da capela da casa Santa Marta homilia do Papa Francisco, Sexta-feira, 15 de maio de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200515_laredenzione-undono-gratuito.html. Último acesso em: 03/05/2022.

¹⁹² *Ibidem*.

Os aspectos de santidade buscados em Papa Francisco levam a indagar sobre este caminho, essa busca percorrida por estas pessoas e suas formas de viver como discípulos do Cristo mestre e Senhor, que olha para o pobre com misericórdia. A vida em abundância é tida em função dessa fé que dava esperanças de viver no Reino de Deus. Homens e mulheres que depois foram martirizados ou que dedicaram sua vida em amor ao Pai pela doação do Filho. Francisco leva ao seu pontificado toda a experiência da teologia latino-americana, voltada ao pobre, por isso ele pede uma Igreja pobre e santa, que busque a verdadeira raiz tendo o próprio Cristo na centralidade da pobreza humana.

Traçar um pouco desses desejos do Papa Francisco em respeito a busca da santidade do povo de Deus em seus documentos é olhar para a vida pastoral do padre, do diácono, do bispo e do arcebispo Jorge Mario Bergoglio, é encontrar toda a teologia em seu ministério com o olhar voltado ao povo de Deus. Se faz necessária uma abertura para receber o convite de reflexão em seus documentos papais mesmo diante do linguajar simples e profundo com o qual utiliza para expressar seus pensamentos.

3.6 Aspectos de santidade nas Encíclicas Papa Francisco

*3.6.1 Carta Encíclica *Lumen Fidei* (29 de junho de 2013)*

A luz da fé nas palavras de Francisco tem o sentido de desvelar a expressão do dom trazido por Jesus na tradição da Igreja em uma sociedade onde o desencontro é marcante. Encontrar vestígios dessa fé do povo como respostas ao Concílio Vaticano II em busca de ações individuais e coletivas no caminho da santidade, na Encíclica *Lumen Fidei*, é principalmente trazer nos sinais do tempo o tema da fé. Ao citar o Papa Paulo VI sobre a fé na abordagem em temas das assembleias do Vaticano II, o Papa Francisco evidencia que o “Conselho não deixou uma discussão real sobre a fé, como outros Conselhos fizeram”¹⁹³. Na verdade, a fé é dom de Deus e deve ser alimentada e reafirmada sem interrupção, neste sentido o Concílio Vaticano II abrilhantou no ambiente envolvente da fé humana, infiltrando-se pelas periferias existenciais traçando o caminho da humanidade contemporânea e enriquecendo todas as suas dimensões na qual Cristo é o canal para o magistério da Igreja¹⁹⁴ (LF 6).

¹⁹³ PAULO VI, Papa. *Cada página do Conselho fala da Fé*, Audiência Geral (8 de Março de 1967): Insegnamenti V (1967), 705. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1967/documents/hf_p-vi_aud_19670308.html. Último acesso em: 06/05/2022.

¹⁹⁴ CARTA ENCÍCLICA *Lumen Fidei* Aos Bispos Aos Presbíteros E Aos Diáconos, As Pessoas Consagradas E A Todos Os Fiéis Leigos Sobre A Fé. FRANCISCO, Papa. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html#_ftnref6. Último acesso em: 06/05/2022.

Escrita aos presbíteros e aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé¹⁹⁵. Na *Lumen Fidei* é notório que pela fé que a palavra que Deus aponta o caminho para Jesus um direcionamento à vida de santidade que se inicia pela Palavra eterna (cf. Heb 1, 1-2). Portanto a santidade não possui nenhuma garantia de ser atingida sem que exista a maior doação que Deus possa dar para nos certificar do seu amor, Jesus Cristo, sendo ele o discípulo do Amor como nos lembra São Paulo (cf. Rm 8, 31-39).

Papa Francisco procura animar em cada comunidade e em cada cristão a luz e a convicção de que Deus toma a iniciativa em todos os momentos diante da Igreja e de toda a humanidade. A fé transmitida possui Cristo na centralidade da Igreja e da vida humana, portanto ela deve ser levada a todos os cantos. Deus em seu amor pela humanidade teve a iniciativa de ir ao encontro e essa é a atitude esperada de cada crente. Ter uma Igreja em saída é quebrar a inércia e o marasmo dos crentes, portanto a *Lumen Fidei* vem para despertar e encorajar repetidamente para um movimento atrelado ao motor de Deus pela ação do Espírito Santo, e é por meio dele que tudo se move.

A capacidade de transformar o mundo é olhar no seu tempo as dores da sociedade e transformar pela fé cristã essas dores no Amor pleno, no seu poder eficaz de ir ao encontro. Portanto, é pela fé que “Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos Nele” (cf. 1 Jo 4, 16). A experiência do santo é o transbordamento da fé identificada, no amor de Deus manifestado em Jesus, diante da realidade sempre com o foco e na rota apontada pelo Evangelho (LF 15). O santo é entre tantos adjetivos aquele que se transforma pelo Amor e, na alegria, se entrega a este Amor que lhe é oferecido, amplia a sua existência, extravasa-se para além dele próprio, “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” afirmado pelo apóstolo Paulo (cf. Gl 2, 20, LF 21).

Os tempos mudam a Igreja, mesmo tendo uma jornada na História e na Tradição, também recebe a influência dessas mudanças cada Papa que contribui com a fé do povo semeando o despertar da fé em São João XXIII, Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI e Francisco, que possuem caminhos diferentes, porém, cada um aceita com amor, carinho e

¹⁹⁵ CARTA APOSTÓLICA. *sob forma de "Motu Proprio" sobre a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis*, FRANCISCO, Papa. (26 de março de 2019) | Francisco (*vatican.va*). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190326_latutela-deimiori.html, último acesso em 19/01/2022.

delicadeza a confiança de Deus para o seu momento. Deste modo, a cada tempo, existe um novo *kairos* que deve seguir a indicação de Pedro diante das crises e oportunidades¹⁹⁶.

Neste contexto a fé e a santidade estão atreladas ao esvaziar-se de si diante de tantas ofertas apresentadas pelo mundo, o reconhecer a perseidade de cada pessoa humana como dom da graça recebido por Deus sendo um fim em si. A salvação pela fé é participar na perspectiva individual do modo de ver Jesus. Na carta aos Romanos, o apóstolo Paulo deixou-nos uma descrição sobre a essência do crente e o significado de sua existência. Aceitar o dom da fé transforma o cristão em uma nova criatura e passa a ser um novo ser (cf. Rm 8, 15).

A vida de santidade através da fé é esvaziar-se totalmente do sentido de vida, buscar exercícios que aproximem a relação filial com Deus em diferentes grupos sociais, crenças religiosas ou não religiosas, que tragam conforto interior por saber que há alguém próximo para chamar de Pai. Reconhecer o dom originário se faz presente na base da existência da humanidade e pode ser resumida: “Pois, quem torna você diferente de qualquer outra pessoa? O que você tem que não tenha recebido? E se o recebeu, por que se orgulha, como se assim não fosse?” (cf. 1Cor 4,7). Encontra-se aqui a cerne da discussão sobre a fé como salvação ou pelas obras da Lei. Mesmo que as atitudes de caridade possuam características de si mesmo diante de Deus, esta é a grande crítica do apóstolo Paulo aos fariseus ao falar sobre a salvação e quem atua desta forma se isola do próximo e de Deus, fechando-se e tornando suas obras estéreis (LF 19).

As obras devem ter a centralidade em Cristo, a fé no Senhor Jesus Cristo é quem salva, pois é por Ele que a vida se abre a um Amor que transforma e age internamente “A partir da pessoa concreta de Jesus, que Se vê e escuta. Ele é a palavra que Se fez carne e cuja glória contemplamos” (cf. Jo 1, 14). “A luz da fé é a luz de um Rosto, no qual se vê o Pai” (LF 30), a fé é a percepção da presença de Cristo no caminho da santidade, isto significa que o conhecimento da fé passa a ser um convite à centralidade da vida em Cristo. Portanto, é impossível crer sozinho, a santidade não é uma opção individual, ela abre-se ao próximo e a Deus, exprime um convite ao qual se pode responder pela fé, quem crê nunca está só, e por esta razão existe sempre um convite feito pelo cristão em caminho à santidade que é

¹⁹⁶ GARCIA DÍA, Mikel. *Una luz por descubrir. De Lumen fidei a Evangelii gaudium*, Scripta Theologica, Universidad de Navarra / Vol. 46 / 2014 / p. 425-442, p.427, ISSN 0036-9764. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/43821/1/561-2029-1-PB.pdf>. Último acesso em: 08/05/2022.

difundido para que participem da sua alegria. Essa alegria é o próprio amor de Deus transmitido a uma nova relação que enriquece a vida humana (LF 39).

A fé é uma estrutura sacramental que deve ser transmitida de modo que nada se perca no tempo, através da Tradição Apostólica é conservada na Igreja com assistência do Espírito Santo. A transmissão da fé em primeiro lugar é concretizada pelo Batismo, um ato pedagógico da fé por meio de gestos em que Cristo ressuscita dos mortos e de maneira comum a humanidade ressuscita do pecado e se encaminha para o bem, a comunhão transmitida por um dom de Deus à vida nova (LF 41).

Para o Papa, a fé não é um refúgio para os que não tem coragem de enfrentar as durezas e realidades da vida cotidiana. Os jovens vocacionados pela fé encontram com Cristo no amor, pois permitem se conquistar por ele. Assim, a existência se faz presente no caminho do amor com esperança e não desilusões. O fundamento do amor é mais forte do que todas as fraquezas humanas (LF 52). A coragem de superar as mazelas sociais pela fé e pelo amor fundam alicerces de esperança para os que vivem na terra em busca de uma habitação eterna ao lado de Deus (LF 57). Neste sentido, a coragem e a fé unidas à caridade permitem caminhar rumo à santidade (cf. 1 Ts 1, 3; 1 Cor 13,13), “Por esta razão, irmãos, ficamos consolados acerca de vós, em toda a nossa aflição e necessidade, pela vossa fé, porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor” (cf. 1 Ts 3, 7-8). O sofrimento recorda-nos que o serviço da fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar em frente, sabendo que só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros (LF 57).

3.6.2 Carta Encíclica *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020)

Um convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço, assim começa o Papa Francisco na *Fratelli tutti*¹⁹⁷. Todos somos irmãos, assim, é feliz quem ama o outro em um carinhoso convite à fraternidade social que ultrapassa todas as barreiras e limites independentemente das proximidades geográficas e físicas. Este amor muitas vezes mal interpretado e isolado vivenciado na comunidade paulina na qual o apóstolo Paulo exortava os discípulos a ter o amor-caridade uns para com os outros e para com todos (1 Ts 3, 12). A santidade é compreendida e contextualizada na parábola do samaritano onde existe

¹⁹⁷ CARTA ENCÍCLICA. *Fratelli tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*. FRANCISCO, Papa, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Último acesso em: 10/05/2022.

um amor sem interesse, que rompe fronteiras, barreiras e que permite construir pontes onde se aproximam a compaixão e a dignidade (FT 62).

A caridade é o amor infundido por Deus diante das atitudes que imprimem valores e virtudes morais, portanto, é um dinamismo de abertura à união e à vida comum (FT 91). A abertura para o amor é ser “caro”, ou seja, é ser estimado de grande valor e de gratidão, um benefício além das ações carregadas de dignidade, bondade e fraternidade que convergem das periferias existenciais e não excluem ninguém “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). Cultivando o relacionamento pelo amor, a humanidade não excluirá ninguém e a fraternidade se tornará aberta a todos (FT 92-94).

A santidade como caridade reúne as dimensões mítica e institucional pois se faz incorporar tudo, direito, técnicas, experiências, acolhimento e bem-estar proporcionado pela justiça social e cidadania política (FT 164). A santidade como caridade é presente principalmente na dedicação do encontro entre pessoas chegando a um irmão distante ou a um desconhecido. Existem culturas que incentivam atos individualistas, porém, isto acontece por meio de propagandas que se direcionam pelo desejo demorado do poder. Quando a fraternidade e a solidariedade prevalecem, se desenvolvem a capacidade de pensar na vida humana e no próximo de forma integral. Ela é ampliada de tal modo que a fragilidade humana necessita de atitudes de mudança e de transformação social (FT 165-167). O poder passa a ser do coletivo quando os compromissos derivam da caridade, não apenas nas relações íntimas e próximas, mas também nas relações macros (FT 180-182).

A santidade no aspecto da caridade sugere uma mentalidade transformadora que alcance vias eficazes de equidade social, trazendo uma boa política para comunidades em diferentes níveis de vida social, promovendo o equilíbrio e evitando os efeitos devastadores da globalização, desenvolvendo ciências com realizações práticas. Não bastam boas intenções se as deixarmos no papel e na memória, os atos devem criar condições mais sadias, mais justas e carregadas do amor dirigido às pessoas e povos mais vulneráveis. A prática da caridade deve ser primorosa e nobre por meio de gestos comuns com políticas públicas ou não governamentais, devendo sempre ser um amor preferencial pelos últimos (FT 183-187).

Papa Francisco em síntese procura exortar um amor que integra e reúne sobretudo o governante, o paciente, o diferente e quaisquer ideias que mitiguem a separação e promovam a justiça nivelada por um consenso de verdade e reconhecimento de valores permanentes promovidos pelo diálogo e pelo consenso que abra trilhas para um caminho de esperança e misericórdia, construindo a paz e a reconciliação pelo perdão (FT 232-236).

O olhar de Francisco é o de uma Igreja pobre para os pobres. Nos documentos conciliares, pontua-se em poucas referências explícitas sobre esta Igreja que Francisco faz questão de mostrar durante o seu ministério, bebendo na fonte dos documentos do Concílio Vaticano II¹⁹⁸, “assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG 8). Desta forma, “Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição” (AG 5), uma referência à pobreza evangélica da Igreja e do seu ministério¹⁹⁹.

O trabalho do Grupo Igreja dos Pobres, integrados ao relatório do Cardeal Lercaro e entregues ao Papa Paulo VI no fechamento dos trabalhos do Vaticano II, deram subsídios desdobrados em encíclicas do próprio Papa Paulo VI, como: *Evangelii Nuntiandi*, *Populorum Progressio* e *Octogesima Adveniens*, pelo Papa São João Paulo II na encíclica *Novo Millennio Ineunte* e nas encíclicas *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti* do Papa Francisco²⁰⁰.

O amor sem igual é uma tarefa que deve ser levada pela missão e busca da santificação através da vida missionária do próprio Jesus Cristo. O discipulado também caminha na esperança, buscando superar as tribulações da vida como sementes regadas pelo sangue de Jesus Cristo.

Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. Francisco propõe um convite ao amor seguindo o sabor do Evangelho, como escrevia São Francisco de Assis, neste amor que ultrapassa todas as barreiras. Esse amor está aberto à fraternidade, pela qual é possível reconhecer e valorizar todas as pessoas, sendo, portanto, pela amizade social, simplicidade, pobreza e abandonados que se semeia a paz e o Amor de Deus (FT 1-2).

A santidade é nata do ser humano, entretanto as pessoas podem desenvolver atitudes que representam os valores morais e virtudes como: fortaleza, sobriedade entre outras que podem estar presentes na vida dos santos pelo dinamismo como a caridade infundida por Deus, sendo que sem a caridade não se cumpre os mandamentos e não se compreende a Deus (FT 91).

¹⁹⁸ DE SOUZA, Ney et al. *Vaticano II, a urgência de uma recepção*. Revista de cultura teológica, ano XXIX, n° 99, ISSN - Impresso 0104-0529 / Eletrônico <http://revistas.pucsp.br/culturateo> Maio-Ago de 2021. Último acesso em: 08/05/2022.

¹⁹⁹ *Ibidem*, DE SOUZA, p. 17-18.

²⁰⁰ *Ibidem*, DE SOUZA, p. 17-18.

3.6.3 Carta Encíclica *Laudato si* (24 de maio de 2015)

A harmonia com que Jesus vivia com a criação possuía uma grande maravilha admirada pelos seus discípulos “*Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?*” (cf. Mt 8, 27). Uma relação concreta e amorosa com o mundo que também se concretiza pela palavra divina “*Logos*” (cf. Jo 1, 1-18), presente nas escrituras sagradas como parte da criação e inserida na Santíssima Trindade como uma realidade natural, habitando toda a plenitude e reconciliando o caos do universo (LS 98-100). Com este mesmo olhar, Papa Francisco exalta sobre a casa comum comparando ora a uma irmã a qual se compara a existência, ora a uma mãe que acolhe seu filho em seus braços, a Encíclica *Laudato si*²⁰¹, “*Louvado seja*”, inspirado no Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis²⁰². Assim, esta encíclica lança luzes sobre os cuidados devidos para com a natureza e os males que ela tem sofrido com a violência e a ganância do coração humano (LS 1-2).

Uma mãe e uma irmã que a humanidade vem deteriorando cada vez mais rápida e intensamente, os antecessores de Francisco já olham para o problema da destruição do planeta conforme vinham tendo as experiências de suas épocas. O Papa São João XXII na Encíclica *Pacem in terris*, com o olhar na segunda guerra mundial, rejeitava não apenas as manobras militares e os conflitos da guerra, mas ampliava o foco para a destruição e a deterioração global do planeta (LS 3).

O Papa Paulo VI refletiu sobre a crise e a problematização da ecologia diante das atividades descontroladas do ser humano iniciada na revolução industrial e em relação a exploração da natureza de forma exacerbada, sublinhando a necessidade de uma mudança radical do comportamento da humanidade em virtude do desenvolvimento econômico e progressos científicos (LS 4).

São João Paulo II alertou para os significados do ambiente natural, convidou à conversão ecológica e às mudanças profundas no estilo de vida para o cuidado maior do planeta em relação ao consumo e à doação oriunda de Deus (LS 5).

O Papa Bento XVI reafirma o convite a eliminar as causas das estruturas das disfunções da economia enfatizando que a degradação da natureza está vinculada a cultura e o modelo de convivência humana (LS 6).

²⁰¹ CARTA ENCÍCLICA. *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, FRANCISCO, Papa, AAS 107 (2015) 847-945. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Último acesso em: 11/05/2022.

²⁰² Também conhecido como Cântico do Irmão Sol.

O Papa Francisco busca o testemunho de São Francisco de Assis para enfatizar uma ecologia integral, que interage com as ciências e a ecologia enraizadas à essência do ser humano e assim, manifesta uma atenção particular à economia da criação e o apelo à proteção da casa comum em busca de um desenvolvimento sustentável em sincronismo aos mais variados setores das atividades humanas, faz um convite urgente à renovação do diálogo sobre a maneira como a humanidade caminha para a construção do futuro do planeta (LS 10-14).

Encontrar aspectos de santidade na *Laudato si'* é o mesmo que fazer sincronia harmônica com a criação e a maravilha da experiência do Filho de Deus na terra, o qual utilizava-se das mãos para construir suas obras de salvação. Como o oleiro moldando o barro, Jesus entrava em contato direto com a matéria criada por Deus, levando uma vida simples, suportando a missão do Pai e dando suporte as missões dos discípulos. Preparou barro para curar o cego (cf. Jo 9,6), tocou o leproso e desejou envolver-se intimamente na vida desse homem (cf. Mt 8, 3), tocou Simão e ele se tornou Pedro (cf. Jo 21, 15-23), santificou o trabalho dado à redenção da humanidade (LS 98).

O discipulado aprende que o toque e o trabalho manual favoreciam no reconhecimento da presença de Deus. *Ora et Labora*, prática realizada pelos monges nos desertos que uniam oração e estudo ao trabalho manual (LS 126). Neste sentido encontra-se nas histórias dos santos a oração e o trabalho como forma de demonstrar que o trabalho é o resultado de uma ação própria da humanidade que desenvolve capacidades para o seu bem estar material, o progresso moral e desenvolvimento espiritual (LS 127).

Essa capacidade de operar e construir leva a humanidade desde os princípios a ser santa e da mesma forma que é chamada ao trabalho, o processo de santidade necessita da atividade e da ajuda aos pobres como ação pontual de extrema necessidade. O principal objetivo se fundamentaria na recuperação da dignidade humana pelo trabalho investindo a longo prazo, com educação, saúde e segurança (LS 128).

O amor-caridade é compassivo de pequenos gestos de cuidado mútuo, manifestado também em âmbitos civil e político, objetivando a construção de um mundo melhor. Atitudes de caridade santificam pelo desenvolvimento do próximo tornando uma sociedade mais humana e digna. Os pequenos gestos diários impelem no pensamento de desenvolvimento de grandes estratégias que mitigam a degradação ambiental, é uma construção coletiva que busca a libertação de uma indiferença consumista.

Outra forma de amar faz parte do exercício da santidade e trata-se do amor *ágape*, ele exprime um amor que se doa e pode se transformar em experiências espirituais

completamente expressivas. Isto significa defender o bem comum, cultivar uma identidade comum e ampliar o desejo de se conscientizar para que todos lutem por uma casa comum saudável que retorna o olhar para Aquele que nunca deixou de olhar a humanidade e toda a sua criatura (LS 230-232).

As pessoas que entram em processo de santificação possuem relações com o mundo segundo um modelo divino, relaciona-se com a criação tendendo a Deus, estão secretamente a frente dos demais, possuem vínculos que as levam não só a admirar a criação mas vive em profunda comunhão com Deus. Elas crescem dia a dia, amadurecem e santificam-se a cada nova oportunidade de maturação da sua espiritualidade, pois, tudo está interligado, humanidade, criação e Deus. A solidariedade da casa comum parte de uma experiência trinitária individual de cada um (LS 239-240).

O bem comum requer a justiça social, ele pressupõe o respeito e o desenvolvimento integrado, distributivo e solidário. Tudo o que foge a essa preposição gera violência, desrespeito e caos social (LS 157). O cuidado da casa comum é uma questão essencial de justiça e a santidade situa-se na lógica social de garantia de vida às gerações futuras. Portanto, cabe pensar e avaliar que mundo se pretende deixar de herança aos sucessores, é estabelecer uma justiça intergeracional²⁰³, para que entre as gerações ocorram políticas de sustentabilidade do planeta (LS 158-159).

A santidade no aspecto da justiça social deve estar além de qualquer solução técnica oferecidas pela ciência, ela deve pressupor de atitudes e ações coerentes com a própria fé, não abusando e corrompendo a natureza, permanecendo fiéis ao tesouro da sabedoria, guardando-o e respeitando os limites culturais respondendo as necessidades atuais (LS 200).

Imputar aspectos de santidade “a conduta cristã faz do homem semelhante a Deus, ou seja seus atos remetem a Ele”²⁰⁴, a conduta de santidade na *Laudato si'*, pressupõe que a vida do cristão deve ser íntegra e correta para o cuidado da casa comum e à sua preservação tanto no aspecto individual como para com todas as criaturas²⁰⁵. O Papa Francisco procura despertar interesse da humanidade para um desenvolvimento sustentável e uma educação ambiental. A santidade trazida por ele neste tema inspirou-se em São Francisco de Assis, o fator que

²⁰³ Intergeneracional - adjetivo, Que se realiza entre duas ou mais gerações; relacionado com o que se estabelece entre duas ou mais gerações: pobreza intergeracional; comportamentos intergeracionais.

²⁰⁴ SOUZA, Isadora Maria Oliveira; PELINSKI, Márcio José. *A conversão ecológica proposta pela Laudato Si' diante da sociedade de consumo*. Caderno Intersaberes, v. 10, n. 28, p. 82-91, 2021.

²⁰⁵ *Ibidem*, DE SOUZA, 2015, p. 108-117.

gerou esta escolha se deu devido à humildade do santo de Assis e às características semelhantes presentes na vida do cardeal Bergoglio.

Francisco de Assis possuía uma extrema relação sensível com a natureza e a pobreza e por este motivo carregava consigo a irmandade da criação cuja paternidade de tudo é Deus. O santo Francisco vivia em Jesus Cristo e Jesus Cristo vivia harmoniosamente nele, entregando-se em si mesmo ele entregou tudo por amor. O mundo e toda a criação passaram a ser seus irmãos e irmãs, isto tem um peso ainda maior quando amplia o cuidado pelo que é frágil e pela ecologia integral²⁰⁶.

O maior desejo do Papa Francisco certamente seria que todos os cristãos e não cristãos, por meio de sua conduta, cantassem o Cântico de São Francisco de Assis²⁰⁷, pois certamente muito se foi distorcido com o mandato de Deus para Abraão “Abraão será o pai de uma nação grande e poderosa, e por meio dele todas as nações da terra serão abençoadas” (cf. Gn 18,18) e ainda durante a criação “governar o dia e a noite, e separar a luz das trevas” (cf. Gn 1,18).

A recordação do Pontífice Francisco sobre a perda de biodiversidade “não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais ‘recursos’ exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas” (LS 33) desperta o olhar para o desaparecimento de vários grupos em biomas vegetais e animais que não serão recuperados.

Na encíclica, o Papa mostra a santidade de Francisco de Assis: ele viveu uma trajetória de santidade, nele a humanidade deve se espelhar pois inspira olhar para todos os seres como irmãos e seres criados. Resumidamente, a humanidade deve ser santa nos atos praticados com a natureza²⁰⁸. Também não se deve esquecer que Deus é o autor de toda obra criada e por meio Dele somos todos irmãos.

²⁰⁶ BORDINI, Gilberto Aurélio; SOUZA, Isadora Maria. *A influência de São Francisco de Assis na Laudato Si'*. Caderno Intersaberes, v. 9, n. 19, 2020, p. 113-114. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1506>. Acesso em: 11/05/2022.

²⁰⁷ Também conhecido como Cântico do Irmão Sol ou Cântico das Criaturas, é o que segue: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia. E ele é belo e radiante com grande esplendor: de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, que no céu formaste claras, preciosas e belas. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento pelo ar, pela nuvem, pelo sereno, e todo o tempo, com o qual, às tuas criaturas, dás o sustento. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil e humilde, e preciosa e casta. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite: ele é belo e alegre, vigoroso e forte” (LS 87).

²⁰⁸ *Ibidem*, BORDINI & SOUZA, 2020, p.116.

3.7 Aspectos de santidade nas Exortações Apostólicas do Papa Francisco

3.7.1 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013)

A exortação *Evangelii Gaudium*²⁰⁹ (em latim) ou Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal, entendida como a “carta de princípios” no início do pontificado do Papa Francisco e foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013, após uma reunião do Sínodo dos Bispos. Neste caso, a 13^o Assembleia Geral Ordinária sobre “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã, reuniu 170 bispos do mundo inteiro em Roma em outubro de 2012²¹⁰.

A santidade vivenciada na Igreja deve ter uma profunda e constante renovação missionária. Estar no processo de santidade é viver e levar a cada um o Evangelho, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É pela pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. A santidade é adquirida no discipulado e isso significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG 127).

Papa Francisco faz um convite aos cristãos, independentemente de sua situação ou localização, a renovar o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, de se deixar encontrar por Ele, buscando o Senhor intensamente e sem parada. Exalta que não existe nenhum motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, pois, “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído” (EG 3). “porque Cristo compartilhou em tudo, exceto no pecado, nossa condição humana, ele acolheu e experimentou alegrias afetivas e espirituais como um dom de Deus”. E sem cessar ele “proclamou aos pobres o Evangelho da salvação, para a alegria

²⁰⁹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Gaudium ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho*. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Último acesso em 11/05/2022.

²¹⁰ LOURENÇO, Vitor Hugo. *A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Revista de Cultura Teológica, Ano XXV, n°89, Jan/Jun 2017, p. 399. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i89.31591/pdf>. Último acesso em: 11/05/2022.

aflita” (GD 22). Portanto, “para o cristão, quando há Jesus, é uma questão de viver, em ação de graças ao Pai, as alegrias humanas que o Criador lhe dá”²¹¹ (GD 23).

3.8 Cartas apostólicas, homilias e discursos

O Sumo Pontífice, em sua carta apostólica sob forma de *motu proprio* sobre a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis, apresenta o cuidado e a proteção dos mais pequeninos e indefesos como um aspecto da santidade citando o evangelista Mateus. Ele afirma “Quem receber um menino como este, em meu nome, é a mim que recebe” (cf. Mt 18, 5). É, portanto, neste sentido que a santidade é um processo de conversão contínua carregada de acolhimentos, generosidades e com a promoção de ambientes seguros atendendo prioritariamente as angústias dos menores, idosos e das pessoas vulneráveis. Deste modo, amplia-se a credibilidade do anúncio evangélico na prática, renovando a missão educativa da Igreja²¹².

Pela fé Deus vai ao encontro de seu povo. Abraão recebe a inspiração do Espírito Santo e acredita no Senhor acima de todas as experiências humanas. Assim, sua fé é estendida por gerações até que encontre em sua descendência a Virgem Maria, mulher humilde, o sacrário humano do filho de Deus e por ela Cristo se entrega ao projeto do Pai. O cristão, em um processo de santidade, caminha dando testemunho com entusiasmo. Sendo assim, torna-se um instrumento manuseado por Deus a serviço do Evangelho. A santidade é resultado da progressão na fé e na caridade, nunca esquecendo os mais marginalizados e pobres, confiando sempre na promessa de Deus²¹³.

Existem três dimensões da vida que traduzem o caminho de santidade, neles se contemplam: o passado, o futuro, o presente. A homilia do Papa Francisco²¹⁴ na Sexta-feira (2 de novembro de 2018), faz memória ao passado para recordar quantos caminharam antes de nós, que nos acompanharam e nos deram a vida. A memória, portanto, é aquilo que

²¹¹ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Gaudete in Domino* (9 de Maio de 1975), PAULO VI, Papa, 22: AAS 67 (1975), 297). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html. Último acesso em: 11/05/2022.

²¹² CARTA ENCÍCLICA. *Lumen fidei* (29 de junho de 2013), Papa Francisco, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html, último acesso em 19/01/2022.

²¹³ PAPA FRANCISCO. *Discurso de saudação do Papa Francisco à comunidade Abraão*, Roma, sala São Paulo VI, 14 de setembro de 2019, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190914_comunita-abramo.html, último acesso em 19/01/2022.

²¹⁴ PAPA FRANCISCO. *Santa Missa na celebração dos fiéis defuntos, Homilia do Papa Francisco, Cemitério Laurentino de Roma, Sexta-feira, 2 de novembro de 2018*, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181102_omelia-defunti.html, último acesso em 20/01/2022.

fortalece um povo porque se sente radicado num caminho, numa história, num povo. É também um dia de esperança de um céu novo, uma terra nova e a cidade santa de Jerusalém, “Vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo” (cf. Ap 21, 2).

Através da memória e a esperança de nos encontrarmos, de chegarmos aonde está o Amor que nos criou, o Amor que nos espera: o Amor do Pai. A vida de santidade está presente à terceira dimensão, a do caminho que devemos percorrer e que atravessamos, sendo que ele se constrói entre memória e esperança. Essa construção é fundamentada nas Bem-Aventuranças tendo a mansidão, a pobreza de espírito, a justiça, a misericórdia e a pureza de coração como tema. Elas são as luzes que nos acompanham para não errarmos as estradas, onde o “GPS da vida” e o “navegador” é o próprio Deus²¹⁵.

3.9 Exortações apostólicas

3.9.1 Querida Amazônia²¹⁶

Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade (2 de fevereiro de 2020). Em um caminhar juntos na ótica de Francisco, o povo da Amazônia é capacitado de fertilização cultural com muitos testemunhos de santidade com rosto amazônico. Portanto não são cópias de modelos europeus ou de outras localidades. O serviço e a dedicação, proliferados pelo encontro acolhedor na vida comum e cotidiana, são luzes de santidade na contemplação e luta pela justiça.

O povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o Seu nome (cf. Hebr. 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo (cf. Jo 2, 20 e 27, LG 11-12).

A graça é encarnada em traços distintos e com vocações distintas, uma santidade de um povo santo de Deus participante da missão profética de Cristo, ampliada pelo seu testemunho vivo e aplicado a todos os povos locais e de outros lugares (QA 79, In. GE 10-11).

²¹⁵ *Ibidem*, PAPA FRANCISCO, 2018.

²¹⁶ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Pós-Sinodal Querida Amazonia ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*. FRANCISCO, Papa, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia_po.pdf, último acesso em: 19/01/2022.

3.9.2 *Christus vivit*²¹⁷

Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus (25 de março de 2019). A Igreja se renova pelo bálsamo da vida infundido pela santidade dos jovens, exemplos que podem curar as feridas da Igreja e do mundo, imanados pelo Amor para a qual, desde sempre, estamos chamados: os jovens santos impelem-nos a voltar ao nosso primeiro amor (cf. Ap 2, 4, CV 50).

Francisco ainda faz um alerta aos jovens sobre a santidade dizendo que não é copiando o exemplo dado pelos santos que se tornará santo. Imitar os santos não significa copiar o modo de ser e de viver a santidade, mas sim ter o estímulo e motivação para desenvolver o seu próprio estilo pessoal, independente do que pense ou afirma a sociedade. Ao copiar um santo corre-se o risco de não deixar as próprias características do tempo em que vive e das realidades, “Fazer-te santo é tornar-te mais plenamente tu próprio, aquele que Deus quis sonhar e criar, não uma fotocópia. A tua vida deve ser um estímulo profético que sirva de inspiração para os outros, que deixe uma marca neste mundo, aquela marca única que só tu poderás deixar” (CV 162). Deus manifesta a cada um a sua graça e o seu talento, “de modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada” (cf. Rm 12,6), porque aprouve Deus se manifestar (GE 11).

3.9.3 *Gaudete et exsultate*²¹⁸

Exortação Apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual (19 de março de 2018). O Santo Padre, Papa Francisco, expressa o que se pode dizer uma pérola sobre a santidade, pedindo que se alegrem quando forem perseguidos por causa do Evangelho (cf. Mt 5,12). A verdadeira felicidade é oferecida aos que buscam e encontram o Senhor, pois Ele é a vida e a verdade é Deus. O amor de Deus oferece a santidade aos seus filhos e espera ser correspondido à esse amor, agindo de diversas maneiras e formas, pois, propôs a cada pessoa uma maneira diferente de caminhar na sua presença (GE 1). Assim, “Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que O teme e obra justamente” (cf. At 10,35).

²¹⁷ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, FRANCISCO, Papa, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html, último acesso em: 20/01/2022.

²¹⁸ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Gaudete et exsultate*, sobre a chamada à santidade no mundo atual, FRANCISCO, Papa, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html, último acesso em: 20/01/2022.

Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas “constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente²¹⁹” (LG 9). Neste sentido, o Papa faz um alerta sobre a salvação coletiva, “ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana” (GE 6). Portanto, na Igreja apesar de serem muitos os cristãos, eles formam, no entanto, um só corpo constituído pelos fiéis em Cristo (cf. 1 Cor 12,12).

O povo de Deus tem por cabeça o Cristo crucificado e ressuscitado, e aos que se voltam para Ele com fé é confortado pela força da graça, participando da função profética, difundindo o testemunho vivo desde o batismo, sustentados pela ação do Espírito Santo (GE 12). Cristo atribuiu este poder aos discípulos, para que também eles sejam constituídos em liberdade e, com a renúncia de si mesmos e a experiência de santidade na vida, vençam em si próprios o reino do pecado (cf. Rom 6,12). Contudo é necessário pedir ao Espírito Santo que nos liberte e expulse aquele medo que nos leva a negar-Lhe a entrada em alguns aspectos da nossa vida. Aquele que pede tudo também dá tudo, e não quer entrar em nós para mutilar ou enfraquecer, mas para levar à perfeição (GE 175).

3.9.4 *Amoris laetitia*²²⁰

Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família (19 de março de 2016). Francisco chama a atenção para a família que unifica a vida familiar em Cristo. Os sofrimentos e os problemas são vividos em comunhão com a Cruz do Senhor e, abraçados a ele, pode-se suportar os piores momentos. As famílias alcançam pouco a pouco, “com a graça do Espírito Santo, a sua santidade através da vida matrimonial, participando também no mistério da cruz de Cristo, que transforma as dificuldades e os sofrimentos em oferta de amor” (AL 317).

Portanto, a vocação familiar é um tesouro da Igreja e este tesouro (cf. 2 Cor 4, 7) deve ser sustentado por três palavras: “com licença”, “obrigado” e “desculpa”. Estas palavras realmente abrem o caminho para a harmonia na família. Palavras simples, porém, não tão

²¹⁹ cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen gentium*, sobre a Igreja n. 9, Concílio Ecumênico Vat. II, Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html *vatican.va*. último acesso em: 20/01/2022.

²²⁰ EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Pós-Sinodal sobre o amor na família*, FRANCISCO, Papa, *vatican.va*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, último acesso em: 20/01/2022.

fáceis de pôr em prática. A santidade no lar é fundamentada por este tripé que sustentam o lar e são capazes de superar as dificuldades e provações²²¹.

3.9.5 Francisco e a Santidade no mundo

No começo do Pontificado de Francisco, em 12 de maio de 2013, a trajetória do maior canonizador da história da Igreja já sinalizava a santificação do povo de Deus. Segundo Edson Veiga, “Em seis anos de pontificado, Papa Francisco canonizou 892 santos”²²².

Um Papa latino-americano que surpreende a cada dia com sua alegria pelo Evangelho, carregada de fé e humildade. A maneira de se aproximar do povo carinhosamente dá a transparecer que um pontificado no qual o papa estará mais próximo do povo, com atitudes inesperadas e fora do protocolo. Sentindo o cheiro da ovelha, o magistério de Francisco possui alicerces nos princípios pastorais e teológicos estabelecidos no Concílio Vaticano II. Ir ao encontro como ponto de partida e aproximação são formas que Francisco encontrou para o seu pastoreio. A seguir, verifica-se um pouco desse caminho e aproximação.

A Igreja tem necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro, exalando a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A santidade está presente no acompanhamento e aproximação, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5). Aproximar-se, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã (EG 169). A arte de ser santo está em ouvir o clamor dos pobres, fazer-se carne em si mesmo, quando no mais íntimo existe a comoção e a vista do sofrimento alheio. “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (cf. Mt 5, 7). É pela misericórdia que a santidade recebe o valor salvífico, redime do pecado e se faz próspero (EG 193).

Procurou-se fazer uma exegese de alguns documentos no sentido de que são ensinamentos, os quais, serviram de prática pastoral para muitas falas e atitudes que, embora

²²¹ XIV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo Relatório Final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco*, Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2015, n.87, vatican.va. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html, último acesso em: 20/01/2022.

²²² VEIGA, Edson. *O que faz do Papa Francisco o maior canonizador da história da Igreja Católica*, BBC NEWS, Brasil. De Bled (Eslovênia), 01 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48826554#:~:text=O%20que%20faz%20do%20papa%20Francisco%20o%20maior,cerim%C3%B4nia%20de%20canoniza%C3%A7%C3%A3o%20confirmada%20nesta%20segunda-feira%20%281%C2%BA%29%2C%20> Último acesso em: 11 janeiro de 2022.

não foram escritos, são marcantes, claros, deixando pequenas sínteses do pensamento do Papa Francisco.

Um papado voltado a santidade? Talvez a melhor colocação seria um olhar para o povo discipulado de Jesus Cristo, reconhecido pela vivência do Evangelho e demonstração da fé. Assim, está em curso o pontificado de Francisco. Nestes primeiros anos os seus ensinamentos se deram por meio de atas apostólicas, encíclicas, exortações apostólicas, discursos e homilias vistos anteriormente, que trazem os traços da teologia do povo na qual ele teve a experiência realizada na Argentina.

Ao revisitar as fontes do Concílio Vaticano II sobre a santidade, é evidente a grande reflexão sobre o tema na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* capítulo 5. O Pontífice Francisco bebe dessa fonte para chamar o povo de Deus para uma vida de santidade no mundo atual ao escrever a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Esses documentos são luzes que Francisco utiliza, a qual se nota uma redescoberta do concílio atualizada. É, portanto, a partir dessa fonte que pode ser lido este belíssimo documento.

Francisco logo no início da exortação conduz ao leitor ao fiel pensamento dos padres conciliares e, neste sentido, reflete sobre a busca incansável da Igreja para a abertura a um diálogo com os tempos modernos. Para que exista esse diálogo, ele (o Papa) indica o caminho e a necessidade da reforma, porém, esta deve ser antecedida de uma mudança de mentalidade ou conversão, pois “é evidente para todos que todos os fiéis de Cristo, de qualquer categoria ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade [...] devem usar sua força conforme a receberam, como um dom de Cristo” (LG 40).

Este chamado exige coragem “não tenhas medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser” (GE 32) e continua Francisco, “O santo é capaz de viver com alegria e sentido de humor. Sem perder o realismo, ilumina os outros com um espírito positivo e rico de esperança” (GE 122). Esta realidade conduz a prática do amor e incentiva necessariamente a outras atitudes que podem ser sintetizadas, no amor-caridade “Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele” (cf. 1 Jo 4,16), “sempre e em todo o tempo os discípulos imitem esta caridade e humildade de Cristo, e delas deem testemunho, [...] abraçando a pobreza na liberdade dos filhos de Deus e renunciando às próprias vontades” (LG 42).

A vocação ou chamado à santidade de que fala a LG possui fundamentação nas Sagradas Escrituras e, como tal, é atual no tempo e na história (LG 39). Francisco utiliza-se dessa fonte e aponta para uma santidade cotidiana, levando para o cristão que a prática concreta da vida no dia a dia dentro de seus lares e empregos “esta é muitas vezes a santidade

‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus” (GE 7). A humanidade se santifica exatamente e somente pelo compromisso com a sua condição humana e cristã “Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana” (GE 6).

A humanidade é chamada à união de santidade com Cristo Jesus, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos (LG 3). “O Concílio Vaticano II salientou vigorosamente: ‘munidos’ de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho” (LG 11). Francisco encontra nas fontes do Concílio este convite à santidade, baseia-se das Sagradas Escrituras no Antigo e Novo testamentos, onde: “O Senhor faz a cada um de nós, a chamada que dirige também a ti: ‘sede santos, porque Eu sou santo’” (cf. Lv 11, 45; 1 Ped 1, 16, GE 10).

O pastoreio de Francisco leva o povo a caminhar não importando qual modelo deve seguir, pois, no plano de Deus todos tem o seu lugar e o seu modo de evangelizar e viver a sua santidade, “‘Cada um por seu caminho’, diz o Concílio” (GE 11).

Não existem regras a serem seguidas pois tudo é muito pessoal, os santos servem para dar testemunhas e motivação para decisão individual de qual caminho seguir e com qual maneira irá manifestar o amor de Cristo em sua vida.

Por isso, uma pessoa não deve desanimar, quando contempla modelos de santidade que lhe parecem inatingíveis. Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor predispôs para nós. Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo (GE 11).

Francisco manifesta o seu desejo de chamar a Igreja e o mundo para refletir a santidade de Deus neste mundo, trazendo cada personagem ao seu tempo e lugar na história. O Concílio Vaticano II surge após um período de guerras, de evolução e modernidade, para trazer luzes à santidade da Igreja. Já em outros períodos, o Espírito Santo suscitou santas, em épocas onde a perseguição e a humilhação das mulheres eram mais evidentes, períodos nos quais elas eram excluídas da sociedade, e surgem:

Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Lisieux; mas interessa-me sobretudo lembrar tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho (GE 12).

O convite é para todos, não apenas para os que se afastam das ocupações do mundo. Esse olhar de Francisco aponta para um caminho onde cada um deve viver com amor e oferecendo o próprio testemunho no dia a dia, em cada canto, em cada lugar que se encontra, consagrado ou não, porém, vivendo a alegria da doação, cumprindo sua missão com o trabalho e com competência para tornar um mundo melhor e mais humano (EG 14). O Filho de Deus “comunicando o Seu Espírito, fez misteriosamente de todos os Seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o Seu Corpo” (LG 7). Francisco olha os processos de canonização com esse olhar do Pai para todos na Igreja iluminado pelo Espírito Santo dando a cada povo de Deus a indicação para a santidade. Assim, como Israel peregrinava no deserto e é chamado a Igreja de Deus, o povo caminha no tempo presente (LG 9).

A ordem cronológica²²³ das canonizações, organizada pela Congregação para as Causas dos Santos²²⁴ celebradas pelo Papa Francisco ocorridas no período entre (2013-2021) mesmo não contabilizando o ano de (2020), é bem extensa com as pessoas que entraram para a lista de santos da Igreja Católica. Apresenta-se na sequência uma breve descrição de canonizações com a finalidade de visualização da quantidade distribuída a cada ano e análise dos momentos importantes relacionados a estes processos não relatados aqui. As consultas

²²³ CANONIZAÇÕES PAPA FRANCISCO. Congregação para as Causas dos Santos. *Causesanti.va* Disponível em: <http://www.causesanti.va/it/celebrazioni/canonizzazioni.francesco.html>. Acesso em: 10 janeiro de 2022.

²²⁴ CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS. Com a Constituição Immensa Aeterni Dei de 22 de janeiro. 1588, Sisto V criou a Congregação Sagrada dos Ritos e confiou-lhe a tarefa de regular o exercício da adoração divina e lidar com as Causas dos Santos. Essas duas competências foram comprometidas com o mesmo Dicastério, porque as Causas dos Santos terminam com a introdução de um Servo de Deus na Adoração da Igreja.

A ideia da divisão da Congregação dos Ritos em dois dicastérios, já flutuado na Comissão para a reforma da Cúria feita por São Pio X, foi realizada por Paulo VI com a Constituição Apostólica *Sacra Rituum Congregatio* de 8 de maio. 1969 com a qual foram criadas duas Congregações, uma para a Adoração Divina (suprimida em 11 de 1975 com a criação da nova Congregação para o Sacramentis et Cultu divino) e uma para as Causas dos Santos. Com a mesma Constituição, a nova Congregação para as Causas dos Santos teve estrutura própria, dividida em três Gabinetes: o judicial, o do Promotor Geral da Fé e o histórico-hagiográfico, que foi a continuação da Seção Histórica criada por Pio XI em 6 de fevereiro. 1930.

A Congregação também teve sua própria Chancelaria.

Uma nova estrutura foi dada ao Dicastério pela Constituição Apostólica *Divinus perfectionis Magister* de 25 de janeiro. 1983 e a respectiva *Normae servandae in inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum* de 7 Febr. 1983, com o qual foi realizada uma profunda reforma no procedimento das Causas da canonização (que deve ser instruída pelos bispos diocesanos *iure proprio*) e na reestruturação da Congregação, que foi dotada, entre outras coisas, com um Colégio de Relatores, com a tarefa de cuidar da preparação dos Posicionamentos *super Mártir* ou *super Vita, Virtutibus et San Famatis* dos Servos de Deus.

Anexado ao Dicastério está o Estudo, instituído na Audiência Pontifícia de 2 de Junho de 1984, para a formação de Postuladores e outros Colaboradores da Congregação, bem como daqueles que pretendem exercer as diversas tarefas nas Cúrias diocesanas para o tratamento das Causas dos Santos.

João Paulo II com a Constituição Apostólica *Pastor Bônus*, de 28 de junho de 1988, mudou o nome da Congregação para Congregação para as Causas dos Santos. *Causesanti.va* Disponível em: <http://www.causesanti.va/it/congregazione-delle-cause-dei-santi.html> . Acesso em: 10 janeiro de 2022.

às AAS - *Actas Apostolicae Sedis* confirmam alguns destes relatos. No entanto, negritou-se pontos que o autor relaciona a história do povo brasileiro ou fatos ocorridos no Brasil.

2013 - 12 de maio – Canonização dos beatos: Antonio Primaldo e companheiros (Mártires de Otranto).

Cerca de 800 de quinze anos para cima, fossem levados para o campo turco e forçados a apóstatar. Instantâneo e decisivo foi a resposta que, em nome de todos, foi dada por Antonio Primaldo, um humilde sapateiro ou cimatore de pano. Ele declarou que "eles mantiveram Jesus Cristo como filho de Deus e que, em vez disso, eles queriam morrer mil vezes do que negá-lo e se tornar turco". Achmed Pasha então ordenou a execução imediata. Eles tiveram suas cabeças ou corpos cortados" (VEIGA, 2019).

2013 - 12 de maio – Canonização da beata: Laura de Santa Catarina de Siena (cidade de Jericó, departamento de Antioquia, Colômbia).

2013 - 12 de maio – Canonização da beata: María Guadalupe García Zavala (Zapopan, Jalisco, México).

2013 - 09 de outubro – Canonização da beata: Angela de Foligno (Foligno, Itália).

2013 - 17 de dezembro – Canonização do beato: Pierre Frave (Ducado de Saboia, França).

2014 - 03 de abril – Canonização do beato: François de Montmorency-Laval (Montigny-sur-Avre, França).

2014 - 03 de abril – Canonização dos beatos: José de Anchieta (ilha de Tenerife, no arquipélago canário) viveu no Brasil desde 13 de junho de 1553.

2014 - 03 de abril – Canonização da beata: Maria dell'Incarnazione Guyart (Tours, França).

2014 - 27 de abril – Canonização do beato: Angelo Giuseppe Roncalli Papa João XXIII (Sotto il Monte, Lombardia, Itália).

2014 - 03 de abril – Canonização do beato: Karol Józef Wojtyła Papa João Paulo II (Wadowice, Polônia).

2014 - 23 de novembro – Canonização do beato: Giovanni Antonio Farina (Gambellara, Vicenza, Itália).

2014 - 23 de novembro – Canonização do beato: Kuriakose Elias Chavara da Sagrada Família (Kainakary, Kerala, Índia).

2014 - 23 de novembro – Canonização do beato: Ludovico da Casoria (Casoria, Nápoles).

2014 - 23 de novembro – Canonização do beato: Nicola da Longobardi, nascido Giovanni Battista Clemente Saggio (Longobardi, Cosenza, Itália).

-
- 2014 - 23 de novembro – Canonização da beata: Eluvathingal do Sagrado Coração, nascida Rose Eluvathingal (Kattoor, Índia).
- 2014 - 23 de novembro – Canonização do beato: Amato Ronconi (Saludecio, Rimini, Itália).
- 2015 - 14 de janeiro – Canonização do beato: José Vaz (Sri Lanka).
- 2015 - 17 de maio – Canonização da beata: Joan Emilia de Villeneuve (Toulouse, França).
- 2015 - 17 de maio – Canonização da beata: Maria de Jesus Crucificada, nascida Mariam Baouardy (Abellin, Nazaré, Portugal).
- 2015 - 17 de maio – Canonização da beata: Maria Alfonsine Danil Ghattas (Jerusalém, Israel).
- 2015 - 03 de maio – Canonização da beata: Santa Maria Cristina dell'Immacolata Concezione, nascida Adelaide Brando (Nápoles, Itália).
- 2015 - 03 de setembro – Canonização do beato: Junipero Serra, nascido Michael Joseph (Petra, ilha de Mallorca).
- 2015 - 18 de outubro – Canonização do beato: Vincenzo Grossi, (Pizzighettone, Cremona, Itália).
- 2015 - 18 de outubro – Canonização da beata: María Isabel, Maria da Imaculada Conceição Salvat y Romero (Madri, Espanha).
- 2016 - 05 de junho – Canonização do beato: Stanislaus de Jesus Maria Papczyński (Podegrodzie, Stary Sącz, Cracóvia, Polónia).
- 2016 - 05 de junho – Canonização da beata: Maria Elisabeth Hesselblad, (Fåglavik, na Suécia).
- 2016** - 04 de setembro – Canonização da beata: Agnes Gonxha Bojaxhiu, a futura Madre Teresa de Calcutá (Skopje, Macedónia).
- 2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: Irmão Solomon Leclercq, nascido William Nicholas Louis, (Boulogne-sur-Mer, França).
- 2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: José Sanchez del Río (Sahuayo, Michoacán, México).
- 2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: Manuel González García (Sevilha, Espanha).
- 2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: Lodovico Pavoni (Brescia, Itália).
- 2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: Alfonso Maria Fusco (Angri, Salerno, Itália).

2016 - 16 de outubro – Canonização do beato: Giuseppe Gabriel del Rosario Brochero (Carreta Quemada, Córdoba, Espanha).

2016 - 16 de outubro – Canonização da beata: Elisabetta Catez.

2017 - 13 de maio – Canonização dos beatos: Francisco e Jacinta Marto (Fátima, Vila Nova de Ourém, Leiria, Portugal).

2017 - 15 de outubro – Canonização dos 30 Mártires do Brasil: Dois Mártires de Cunhaú e Vinte e oito de Uruaçu, (Brasil).

2017 - 15 de outubro – Canonização dos beatos: Cristóbal (Atlihuetzía, Tlaxcala), Antonio e Juan Tizatlán, Tlaxcala, México).

2017 - 15 de outubro – Canonização do beato: Faustino Míguez (Xamirás, Galícia, Espanha).

2017 - 15 de outubro – Canonização do beato: Luca Antonio Falcone Acri (Cosenza, Itália).

2018 - 14 de outubro – Canonização do beato: Giovanni Battista, Papa Paulo VI Montini Papa (Concesio, Brescia, Itália).

2018 - 14 de outubro – Canonização do beato: Oscar Romero (Ciudad Barrios, Republica de El Salvador).

2018 - 14 de outubro – Canonização do beato: Francesco Spinelli (Milão, Itália).

2018 - 14 de outubro – Canonização do beato: Vincenzo Romano (Torre del Greco, Itália).

2018 - 14 de outubro – Canonização do beato: Nunzio Sulprizio (Pescosansonesco, provincia di Pescara, Itália).

2018 - 14 de outubro – Canonização da beata: Caterina Kasper (Dernbach, un villaggio dell'Assia, Alemanha).

2018 - 14 de outubro – Canonização da beata: Ignazia March Mesa (Madrid, Espanha).

2019 - 11 de outubro – Canonização do beato: Bartolomeu Fernandes dos Mártires (Lisboa, Portugal).

2019 - 13 de outubro – Canonização da beata: Giuseppina Vannini (Roma, Itália).

2019 - 13 de outubro – Canonização da beata: Mariam Thresia Chiramel Mankidiyan (Puthenchira, Índia).

2019 - 13 de outubro – Canonização da beata: Marguerite Bays (Cantone di Friburgo (Suíça)).

2019 - 13 de outubro – Canonização da beata: Dulce Lopes Pontes, nasce com o nome de Maria Rita (Bahia de São Salvador, Brasil).

2019 - 13 de outubro – Canonização do beato: John Henry Newman (Londres Inglaterra).

2021 - 13 de outubro – Canonização da beata: Margherita di Città di Castello (Urbino, Itália).

Nos escritos do Papa Francisco existe uma linha tênue entre santidade, sacralidade e sacramentalidade. São relações ao modelo divino da criação, onde as criaturas *a priori* tendem a Deus durante a caminhada para a santidade. O sumo Pontífice convida-nos a admirar os múltiplos vínculos existentes na criação em relação ao Criador, apontando para uma chave existencial que liga a humanidade a Deus e o seu projeto de salvação. Portanto, Francisco traça uma trajetória em seu pontificado onde a pessoa humana recebe a missão pelo batismo, cresce, amadurece na fé e santifica-se a cada dia e a cada passo durante a caminhada existencial entre o passado e o futuro. Um dinamismo trinitário desde a história da criação, onde Deus falou pelos profetas e se fez homem para que a humanidade o conhecesse, deixou o Espírito Santo para amadurecer a espiritualidade e a solidariedade global. Quanto mais se conhece e se relaciona com Deus, mais a humanidade se afasta de si e comunga o amor através de uma experiência sacramental (LS 240). A vida humana amadurece em relação à santidade pelo amor²²⁵.

A santidade no olhar cristão é voltada para a criação e, ao voltar o olhar para Deus, também se enxerga o Criador de toda a existência. Aprofundando esse olhar encontram-se as periferias existenciais da vida e aqueles que perderam a dignidade e a liberdade para o qual foram criados, a santidade. As Igrejas e os credos particulares são chamados a agir em conjunto pela vida e pela justiça social, cooperando para a realização desse desígnio divino²²⁶.

Conclusão

A busca pelos aspectos de santidade no ministério do Papa Francisco procurou relacionar a *Gaudete et Exsultate* e o quinto capítulo da *Gaudium et Spes*. Ambos os textos abordam os princípios básicos e exortam a santidade. Neles observa-se que o tempo passa e os problemas continuam com particularidades diferentes, porém, com métodos pelos quais

²²⁵ WOLFF, Elias; MATIELLO, Suzana Terezinha. *Espiritualidade ecológica para a humanização da “casa comum - Aproximações a partir do cap. VI da Laudato Si*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXVIII - Nº 96 - Maio - Ago 2020, p. 28.

²²⁶ *Ibidem*, p. 21.

são construídos os candidatos a santo na Igreja Católica. A vida e os costumes e principalmente a forma de fazer diferente em nossos dias, as fontes que se bebem para o anúncio da Boa Nova, e ainda conseguir gerar novos paradigmas para a consciência da humanidade, colocam a ênfase na evangelização, pois se consegue transformar verdadeiramente a humanidade contemporânea do século XXI. As formas e os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho, de modo a que a sua potência possa ser eficaz, são elementos imprescindíveis para o caminho de santidade (EN 4).

Todos os elementos levam o Papa Francisco a ser um peregrino no anúncio da palavra neste mundo, percorrer de cidade em cidade e exaltar conforme os costumes locais, aculturando, chegando e aproximando-se sobretudo dos mais pobres, os quais e em sua maioria são os mais bem dispostos e abertos para o acolher a alegria do anúncio e das realizações das promessas e da aliança feitas por Deus. No entanto, ele não quer e nem deseja ser peregrino só, e desta forma vem exaltando o povo de Deus a também se colocar à caminho da evangelização, “[...]Esta é a missão e a tarefa que o Senhor Jesus confiou aos seus discípulos”²²⁷ (PE 1).

O anúncio deve percorrer por todas as Igrejas particulares de forma estruturada, com a direção pastoral de seus próprios bispos, clérigos e leigos, tendo à frente um apostolado evangelizador, inserindo profundamente nas comunidades cristãs e na vida dos povos, promovendo a comunhão entre as Igrejas, compartilhando experiências e permitindo alegremente a troca de bens e dons espirituais. Contudo, é necessário alavancar o compromisso evangelizador dos leigos abrindo-se ao diálogo e a colaboração com os membros de outras Igrejas Cristãs e religiões²²⁸ (RM 2).

Francisco enfatiza as afirmações do antecessor Papa João Paulo II, memorizando e exaltando a todos que o mandato do anúncio do Evangelho se fundamenta e constitui no “primeiro serviço que a Igreja pode prestar a cada pessoa e a toda a humanidade no mundo de hoje”(RM 1). Para isso, ela foi chamada: proclamar o Evangelho do Filho de Deus, Cristo, o Senhor, e inspirar com Ele em todos os povos a escuta da fé (cf. Rom 1, 1-5; Gal 3, 5) (PE 1).

²²⁷ CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Praedicate Evangelium, sobre a cúria romana e seu serviço à Igreja no mundo*. Papa Francisco, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html#PREAMBOLO.

²²⁸ CARTA ENCÍCLICA. *Redemptoris Missio, sobre a validade permanente do mandato missionário*, JOÃO PAULO II, Papa, Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 7 de Dezembro do ano de 1990, Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Último acesso em: 11/06/2022.

Se faz necessária uma vida pastoral digna de santidade, onde prevalece a justiça, a esperança e a caridade, um verdadeiro amor “*Ágape*” caridoso e sem espera de recompensa. Uma Igreja em saída para diante de uma santidade para além dos muros, de braços estendidos e de coração aberto. Um sentimento de família, de união e não de separação, distante de ideologias que afastam e dividem, quebrando o único sentido e razão existencial o Cristo Senhor. A esperança leva à fé e por sua vez direciona o povo de Deus ao caminho da santidade.

Francisco lança luzes entre as “encíclicas” e exortações nas quais os aspectos de santidade refletem internamente na instituição e no povo santo de Deus, ainda refletindo a luz do Concílio Vaticano II. Assim, pode-se enumerar alguns pontos chave de grande reflexão teológica para traçar o linear dos aspectos de santidade do Papa Francisco:

- A humildade como princípio seguindo o exemplo de São Francisco convidando a todos serem franciscanos;
- A Igreja é organização que vive o Evangelho e não um rótulo de uma embalagem;
- Abrir-se à misericórdia e ao amor-caridade;
- Apresentar o Cristo sendo exemplo, mostrando a fé e a propondo e não impondo;
- Postar-se à serviço como forma de seguir o Evangelho de Jesus Cristo, sendo discípulo;
- Ser parte do povo e junto ao povo, “sentindo o cheiro da ovelha”;
- Ser uma Igreja Sinodal, fazendo junto, organizando junto e dando ênfase à importância da unidade;
- Transbordar a alegria e a esperança do evangelho e negando o pessimismo na vida do cristão;
- Uma Igreja pobre para os pobres, com perspectivas de atingir os famintos e necessitados.

Outro aspecto importante a ser observado é a forma sinodal com que Francisco busca elementos para o fechamento de suas obras. Permite, desta maneira, um estruturado tecer teológico onde todos caminham juntos na construção de pontes e não de barreiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de santidade abordada desde o Concílio Vaticano II até a *Gaudete et Exsultate* do Papa Francisco, observa-se que o magistério de Francisco está sustentado pelos princípios pastorais e teológicos estabelecidos neste Concílio. Tendo acompanhado e refletido nesta pesquisa os documentos da Igreja e textos oriundos sobre o tema de outros autores e colocando em destaque os textos do autor J.W. O'Malley, não é preciso agora resumir o que foi dito anteriormente. Julgo que cada um dos três capítulos aqui apresentados possa ter revelado, por si só, a sua lógica constituída, seus conteúdos e as conclusões ao final de cada um. Cabe ressaltar que o Papa Francisco tem por objetivo ir além de uma reforma estrutural da Igreja como já foi observado. Ele propõe um caminho voltado ao interior, conduzindo a um novo significado e uma repaginação às estruturas existentes. Por isso, gostaria de procurar, no final desse estudo, aquilo que eventualmente tenha norteado os aspectos de santidade, de 1961 até 2022.

De certo, somente é possível descobrir o que as fontes estabelecidas permitem ver. O que extrapola estes parâmetros somente seriam suposições inferidas ao estudo. Como a abordagem “santidade” reflete uma legislação canônica e apostólica, optou-se por nortear o pensamento e a atuação do “colegiado” responsável pela indicação ao título de santo(a) e, por fim, os modos percorridos no processo de canonização de dois santos que nasceram e residiram no Brasil. Existe obviamente um mistério em cada um deles, os quais ninguém pode desvendar, por serem atribuídos exclusivamente a eles e, principalmente, por se tratarem de milagres que a ciência não conseguiu explicar de fato.

Não obstante, é praticamente impossível não querer se aprofundar no que levou tais pessoas a viverem de forma tão diferente do restante da humanidade em tempos distintos na história de cada um. Com base no estudo historiográfico das Atas Sinódicas do Concílio Vaticano II, das Atas Apostólicas, dos documentos da Igreja neste período da pesquisa e de autores diversos sobre o tema, optou-se por uma classificação genérica sobre a santidade e o percurso pelo qual as pessoas são chamadas a fazerem parte dessa vida de Amor a Deus e Amor ao próximo como discípulos de Jesus Cristo.

Na verdade, o mundo permanece carente da santidade. A crise é global, os discípulos missionários devem buscar a santidade pela conversão do curso dos acontecimentos, pois não se limita a fazer caridade e sim lutar por “políticas” que torne o planeta mais habitável, que tenha condições de justiça social mais equilibrada afim de reestabelecer um

relacionamento de fé entre Deus e a humanidade. O percurso analisado no processo de canonização de “Frei Galvão” e “Irmã Dulce dos pobres” revela que ambos tinham como característica comum o Amor a Deus, a fé e a perseverança no que acreditavam. Suas obras foram construídas com a força sobrenatural, uma resistência acima do que se infere ao ser humano. A caridade praticada por ambos não era para eles mas sim com o olhar fitado no olho de quem recebia, como diz o Papa Francisco “E quando dou esmola, se não olho nos olhos da pessoa que ajudo, se não toco a sua miséria, então aquela esmola é para mim mesmo”²²⁹ (FRANCISCO, 10 de Julho, 2022).

A santidade se faz presente bem próximo de cada um no dia a dia, em cada lar, nos locais de trabalho e nos cultos religiosos onde existe uma possibilidade ainda maior do encontro íntimo com Deus. Existe nos humildes servidores uma abertura para encontrar em cada um ou em cada uma laços como resultado da humilhação, aproximando-se humildemente de outros humildes e de pessoas queridas, ativas e que procuram sempre estar achegadas ao lado e próximas de todos. É um caminhar que permite aquisição de conhecimento e de uma sabedoria única, construído passo a passo, dia a dia, em uma comunidade e em uma Igreja ativa, profética que não abaixa a cabeça para as injustiças e os desleixos dos maus gestores de qualquer patamar político. Isso é um reflexo da presença de Deus sentida por todos os que o conhecem e o servem santamente.

Contudo, ao passar pelo sofrimento e pela busca, estas pessoas chegam a crer na possibilidade de inversão do seu destino. No entanto, não desistem e colocam-se a serviço como Jesus Cristo Se colocou diante da missão oferecida pelo Pai. A educação religiosa recebida por Ele trazia os conhecimentos dos antepassados de Maria e José e, portanto, uma experiência de vida do povo hebreu, carregando antropologicamente as profecias recebidas na história.

Ainda falando aos profetas e posteriormente vivenciada pelo discipulado, durante a missão para a qual Jesus Se declara ter sido enviado pelo Pai, tem-se a santidade no estado de graça como um aspecto pertencente ao povo de Deus em todos os elementos de sua vida de santidade. Esta vida, a começar do próprio batismo, passando pelas experiências comunitárias e diante de milagres e acontecimentos inesperados ainda concedidos em vida pela doutrina, pela fé e pela escolha. Assim, como Jesus Cristo enviou os doze, pela cruz até

²²⁹cf. ERPEN, Jackson. *Papa: caminhando com Jesus, se aprende a ver o outro e sentir compaixão*, Vatican News, Cidade do Vaticano, 10 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-07/papa-francisco-angelus-10-julho-2022-parabola-bom-samaritano.html>. Último acesso em: 11/06/2022.

a ressurreição, a santidade se faz presente diariamente diante da permanência na sagrada eucaristia, no convívio presente no meio de todos e em locais que se faz necessária a participação na promoção e realização da atividade evangelizadora (EN 6).

Existe a santificação pela busca constante da equidade social, do fazer o bem, da entrega sem volta pelo outro e, nestes casos, se enquadram os filhos e filhas de Deus, canonizados ou não, que tiveram, no entanto, uma vida carregada de milagres antes e depois de concluírem a Páscoa na terra. Essas pessoas transpassaram por todas as barreiras, aproximando-se e não se afastando ou bloqueando o próximo mais carente e necessitado. Elas fitaram o olhar e o coração para atender ao chamado e enfrentaram todos os desafios de suas épocas, buscando os recursos necessários, implorando a ajuda de Deus para concluírem a missão.

Ainda hoje as definições do que é ser santo não sofreram grandes alterações desde o Concílio Vaticano II. Não se trata, portanto, de afirmar com certeza uma receita para a santidade. O que se pode afirmar pela fé é que Deus é Santo e Seu Filho também é Santo, portanto toda a humanidade pode se tornar também santa pelo discipulado.

Ao rever em Francisco os aspectos do Concílio Vaticano II, pode-se observar que ao escrever a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, ele (o Papa) bebe da fonte da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Especificamente o chamado à santidade corresponde fielmente ao espírito conciliar, procurando deixar claro o seu empenho para o diálogo entre a Igreja e os tempos modernos. Para isto, insiste que não é somente fazer uma reforma estrutural da forma de gerir a Igreja, mas, é necessária uma real mudança de mentalidade e ou conversão interna e externamente, “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’²³⁰. Constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’²³¹, em todas as regiões da terra” (EG 25).

O convite à santidade de vida e um apelo à conversão, esperado por Francisco, faz memória ao Vaticano II, assim: O Senhor “Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumidor, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição” (LG 40), Pois Ele é o princípio do chamado à santidade e citando “A

²³⁰ CELAM, DOCUMENTO DE APARECIDA. *Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Texto oficial, Aparecida, Documento Final, 13-31 de maio de 2007, ed. (29 de junho de 2007), n. 201.

²³¹ *Ibidem*, n. 551.

índole sagrada e, orgânica da comunidade sacerdotal efetiva-se pelos sacramentos e pelas virtudes. Os fiéis, incorporados na Igreja pelo Baptismo, são destinados pelo carácter baptismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja (LG 11). Ele (o Papa ainda insiste): “Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (GE 14). Isto nos faz questionar: se todos somos chamados à santidade, qual seria o motivo da grande canonização de religiosos comparados aos leigos, visto que a proporção de fiéis leigos é muito superior ao número de consagrados, clérigos, entre outros.

Esta é a busca que Francisco coloca diante da perspectiva missionária: uma urgência e o chamado à santidade de vida como fonte de fecundidade para a ação evangelizadora e pastoral da Igreja frente aos desafios do mundo atual, entre eles destacam-se os sociais, econômicos, religiosos e culturais. “O meu objetivo é humilde: fazer ressoar mais uma vez a chamada à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com os seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós” (GE 2).

Essa escolha permite a liberdade em que os que aceitam ter sua forma de vida doada, simplicidade e humildade. Esta humanidade “santos e santas” manifestam uma vida exemplar em Cristo, e são dignos da admiração dos fiéis (GE 5) “Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora” (GE 138). Sendo assim, “O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida (GE 138).

O Papa coloca em evidência a “Palavra e a Eucaristia” como meios propostos pela Igreja para a nossa santificação pessoal. A Palavra tem a força de transformar a nossa vida “a devoção à Palavra de Deus não é apenas uma dentre muitas devoções, uma coisa bela, mas facultativa. Pertence ao coração e à própria identidade da vida cristã. A Palavra tem em si mesma a força para transformar a vida (GE 156). Deste modo, a Palavra atinge sua plena eficácia na Eucaristia, pois a Palavra “conduz-nos à Eucaristia, onde essa mesma Palavra atinge a sua máxima eficácia, porque é presença real d’Aquele que é a Palavra viva. Lá o único Absoluto recebe a maior adoração que se Lhe possa tributar neste mundo, porque é o próprio Cristo que Se oferece. E, quando O recebemos na Comunhão, renovamos a nossa aliança com Ele e consentimos-Lhe que realize cada vez mais a sua obra transformadora” (GE 157; LG 42).

Como princípio teológico, o Pontífice afirma que fomos criados para a comunhão, somos salvos e nos santificamos na comunhão, pois a “santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois” (GE 141). Francisco ainda diz: “A santidade é o rosto mais belo da Igreja” (GE 9). A santidade aparece e atua no mundo enquanto “povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

A comunhão é complementada pela caridade. Ela, como boa semente, deve crescer e frutificar na alma. Desta forma, cada fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus e cumprir, com a ajuda da graça, a Sua vontade. Francisco exalta que os fiéis devem sobretudo participar frequentemente dos sacramentos, prioritariamente da Eucaristia, e nas funções sagradas, dando-se continuamente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço efetivo de seus irmãos e à toda a espécie de virtude; pois a caridade, vínculo da perfeição e plenitude da lei (cf. Col. 3,14; Rom. 13,10), é que dirige todos os meios de santificação, os informa e leva a seu fim (AAS 42, 1950, p. 660). E, pois, pela caridade para com Deus e o próximo que se caracteriza o verdadeiro discípulo de Cristo “uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão! Ou poder-se-á porventura entender a santidade prescindindo deste reconhecimento vivo da dignidade de todo o ser humano? (GE 98).

A santidade que Deus dá à sua Igreja vem através da humilhação do seu Filho, mediante a qual Ele derrama sobre ela o Espírito Santo (LG 40, GE 118). O Papa Francisco recorda o testemunho e a vida de uma multidão de homens e mulheres que nos estimula a continuar a corrida rumo à meta (GE 3), Assim, a santidade é o rosto mais belo da Igreja. Neste sentido, ele (o Papa) quer afirmar que o rosto da Igreja é Cristo mesmo, de quem a multidão inumerável é testemunha. “E entre tais testemunhas, podem estar a nossa própria mãe, uma avó ou outras pessoas próximas de nós” (GE 3) Esse testemunho pode ser traduzido por nós como “a santidade do lar”.

Ao observar a sequência cronológica do processo de canonização de frei Antônio de Sant’Anna Galvão (frei Galvão) e de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes (Irmã Dulce dos Pobres), evidencia-se que cada santo é uma missão, um projeto exclusivo do Pai que visa refletir e encarnar um aspecto do evangelho e, neste sentido, pode-se existir o modelo. No entanto, não existe cópia fiel que possa ser utilizado como padrão de santidade (GE 19). Cada Santo é uma mensagem que o Espírito extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo em seu tempo cronológico, traduzindo as experiências vivenciadas em cada época (GE 21). Ao seu modo, todos eles refletem algo de Jesus Cristo para o mundo de hoje (GE 22-23).

Como eixo de raciocínio pastoral, fundamentado nas referências disponíveis e consultadas em busca da evangelização santificadora, compreende-se que a vocação ou chamado à santidade de que fala a LG possui fundamento bíblico e, como tal, está profundamente relacionada com a prática concreta da vida de cada dia independente do tempo e lugar. É nesse sentido que Francisco afirma que, para ser santa, a pessoa não precisa fugir do seu estado de vida. A santificação ocorre exatamente e somente pelo compromisso com a sua condição humana e cristã. A santidade consiste na vocação e na capacidade de colocar em prática o apelo divino por meio da vivência evangélica e do próprio estilo de vida (LG 39).

Por fim, deixo algumas “provocações” para a Igreja do nosso tempo:

No caminho reverso do Pontificado de Francisco ao Concílio Vaticano II é notório grandes lacunas ao confrontar o capítulo 5 da *Lumen Gentium* com a *Gaudete et Exsultate*. Internamente dentro da Instituição Igreja Católica como sempre quis se colocar no sentido de abraçar todas as “igrejas”, encontram-se divisões que olham para o Vaticano II como ele nunca tivesse existido, e ainda se dizem Igreja, neste sentido nem parece que o Espírito Santo olhou para a Igreja neste século.

As mensagens transmitidas pelas mídias sociais como formas de “evangelização” pregam em geral uma forma de santidade tão ultrapassada que não se permite ter o sabor da alegria como diz Francisco e se não tiver afinidade com a sua forma de pensar o Papa João Paulo II diz:

[...] é preciso redescobrir, em todo o seu valor programático, o capítulo V da Constituição dogmática *Lumen gentium*, [...]. Se os padres conciliares deram tanto relevo a esta temática, não foi para conferir um toque de espiritualidade à eclesiologia, mas para fazer sobressair a sua dinâmica intrínseca e qualificativa. A redescoberta da Igreja como “mistério”, ou seja, como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4) não podia deixar de implicar um reencontro com a sua “santidade”. Professar a Igreja como santa significa apontar o seu rosto de Esposa de Cristo, que a amou entregando-Se por ela precisamente para a santificar (cf. Ef 5,25-26). Este dom de santidade, por assim dizer, objetiva é oferecido a cada batizado (NMI 57).

Percebe-se, portanto, que ainda “alguns” tendem a caracterizar e confundir “carolas” e “bajuladores de pé de altar”. É proveniente salientar que a santidade dos cristãos e cristãs devem ser a reprodução de um mundo harmonioso, sadio, e próximo da realidade do dia a dia e, neste sentido, a humanidade é chamada a ser santa (cf. 1Cor 1,2).

Por fim, a santidade é dom do Espírito Santo (LG 39), acolhido mediante a prática da caridade. Desta forma, ênfase em consonância com o Papa Francisco que o risco de não chegar à santidade só será perceptível quando na humanidade continuar existindo a falta do

amor (LG 42). Isto será refletido principalmente nos “que vivem oprimidos na pobreza, na fraqueza, na doença e noutras tribulações, ou os que sofrem perseguições por amor da justiça” (LG 41). Portanto, tanto a *Lumen Gentium* quanto a *Gaudete et Exsultate* deixam claro que a Igreja sinodal precisa e deve ter como objetivo seguir o exemplo de Cristo, o qual, além de Se fazer pobre, quis ser O evangelizador dos pobres.

A Igreja missionária deve ser de saída e, contudo, indicar os caminhos pelos quais a comunidade pode vivenciar esse chamado à prática do amor e da caridade. O Vaticano II é muito enfático quando se refere a esse fato: “O dom principal e mais necessário é a caridade, pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por causa Dele” (LG 42). Sede santo ajudando alguém, fazendo o bem como o Mestre Jesus Cristo ensinou. A verdadeira santidade está no Amor que cada um tem a entregar ao seu próximo, agindo de compaixão, superando preconceitos e dogmatismos, estando atento aos que sofrem e precisam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTOS DA IGREJA

ACTA APOSTOLICAE SEDIS. AAS, 1 Commentaei um Officiale, Acta PU Pp. XII, An. et vol. L, 27 Ianuarii 1958 (Ser. II, T.XXT) -N . 1, p. 17.

ACTA APOSTOLICAE SEDIS. AAS, 11 [172] (1919) Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-11-1919-ocr.pdf> Último acesso em: 19/04/2022.

ACTA APOSTOLICAE SEDIS. Commentarium officiale, Acta Ioannis PP. XXIII, Sollemnis Allocutio, An. et vol. LI, 27 februarii, 1959 (Ser. III, v.I) – N.2. <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-51-1959-ocr.pdf>

ACTA ET DOCUMENTA APPARANDO. CONCILIO OECUMENICO VATICANO II, AA, series prima, vol. 1 (Antepreparatoria). Città del Vaticano, 1960-1961. 4 volumina.

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII, VATICANO II., AS, Città del Vaticano, 1970-1991. 5 volumina.

CARTA ENCÍCLICA. *Aeterna dei Sapientia*, In: AAS, v.7, Papa João XXIII, Roma, 11 de novembro de 1961, disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11111961_aeterna-dei.html. Último acesso em: 01/07/2021.

CARTA ENCÍCLICA. *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Último acesso em: 10/05/2022.

CARTA ENCÍCLICA. *Laudato si'*, sobre o cuidado da casa comum, Francisco. AAS 107 (2015) 847-945. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Último acesso em: 11/05/2022.

CARTA ENCÍCLICA. *Lumen Fidei, aos Bispos aos Presbíteros e aos Diáconos, às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre a Fé*. Papa Francisco. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html#_ftnref6

CARTA ENCÍCLICA. *Redemptoris Missio, sobre a validade permanente do mandato missionário*, João Paulo II. Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia 7 de dezembro do ano de 1990, n.13, no XXV aniversário do Decreto conciliar *Ad gentes*, décimo terceiro do Pontificado. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Último acesso em: 07/07/2021.

CARTA ENCÍCLICA. *Ut unum sint, sobre o empenho ecumênico*, JOÃO PAULO II, Roma, 25 de maio, 1995.

CELAM. *Conclusões da III conferência geral do episcopado latino-americano, Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, Texto oficial, Puebla de los Angeles, México, 21-1 a 13-02 de 1979.

CELAM. *Conclusões da IV conferência geral do episcopado latino-americano, Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, Santo Domingo, Santa Fe de Bogotá 10 de novembro de 1992, Texto oficial, Brasília, 7ª edição, CNBB, 1992.

CELAM. *DOCUMENTO DE APARECIDA. Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Texto oficial, Aparecida, Documento Final, 13-31 de maio de 2007. Disponível em: http://dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Último acesso em: 21/09/2021.

CELAM. *DOCUMENTO DE MEDELLÍN. Texto integral presença da Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II, conclusões da II Conferência Geral do Episcopado latino-americano*, Medellín, Colômbia, 1968. Disponível em: https://issuu.com/iglesia.cl/docs/documento_conclusivo_medellin, texto original e traduzido em: <https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-medellin-texto-integral>. Último acesso em: 21/07/2021.

CELAM. *DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO. Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, Santo Domingo, Santafé de Bogotá 10 de novembro de 1992, Texto oficial, Brasília, 7ª edição, CNBB, 1992. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf. Último acesso em: 08/09/2021.

CELAM. *DOCUMENTO PUEBLA. Conclusões da III Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano, Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, Texto oficial, Puebla de los Angeles, México, 21-1 a 13-02 de 1979. Disponível em:

http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf. Último acesso em: 21/09/2021.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Campanha da fraternidade - CF-2020: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso – “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”*, Lc 10, 33-34, Manual Brasília: Edições CNBB, 2019.

CNBB, DGAE. *Documento 109, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, Brasília, 2019-2023.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Humanae Salutis, para a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II*, João XXIII, (Roma, 25 de dezembro de 1961), Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Último acesso em: 06/07/2020.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Humanae Salutis, para a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II*, JOÃO XXIII, Papa Roma, 25 de dezembro de 1961, Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Último acesso em: 06/07/2021.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA. *Praedicate Evangelium*, sobre a cúria romana e seu serviço à igreja no mundo, Francisco, Roma, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicate-evangelium.html. Último acesso em: 05/06/2022.

CONSTITUIÇÃO CONCILIAR. *Sacrosanctum Concilium, Sobre a Sagrada Liturgia*, Paulo VI, Roma, 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Último acesso em 29/09/2021.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen gentium, sobre a Igreja*, Paulo VI, Roma, 21 de novembro de 1964. n. 42. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Último acesso em 01/07/2021.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA. *Dei Verbum*, Sobre a Revelação Divina, Paulo VI, Roma, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Último acesso em: 06/03/2021.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL. *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no Mundo Atual, Paulo VI, Roma, 7 de dezembro de 1965.), Disponível em:

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Último acesso em: 06/09/2021.

DECLARAÇÃO. *Gravissimum Educationis, sobre a educação cristã*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html último acesso em: 19/04/2022.

DECLARAÇÃO. *Nostra Aetate, sobre a Igreja e as religiões não-cristãs*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html Último acesso em: 22/04/2022.

DECRETO. *Unitatis Redintegratio, sobre o ecumenismo*, Paulo VI, Vaticano, 21 de novembro, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html Último acesso em: 23/04/2022.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Gaudium, A Alegria do Evangelho*, do Papa Francisco Documentos Pontíficos-17, Brasília, Edições CNBB, 2013.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Nuntiandi*, ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo, Roma, 1961. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Último acesso em: 06/07/2020.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Evangelii Nuntiandi, ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo*, Paulo VI, Roma, 1961. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Último acesso em: 06/07/2020.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Gaudete Et Exsultate*, sobre a chamada à santidade no mundo atual, do Papa Francisco© Copyright - Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2018.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA. *Gaudete in Domino*, Paulo VI, (9 de Maio de 1975), 22: AAS 67 (1975), 297). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19750509_gaudete-in-domino.html. Último acesso em: 11/05/2022.

FRANCISCO, Papa. *Canonizações Congregação para as Causas dos Santos*. Causesanti.va Disponível em: <http://www.causesanti.va/it/celebrazioni/canonizzazioni.francesco.html>. Acesso em: 10 janeiro de 2022.

INSTRUÇÃO PASTORAL. *Aetatis Novae. Sobre as Comunicações Sociais*, nº6, Papa João Paulo II, 1992. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_2021992_aetatis_po.html. Último acesso em 02/09/2021.

TESES E DISSERTAÇÕES

ABBUD, Cristiane Negreiros. *Iluminação Trinitária em Santo Agostinho*, tese apresentada ao programa de pós-graduação de filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia, São Paulo, 2007.

ABBUD, Cristiane Negreiros. *Iluminação Trinitária em Santo Agostinho*, tese apresentada ao programa de pós-graduação de filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia, São Paulo, 2007.

BOMBONATTO, Ivanise. *Seguimento de Jesus na cristologia de Jon Sobrino*, dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

BULHOSA, Tatiana Machado. *De Santos e Viagens – A construção comparada do conceito de santidade nas biografias de São Columba e São Columbanus*, Dissertação apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, Mestrado em Ciências da Religião, São Paulo, 2019.

FARIA, Jonas Silva. *Jesus de Nazaré: Sua relação com Deus Pai em Joachim Jeremias e seus desdobramentos*, Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Teologia, Curitiba, 2012.

GRENZER, Mattias. *Chico Mendes como Vereador Xapuriense (1977-1982). Dissertação Mestrado*, PUC-SP, 2013. apud. José D' Assunção Barros, Teoria da história. Disponível em: <https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/12801/1/Matthias%20Grenzer.pdf>. Último acesso em: 12/10/2021.

SANTOS, Leandro dos. *O Encontro Com Jesus Cristo: Exigência Para o Discipulado*, Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, para obtenção do título de mestre em teologia, São Paulo, 2014.

SANTOS, Leandro dos. *O Encontro Com Jesus Cristo: Exigência Para o Discipulado*, Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de mestre em teologia, São Paulo, 2014.

SILVA, Mina Solange Generoso. *A Relevância da Historicidade de Jesus de Nazaré para a Compreensão do Reino de Deus*, Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do título de mestre em teologia, São Paulo, 2012.

SOUZA, Bianca Gonçalves de. *O santo é brasileiro: história, memória, fé e mediação no estudo de santo Antonio de Sant'Ana Galvão*, Tese Doutoral de História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009. Resumo Disponível em: <https://tedeantiga.pucsp.br/bitstream/handle/13200/1/Bianca%20Goncalves%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 11/05/2022.

SOUZA, Leandro Faria de. *A construção processual da santidade com uma abordagem e interpretação da causa de Antônio Galvão de França*, tese doutoral, PUC-SP, 2018. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/21677/2/Leandro%20Faria%20de%20Souza.pdf>. Último acesso em 13/07/2022.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

ARNS, Paulo Evaristo. *Estrelas na noite escura: pensamentos*. (org. Maria Angela Borsoi). São Paulo: Paulinas, 2006.

BENTO XVI. *Santa Missa e Canonização de Frei Antônio de Sant'anna Galvão, OFM, vatican.va. n. 3*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070511_canonization-brazil.html, último acesso em 28/12/2021.

CHAMBIN, J. K. *Liberdade/Libertação*, Op. Cit. cf. HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., orgs, Dicionário de Paulo e Suas Cartas, 2008

CHAUVIN, Jean Pierre. *Marquês de Pombal: Retrato sem Moldura*, Revista De Estudos De Cultura, Nº 04, Jan.Abr ./2016, p. 67, op.Cit. (SOUZA, 2015, p. 292).

CIC. *Catecismo da Igreja Católica*, edição típica vaticana, 1998, edições Loyola, São Paulo, 2000.

DE SOUZA, Ney et al. *Vaticano II, a urgência de uma recepção*. Revista de cultura teológica, ano XXIX, nº 99, ISSN - Impresso 0104-0529 / Eletrônico

DE SOUZA, Ney. *Dei Verbum. Notas sobre a constituição do texto conciliar*. Revista de Cultura Teológica. Ano XXIII. N. 85. Jan/julho, 2015.

-
- DE SOUZA, Ney. *Teologia do Papa Francisco. Piedade Popular*. Paulinas, 2019.
- ESTRADA, Juan Antonio. *Da salvação a um projeto de sentido: Como entender a vida de Jesus*, tradução: TITON, Gentil Avelino, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2016.
- FARIA, Jonas Silva. *Jesus de Nazaré: Sua relação com Deus Pai em Joachim Jeremias e seus desdobramentos*, Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, para obtenção do título de Mestre em Teologia, Curitiba, 2012.
- FERREIRA, Reuberson. *A palavra de Deus no Vaticano II. Considerações sobre a constituição Dogmática Dei verbum e sua recepção na prática pastoral na Igreja no Brasil. Breve história do Vaticano II, notas sobre o concílio e sua recepção na América Latina*. Org. Ney de Souza, São Paulo, Editora Recriar, 2021, p. 60-65.
- HAWTHORNE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., (orgs.). *Dicionário de Paulo e suas Cartas*, organizador associado REID, Daniel G., tradução LAMBERT, Barbara Theoto, editoras, Paulus, Vida Nova e Loyola, 2ª edição Edições Loyola, São Paulo, 2008.
- <http://revistas.pucsp.br/culturateo> Maio-Ago de 2021. Último acesso em: 08/05/2022.
- JOSAPHAT, Carlos. *Amor/Caridade*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.), *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.
- LABONTÉ, Guy; ANDRADE, Joachim, organizadores. *Caminhos para a missão, fazendo missiologia contextual*. Abc BSB Editora Ltda., Brasília, 2008.
- LANCEY, Brian. *O' Brian Pocket History of Irish Saints*. Dublin: O' Brien Press, 2003.
- MANZATO, Antonio. *Esperança*, *Dicionário do Concílio Vaticano II*, dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez. São Paulo: Paulus, 2015
- MODENA, Hernane; SOUZA, Ney de (org). *Vaticano II, história, teologia e desafios, A Igreja testemunha da misericórdia*. Editora CRV, Curitiba, 2019.
- OTTAVIANI, Edécio; FERREIRA, Edí Gomes. Comunidades cristãs: eco da voz de Jesus. *Revista Cultura Teológica*, Ano XXVI, n.91, Jan-Jun 2018, p. 291.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Vozes: Petrópolis/RJ, 2014.
- PORTER, S.E. *Santidade/Santificação*. Op. Cit. Cf. HAWTHORNE, Gerald F.,
- QUEIRUGA, André Torres. *Creados Por Amor: La Santidad Cristiana*, Revista internacional de Teologia Concilium, editorial verbo divino, Repensar La Santidad, BINGEMER, Maria Clara; QUEIRUGA, André Torres e SOBRINO, Jhon, (eds.), edição 351, junho de 2013.
- REIS, Samila da Fonseca. *Maria Madalena a construção da santa prostituta*, Editorial Ciber Teologia, Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI, n. 62, janeiro / abril de 2020.
- SANTOS, Armando A. dos. *Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro*. São Paulo: Petrus, 2007.

SANTOS, Benedito Beni dos. *O projeto eclesiológico do Vaticano II*. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, v. 12, n 48, jul./set. 2004.

SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOUZA, Isadora Maria Oliveira; PELINSKI, Márcio José. *A conversão ecológica proposta pela Laudato Si' diante da sociedade de consumo*. Caderno Intersaberes, v. 10, n. 28, p. 82-91, 2021.

SUESS, Paulo. *Missão / Evangelização*, Dicionário do Concílio Vaticano II, dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez. São Paulo: Paulus, 2015.

THEOBALD, Christoph. *A recepção do Concílio Vaticano II, Por uma teoria da recepção*, Editora Unisinos, 2015, p. 494)

TRESE, Leo J., *a fé explicada*, tradução de Isabel Perez, Ed. Quadrante, São Paulo, 2011.

TURSI, Carlo, FRENCKEN, Geraldo, *Mantenham as Lâmpadas Acesas: revisando o caminho, recriando a caminhada*, UFC, Editora da Universidade Federal do Ceará, Lorscheider, 2008

URBEL, J. Perez de. *Vida de Cristo*. Quadrante: São Paulo/SP, 2000.

XAVIER, Donizete José. *Testemunho*. In PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.), Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BARROS, Diego. *Padre Cícero, que foi prefeito, amigo de Lampião e das elites do CE, morreu há 84 anos*, Correio da Notícia, 20/07/2018, Ceará. Disponível em: [https://correionoticia.com.br/noticia/cultura/padre-cicero-que-foi-prefeito-amigo-de-lampiao-e-das-elites-do-ce-morreu-ha-84-](https://correionoticia.com.br/noticia/cultura/padre-cicero-que-foi-prefeito-amigo-de-lampiao-e-das-elites-do-ce-morreu-ha-84-anos/43/20802#:~:text=Padre%20C%ADcero%20j%C3%A1%20%C3%A9%20santo%20pelo%20que%20fez,domiciliares%2C%20como%20nunca%20se%20tinha%20visto%20na%20regi%C3%A3o.)

[anos/43/20802#:~:text=Padre%20C%ADcero%20j%C3%A1%20%C3%A9%20santo%20pelo%20que%20fez,domiciliares%2C%20como%20nunca%20se%20tinha%20visto%20na%20regi%C3%A3o.](https://correionoticia.com.br/noticia/cultura/padre-cicero-que-foi-prefeito-amigo-de-lampiao-e-das-elites-do-ce-morreu-ha-84-anos/43/20802#:~:text=Padre%20C%ADcero%20j%C3%A1%20%C3%A9%20santo%20pelo%20que%20fez,domiciliares%2C%20como%20nunca%20se%20tinha%20visto%20na%20regi%C3%A3o.) Último acesso em: 10/07/2022.

BENATTE, Antonio Paulo. *A Nova História Religiosa - A propósito de um livro recente, Projeto História*, revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC-São Paulo, n.37, p. 77, jul/dez. 2008. Disponível em:

BORDINI, Gilberto Aurélio; SOUZA, Isadora Maria. *A influência de São Francisco de Assis na Laudato Si'*. Caderno Intersaberes, v. 9, n. 19, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1506>. Acesso em: 11/05/2022.

CANTALAMESSA, Raniero. “*quem de vós pode acusar-me de pecado?*” *Jesus Cristo, “verdadeiro homem”*, *Segunda Pregação da Quaresma de 2021*, Capuchinhos, Ordem dos Frades Menores, Província Portuguesa, Igreja Católica 05.03.2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-03/segunda-pregacao-quaresma-2021-cardeal-raniero-cantalamezza.html>. Último acesso em: 11/10/2021.

CHACON, Jerry Adriano Villanova. *De esperança em esperança – Dom Paulo Evaristo Arns*, São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.diocesesa.org.br/2017/02/de-esperanca-em-esperanca-dom-paulo-evaristo-arns/>, último acesso em: 09/10/2021.

CHEVITARESE, André L., Daniel S. Veiga. *O significado das ações de curas de Jesus na sociedade judaica: uma abordagem antropológica*. *Revista De História Comparada*, Rio de Janeiro, 7,2: 149-162, 2013. Disponível em: http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/_vti_cnf/volume007_Num002_artigo006.pdf. Último acesso em 30/06/2020.

CHRISTIANITYTODAY. *Os 50 países em que é mais difícil ser cristão em 2021*, editores da *Revista CT CHRISTIANITYTODAY*, 13/janeiro/2021. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/news/2021/january/perseguido-aos-cristaos-perseguidos-2021-paises-lista-pt.html>.

COMBLIN, José. *Teologia da Missão*, Quarto Núcleo, 2017, disponível em: <http://www.missologia.org.br/wp-content/uploads/2017/11/4nucleo.pdf>. Último acesso em 29/06/2020.

COSTA, Françoá. *A Transmissão Da Fé: Querigma, Catequese, Teologia*, *Revista de Magistro de Filosofia – Faculdade Católica de Anápolis*, ISSN 1808-0626, Ano V – Nº. 10. – Anápolis – 2015/2. Disponível em: https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2015/10/07_No17.pdf

COSTADOAT, Jorge. *Despliegue Social de La Espiritualidad en América Latina Desdobramento Social da Espiritualidade na América Latina Social Deployment of Spirituality in Latin America*, *Teocomunicação*, *Revista de Teologia da PUCRS Programa de Pós-Graduação em Teologia Escola de Humanidades*. Porto Alegre, v. 49, n. 2, julho-dezembro 2019 e34861. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/34861/19374>, Último acesso em 08/08/2020.

COSTADOAT, Jorge. *Seguimiento de Cristo*, 2016. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1411>. Último aceso em: 10/08/2021. p. 2.

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR D. MANUEL FRANCO FALCÃO, *Siglas da Igreja*. Disponível em: https://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/siglas_abreviaturas.php. Último acesso: 03/08/2021.

ERPEN, Jackson. *Papa: caminhando com Jesus, se aprende a ver o outro e sentir compaixão*, Vatican News, Cidade do Vaticano, 10 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-07/papa-francisco-angelus-10-julho-2022-parabola-bom-samaritano.html>. Último acesso em: 11/06/2022.

FRANCISCO, Papa. Homilia. Que o Senhor nos conceda a graça da unidade entre nós, Missa na Casa Santa Marta na manhã de terça-feira (14/04) da Oitava da Páscoa, texto da homilia transcrita pelo Vatican News, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-04/papa-francisco-missa-santa-marta-coronavirus-dificuldades-unidos.html>. Último acesso em: 03/08/2020.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem de sua Santidade o Papa Francisco para o dia mundial das Missões de 2021, A Santa Sé*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20210106_giornata-missionaria2021.pdf

GOMES, Cirilo Folch, OSB. *Antologia dos Santos Padres*. Coleção "Patrologia". Ed. Paulinas, São Paulo, 1985. https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_leao_magno_sermao23_natal_do_senhor.html. Último acesso em: 30/06/2020.

GOMES, Cirilo Folch, OSB. *Antologia dos Santos Padres*. Coleção "Patrologia". Ed. Paulinas, São Paulo, 1985. https://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_leao_magno_sermao23_natal_do_senhor.html. Último acesso em: 30/06/2020.

GRACIOSO, Joel. *Idolatria, ordem e beleza: o caminho de retorno ao Absoluto segundo o De vera religione de Santo Agostinho*, Revista: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, p. 159-170, 2019, Edição Especial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/KsdGYVD5rMtPZBXXNTQSc5p/?format=pdf&lang=pt>

LOURENÇO, Vitor Hugo. *A "opção preferencial pelos pobres" como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Revista de Cultura Teológica, Ano XXV, n°89, Jan/Jun 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i89.31591/pdf>. Último acesso em: 11/05/2022.

-
- MIRANDA, França. *Evangelizar ou Humanizar?* Revista Eclesiástica Brasileira, ano 74, n. 295, jul./set de 2014, p. 519. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/51>
- O'MALLEY, J. *El Concilio del Acercamiento*, Revista Razón y Fe, 2012, t. 266, n° 1367, p. 95-106, issn 0034-0235. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/razonyfe/article/view/9930/9330>. Último acesso em: 22/04/2022.
- O'MALLEY, John W. *Teologia antes da Reforma: Humanismo Renascentista e Vaticano II* -, 2019. Disponível em: [sagepub.com](https://www.sagepub.com). Último acesso em: 22/04/2022.
- PASSOS, João Décio. *Como se faz um santo?* Editorial Ciber Teologia, Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI, n. 62, janeiro / abril de 2020. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/editorial/como-se-faz-um-santo-/76>. Último acesso: 03/08/2021.
- PORTAS ABERTAS. *IGREJA PERSEGUIDA* - Disponível em: <https://portasabertas.org.br/cristaos-perseguidos/igreja-perseguida>. Último acesso em: 30/06/2020.
- PORTAS ABERTAS. *Mapa da Perseguição 202*. Disponível em: https://portasabertas.org.br/lista-mundial/mapa-mundial-perseguiacao_ Último acesso em: 11/05/2022.
- ROCHE, Artur. *Apóstola dos apóstolos*, Arcebispo Secretário da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, Roma, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf. Último acesso: 03/08/2021.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *Protestantismo e Modernidade os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina*, Projeto História, revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC-São Paulo, n.37, p. 180, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume37/Historia%20e%20Religiao.pdf>. Último acesso: 03/08/2021.
- SILBERER, Michael. *O Concílio Vaticano II à luz das mensagens e outros documentos pontifícios*, palestras do XVI Congresso Teológico de Anápolis- GO maio de 2012. Revista Magistro de Filosofia, Ano V N°10. p. 2. Disponível em: <https://www.catolicadeanapolis.edu.br/revmagistro/wp-content/uploads/2013/05/PALESTRAS.pdf>. Último acesso: 03/08/2021.

SOUZA, Bianca Gonçalves de. *Milagres de frei Galvão em vida: alguns relatos*, Projeto História, revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história PUC-São Paulo, n.37, p. 305-318, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume37/Historia%20e%20Religiao.pdf>. Último acesso: 03/08/2021.

SOUZA, Evergton Sales. Igreja e Estado no período pombalino. In: FALCON, Francisco; RODRIGUES, Claudia (Orgs.) A “Época Pombalina” no Mundo Luso-Brasileiro. Rio de Janeiro: FGV, 2015, pp. 277-306. <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8778>. Último acesso: 03/08/2021.

SOUZA, Ismael. *Reflexão cristológico-trinitária: Contribuições para a compreensão da experiência religiosa e da espiritualidade como aproximações para o diálogo inter-religioso*, Revista Brasil Atualidade Teológica, Dpto. de Teologia da PUC-Rio, Ano XVI nº 40, janeiro a abril/2012, p.78). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21636/21636.PDF> Último acesso: 03/08/2021.

SOUZA, Ismael. *Reflexão cristológico-trinitária: Contribuições para a compreensão da experiência religiosa e da espiritualidade como aproximações para o diálogo inter-religioso*, Revista Brasil Atualidade Teológica, Dpto. de Teologia da PUC-Rio, Ano XVI nº 40, janeiro a abril/2012, p.78). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21636/21636.PDF> Último acesso: 03/08/2021.

URBANO, Carlota Miranda. *Tipologias literárias do martírio na hagiografia - As origens*. Revista *THEOLOGICA*, 2.^a Série, 41, 2 (2006). Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=mart%3%ADrio&btnG=)

[BR&as_sdt=0%2C5&q=mart%3%ADrio&btnG=](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=mart%3%ADrio&btnG=) Último acesso em: 24/10/2021.

VEIGA, Edson. *O que faz do Papa Francisco o maior canonizador da história da Igreja Católica*, BBC NEWS, Brasil. De Bled (Eslovênia), 01 de julho de 2019. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/geral-](https://www.bbc.com/portuguese/geral-48826554#:~:text=O%20que%20faz%20do%20papa%20Francisco%20o%20maior,cerim%3%B4nia%20de%20canoniza%C3%A7%C3%A3o%2C%20confirmada%20nesta%20segunda-feira%20%281%C2%BA%29%2C%20)

[48826554#:~:text=O%20que%20faz%20do%20papa%20Francisco%20o%20maior,cerim%3%B4nia%20de%20canoniza%C3%A7%C3%A3o%2C%20confirmada%20nesta%20segunda-feira%20%281%C2%BA%29%2C%20](https://www.bbc.com/portuguese/geral-48826554#:~:text=O%20que%20faz%20do%20papa%20Francisco%20o%20maior,cerim%3%B4nia%20de%20canoniza%C3%A7%C3%A3o%2C%20confirmada%20nesta%20segunda-feira%20%281%C2%BA%29%2C%20) Último acesso em: 11 janeiro de 2022.

WOODEN, Cindy. *Papa promulga reforma da Cúria, enfatizando natureza missionária da Igreja*, Catholic News Service, CNS, edição de 19/05/2022. Disponível em: <https://catholicnews.com/update-pope-promulgates-curia-reform-emphasizing-church-missionary-nature/> . Último acesso em: 05/06/2022.

XAVIER, Donizete José. *O caráter sacramental da revelação na Constituição Dogmática Dei Verbum e suas implicações teológicas*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXII N° 83 Jan/Jun 2014, p. 180. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19262/15087>. Último acesso em: 10/08/2021.

XAVIER, Donizete José. *O caráter sacramental da revelação na Constituição Dogmática Dei Verbum e suas implicações teológicas*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXII N° 83 Jan/Jun 2014, p. 180. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19262/15087>. Último acesso em: 10/08/2021.